

CZASOPISMO INDEKSOWANE
NA LIŚCIE CZASOPISM
PUNKTOWANYCH MNiSW
6 PKT. (LISTA B, LP. 1365)

RECENZOWANE
CZASOPISMO NAUKOWE
POŚWIĘCONE ZAGADNIENIOM
WSPÓŁCZESNEJ HUMANISTYKI
I NAUK SPOŁECZNYCH

CZŁONKAMI REDAKCJI
I RADY NAUKOWEJ SĄ
UZNANI BADACZE Z POLSKI
I ZAGRANICZY

PROSOPON

EUROPEJSKIE STUDIA SPOŁECZNO-HUMANISTYCZNE | EUROPEAN HUMANITIES AND SOCIAL STUDIES

#19 (2) / 2017

PROSOPON



Instytut Studiów Międzynarodowy
i Edukacji w Warszawie

19 (2) / 2017

ISSN 1730-0266

CZASOPISMO INDEKSOWANE
NA LIŚCIE CZASOPISM
PUNKTOWANYCH MNiSW
6 PKT. (LISTA B, LP. 1365)

RECENZOWANE
CZASOPISMO NAUKOWE
POŚWIĘCONE ZAGADNIENIOM
WSPÓŁCZESNEJ
HUMANISTYKI I NAUK
SPOŁECZNYCH

CZŁONKAMI REDAKCJI
I RADY NAUKOWEJ SĄ
UZNANI BADACZE Z POLSKI
I ZAGRANICY

PROSOPON

EUROPEJSKIE STUDIA SPOŁECZNO-HUMANISTYCZNE
EUROPEAN HUMANITIES AND SOCIAL STUDIES

INSTYTUT STUDIÓW MIĘDZYNARODOWYCH I EDUKACJI HUMANUM, PTOUKHA INSTITUTE
FOR DEMOGRAPHY AND SOCIAL STUDIES OF NATIONAL ACADEMY OF SCIENCES OF UKRAINE,
INTERNATIONAL SCHOOL OF MANAGEMENT IN PREŠOV (SLOVAKIA)

KOLEGIUM REDAKCYJNE | Editorial boards:

Redaktor Naczelny / Chief Editor

Prof. zw. dr hab. Wojciech Słomski

Sekretarz redakcji / Assistant editor:

dr Sławomira Lisewska

REDAKTORZY TEMATYCZNI | Section Editors:

Prof. nzw. dr hab. Bronisław Burlikowski,
burlikowski@vizja.pl; Prof. nzw. dr hab. Henryk Pilus,
pilus@vizja.pl; Dr hab. Anna Wawrzonkiewicz-Słomska,
a.wawrzonkiewicz@op.pl

REDAKTORZY JĘZYKOWI | Language Editors:

Tamara Yakovuk – język rosyjski, tiyakovuk@yandex.ru
Prof. Tamara Yakovuk – język rosyjski, tiyakovuk@yandex.ru
Dr Juraj Žiak – język angielski i słowacki, ziak.juraj@gmail.com
Prof. Ramiro Delio Borges de Menezes – język, angielski,
hiszpański i portugalski, borges272@gmail.com
Mgr Marcin Szawiel – język polski, marcin.szawiel@wp.pl
Mgr Martin Laczek – język angielski, martin.laczek@yahoo.co.uk
Mgr Artur Brudnicki – język angielski i francuski
artur.brudnicki@gmail.com

REDAKTOR STATYSTYCZNY I TECHNICZNY | Statistical Editor:

Kiejstut Szymański

OPRACOWANIE GRAFICZNE, SKŁAD I ŁAMANIE | Graphic design:

Fedir Nazarchuk

RADA NAUKOWA | Scientific Council:

Przewodniczący / Chairman: Akademik Ella Libano-
va, prof. dr hab. Zdzisław Nowakowski, doc. PhDr.
Marek Storoška, Ph.D., Ing. Jiří Koleňák, Ph.D., MBA

CZŁONKOWIE | Members:

Jewgenij Babosov, Olga Bałakiriewa, Olga Budak,
Michał Bochin, Olga Březinová, Robert Burcher, Pedro
Ortega-Campos, Władimir Czuzikow, Pavol Dancak,
Nadieżda Deeva, Rudolf Dupkala, Marcel F. Fresco,
Vasili Gricenko, Maria-Luisa Guerra, Dieter Grey,
Tomáš Jablonský, Tatiana Jefimienko, Dietmar Jahnke,
Radek Jurčák, Borys G. Judin, Jindřich Kaluža, Aneta
Karageorgieva, Anatolij M. Kołot, Norbert Kan-
swohl, Slavomír Laca, Mięczysław Lubański, Richard
Lee, Herman Lodewyckx, František Mihina, Piotr
Mikołajczyk, Erich Moll, Vassilis Noulas, Abdumialik
I. Nysanbajew, David Pellauer, Olena Perełomowa,
Jurii Reznik, Michaił Romaniuk, Władimir Sudakow,
Wojciech Słomski, Frantisek Smahel, Stanislav Stolárik,
Helen Suzane, Alex Tiapkin, Maria Marinicova,
Walentyn Wandyszew, Zachraij Wernalij, Peter Vojcik,
Patrick Vignol, Luciana Vigne, Igor Zahara, Nonna
Zinovieva, Juraj Žiak, Marta Gluchmanova, Malgor-
zata Dobrowolska, Daniel West, Jaroslava Kmecova,
Alexander Belochlavek, Vasil Kremen

Lista recenzentów | List of reviewers:

znajduje się na stronie www.prosopan.pl oraz na
końcu numeru

Adres redakcji i wydawcy | Publisher: Instytut Studiów Międzynarodowych i Edukacji Humanum,

ul. Złota 61, lok. 101, 00-819 Warszawa www.humanum.org.pl / Printed in Poland

Co-editor – International School of Management in Prešov (Slovakia)

© Copyright by The authors of individual text

ŻADEN FRAGMENT TEJ PUBLIKACJI NIE MOŻE BYĆ REPRODUKOWANY, UMIESZCZANY W SYSTEMACH PRZECHOWYWANIA INFORMACJI LUB PRZEKAZYWANY
W JAKIEJKOLWIEK FORMIE – ELEKTRONICZNEJ, MECHANICZNEJ, FOTOKOPII CZY INNYCH REPRODUKCJI – BEZ ZGODNY POSIADACZA PRAW AUTORSKICH
WERSJA WYDANIA PAPIEROWEGO PROSOPON. EUROPEJSKIE STUDIA SPOŁECZNO-HUMANISTYCZNE JEST WERSJĄ GŁÓWNA WWW.PROSOPAN.PL

ISSN 1730-0266

Czasopismo punktowane Ministerstwa Nauki i Szkolnictwa Wyższego w Polsce. Lista B, 6 pkt, poz. 1365
The magazine scored by Ministry of Science and Higher Education in Poland. List B, 6 points, pos. 1365

19 (2) / 2017



Spis treści

RAMIRO DÉLIO BORGES DE MENESES: As responsabilidades teológicas: pística, elpídica e agápica	5
JÓZEF CHWEDOROWICZ: Wskaźniki ilościowe w edukacji multimedialnej	21
PAWEŁ CZARNECKI, MARIA GAZIOVA: Pracovné vyhorenie pri práci - definícia a charakteristiky	29
EUGENIA CZERNYSZOWA: Kapitał intelektualny i edukacyjny kształcenia podyplomowego nauczycieli: jego zjawisko i podstawy pojęciowe	45
JANA GLUCHMANOVÁ: Media functions and ethical aspects	53
ŁUKASZ GOMUŁKA: O humanizmie Stanisława Lema	59
KONRAD HARASIM: Efektywność profilaktyki i terapii zachowań samobójczych – stan badań	71
PAWEŁ ANDRZEJ NOWOCIEŃ: Economic development versus social life	83
MARLENA STRADOMSKA: Bagno behawioralne – reduktor wewnątrz sterowności – generator zewnątrz sterowności. Adolescent w ponowoczesnej rzeczywistości	89
ІРИНА ІГНАТЬЄВА, ВАЛЕНТИНА ШУЛЬГА: Сучасні моделі стратегічного управління підприємством в епоху «Мрій»	99



Ramiro Délio Borges de Meneses

Instituto Superior de Ciências da Saúde – Gandra
Centro de Estudos Filosóficos da Faculdade de Filosofia – Centro
Regional de Braga – Universidade Católica Portuguesa, Portugal
E-mail: borges272@gmail.com

As responsabilidades teológicas: pística, elpídica e agápica / *Theological responsibilities: pística, elpídica and agápica*

Abstract

There are so many different responsibilities according to the hospitality I think that these responsibilities are theological opportunity to make up the descriptions of different modalities of very important hospitalities, that define a new theological formulation to “Other’s priority, according to the pistic, elpidic, and agapic virtues. Meanwhile the virtue is hospitality, and the hospitality is virtue.

Key words: Responsibility, aretology, pistic, elpidic, and agapic hospitality, and Betany.

INTRODUÇÃO

A hospitalidade é “responsabilidade”, porque, segundo Levinas, será um “dar-se inexoravelmente ao Outro”. O acolhimento do hóspede, perante o anfitrião, é um “dar-se inexorável”, em que cada um se recebe. Mas, a etimologia do termo “responsabilidade” não se esgota no sentido da dupla direcção, (*re*), desde a horizontal até à vertical. A origem latina do termo reveste, primitivamente, uma outra acepção, que se revela essencial na reposição da flexão *re-spondeo*. Significa, não o que se fixou, nas línguas neolatinas como “respondo”, mas antes “eu garanto”, “eu dou-me como fiador” ou “comprometo-me com alguém”¹.

A hospitalidade é uma presença, sendo a responsabilidade a adopção dessa presença ou o preenchimento desta, mais especificamente é a presença mesma. Contudo, se não respondo por mim, tudo se desvanece num anonimato que retira sentido ao perguntar, não se dando inexoravelmente ao Outro². A hospitalidade é pergunta e resposta, quer dizer “tomar posição” entre o anfitrião e o estrangeiro.

1 Cf. Manuel J. do Carmo FERREIRA - “Da Responsabilidade à Compaixão”, in: *Caderno Ista*, 3 (1998), 71.

2 Cf. Ramiro Délio Borges de MENESES - *O Desvalido no Caminho. O Bom Samaritano como paradigma da humanização em saúde*, 145.

ro. É um comprometer-se reduplicativamente com o Outro. Há uma “garantia” reduplicativa entre o anfitrião e o Outro-estranho. Estas responsabilidades são três momentos, a saber: responsabilidade pística, responsabilidade agápica e responsabilidade elpídica. A humanização, em saúde, é uma “responsabilidade pleiológica”, que se traduz numa vivência poética entre um médico e um doente. A responsabilidade é um compromisso aretológico, marcado por três dimensões: pística, elpídica e agápica.

1. RESPONSABILIDADE: UM DAR-SE AO OUTRO

A responsabilidade, enquanto comprometer-se com o Outro-estranho, na hospitalidade (*re-spondere*), será o peso que a subjectividade carrega. Por outras palavras, a responsabilidade como não qualificação é o ser da subjectividade. E Jesus respondeu: “Marta, Marta estás muito atarefada, dado que uma só coisa é necessária” (Lc10,41). Significa que, na hospitalidade, é-se responsável por Ele. Será, na verdade, suportá-Lo, estar no seu lugar, consumir-se por Ele. A subjectividade é uma responsabilidade pelos Outros, como vulnerabilidade extrema, onde está o Outro hospedado na Solicitudude de Betânia. A hospitalidade é, “para o Outro”, “um dar-se inexoravelmente”. A responsabilidade ilimitada, em que me encontro, vem de fora da minha liberdade, de algo anterior a toda a recordação, de algo ulterior a todo o cumprimento, de algo não presente, vem do não originário por excelência, do anárquico, de algo mais além da essência, segundo a leitura de Levinas. Será na responsabilidade anárquica que encontraremos o fundamento da “responsabilidade de alteridade” na hospitalidade.

Uma tal responsabilidade é uma responsabilidade por tudo e por todos, investe o eleito sem esperar pelo consentimento, sem que tenha tempo para discutir. A responsabilidade não se fecha num código de decisões livres ou numa vontade que a precede. É uma responsabilidade de eleito³. O hospitaleiro revela-se numa “responsabilidade de eleição”, não se fechando num código. A hospitalidade é um acto de eleição. O eleito (hóspede) não pode fugir à responsabilidade, ela persegue-o até ao mais íntimo e não lhe permite viver uma vida tranquila. A responsabilidade pelo Outro-homem é a impossibilidade de o deixar sozinho no mistério da morte e, concretamente, através de todas as modalidades do dar, como susceptão do “dom-último” de morrer por Outrem. De uma maneira geral, ser responsável por alguém não depende da decisão pelo *re-spondere* em relação ao qual se compromete⁴. A Solicitudude de Betânia acolheu o Outro (Jesus Cristo) como uma dádiva, porque ao acolhê-Lo, ofereceu-Lhe o seu mundo, a sua casa, a comida, a dormida e as deferências ao hóspede. Levinas vai descobrindo a condição da subjectividade, desde sempre afectada pela obrigação para com o Outro, pelas significações seguintes: perseguição, expiação e substituição⁵.

3 Cf. Maria da Conceição SOARES - “Emmanuel Levinas e a obsessão do Outro”, in: *Didaskalia*, 30 (2000), 178.

4 Cf. Peter KNAUER - *Unsere Glauben verstehen*, 200 - 201.

5 Cf. G. ROEMPP - “Verantwortung als obsession?” in: *Theologie und Philosophie*, 74 (1999), 536; 537 - 539.

A subjectividade constitui-se na passagem da perseguição à expiação e à substituição: o sujeito é um “refém”. Substituição que não é alienação, mas uma inspiração pela qual o próprio Eu se transcende pela sua essência em favor do Outro. A subjectividade é a instauração de um ser, que não é para si, mas é para todos. O “ser para todos” significa simultaneamente ser e desinteresse como responsabilidade pelos outros. A responsabilidade pelos outros, anterior a todo o compromisso e a qualquer decisão, aparece como imposição ou como eleição. A alteridade do “outro-homem” ecoa na minha responsabilidade, como ecoou em Marta e Maria, que, em Betânia, deram “guarida” a Jesus pela responsabilidade: deram-se incondicionalmente ao “acolhido”. Este responder não se revela como fruto da liberdade, será anterior à distinção entre ser livre ou não livre. É, com efeito, uma responsabilidade antes de qualquer iniciativa. Levinas compreende a responsabilidade como responsabilidade por Outrem, como responsabilidade por aquilo que não fui eu que fiz, ou não me diz respeito, ou que precisamente me diz respeito, é por mim referido como Rostó⁶.

Porém, a concepção corrente, a de uma “responsabilidade por imposição” e, por outro, a de uma “responsabilidade assumida”, e, finalmente, a concepção da “responsabilidade anárquica” precede toda a iniciativa pessoal e toda a intervenção prévia da liberdade⁷. O fundamento da responsabilidade, para Levinas, reside naquilo que a “eleição” confere. Sentir-se como eleito é fazer parte da Aliança e ser único, como “sujeito escolhido”, será a condição de “refém”. A eleição, expressão da responsabilidade, nomeia-se nas seguintes flexões verbais: consumir-se, entregar-se, etc.⁸. Jesus de Nazaré “entregou-se” esplancofanicamente a Marta e a Maria e vice-versa. Esta foi uma “responsabilidade elpídica”, sendo vivida como “responsabilidade poética”. A responsabilidade supõe o reconhecimento da Aliança, dado que somos recebidos como “dom”. Exige-se, assim, uma responsabilidade que faça da “resposta” uma tarefa (Aufgabe). Logo, a responsabilidade refere-se como “eleição”. O eleito nada faz para ser bom, ele é solicitado pelo Bem na proximidade. Assim se passou com o Samaritano que foi eleito pelo Outro, no caminho, porque Este (Jesus Cristo) o chamou. O protagonista é o Desvalido no Caminho⁹.

Da mesma forma aconteceu em Betânia, precisamente quando o Senhor, por eleição, escolheu Maria, aquela que optou pela “melhor parte”: respondeu e esteve presente na e com a Palavra em Jesus Cristo. A responsabilidade, assim compreendida, ultrapassa a fundada sobre uma “livre escolha”. Aqui está presente uma res-

6 Cf. Emmanuel LEVINAS - *Ética e Infinito*. Tradução de João Gama e revisão de Artur Morão, Lisboa : Edições 70, 1982,87; Cf. “J’entends la responsabilité comme responsabilité pour autrui, donc comme responsabilité pour ce qui n’est pas mon fait, ou même ne me regarde pas ; ou qui précisément me regarde, est abordé par moi comme visage”. (Emmanuel LEVINAS - *Éthique et Infini*, Paris: Librairie Arthème Fayard et Radio-France, 1982,101 -102).

7 Cf. René SIMON - “Vers une nouvelle approche de la responsabilité”, in : *Église et Théologie*, 26 (1995) 17-18.

8 A hospitalidade é entregar-se ao Outro (estrangeiro) sobre mim (anfitrião). O “acolhimento” é uma “recordação” do que “há-de vir”, uma anamnese. Toda a hospitalidade é uma anamnese do futuro, a partir daqui define-se como uma dimensão elpídica. Toda a hospitalidade é uma “recitação elpidofânica” de Jesus Cristo na Solicitude de Betânia. A hospitalidade será escolher a “melhor parte” (Lc10,42): a audição da Palavra.

9 Cf. Ramiro Délio Borges de MENESES - *O Desvalido no Caminho. O Bom Samaritano como paradigma da humanização em saúde*,151.

pensabilidade de Infinito, uma responsabilidade por tudo e por todos¹⁰. A transformação de “um-para-o-outro” operou-se, fenomenologicamente, na Solicitude de Betânia. A proximidade de Jesus resultou na responsabilidade do acolhimento de Marta. O homem livre, como o Samaritano, é alguém que está votado ao “próximo”. A obediência ao mandamento do Outro não significa qualquer forma de escravidão, mas “responsabilidade” pela Palavra - acontecimento. A Palavra, a verdadeira Palavra, na sua essência, é mandamento, que, segundo Levinas, constitui o homem na situação ineludível de interpretação responsável. Este mandamento não é uma autonomia, referido como imperativo categórico, mas antes vivencia-se como imperativo poiético. Aqui é um imperativo ético, que se vivencia como imperativo do Desvalido no Caminho (Lc10,25-37) a caminho de Betânia (Lc10,38-42). A responsabilidade, biblicamente compreendida, não é nem pode ser um produto da história, da cultura ou da natureza¹¹.

Este mandamento poiético é referido no “acolhimento de Betânia” como definidor de uma “ética teológica” e poderá ser enunciado da forma seguinte: “ouve a palavra”. Da mesma maneira, pela parábola do *Homo Viator*, surgiu um novo imperativo poiético: Vai e faz a misericórdia!... Este determina uma “ética plesiológica”. O Samaritano deixa-se “acolher” pelo “semi-morto” (Jesus Cristo) da parábola do Desvalido no Caminho ao “remexerem-se as vísceras” (misericórdia). O mandamento plesiológico do amor fundamenta o *τι ποιήσας* (que fazendo) do *νομικός* - jurista - (Lc10,25)¹². Com Marta e Maria, em Betânia, o mandamento é teológico, para realçar o amor a Deus pela sua Palavra, Jesus Cristo, que começou na audição que é a *fides*. Trata-se, pois, de ser apresentado pela “dimensão pística” da hospitalidade, oferecida pela confiança entre o anfitrião e o estrangeiro¹³. A responsabilidade é um existencial da conduta humana e está presente na hospitalidade, bem como na humanização, como um *proprium*. A Ética da Responsabilidade é uma “ética da hospitalidade”, que significa o acolhimento do agir do Outro e para o Outro, como resposta, que oferecemos num mundo de relacionamentos, que, muitas vezes, não escolhemos e que não podemos ignorar, quando dizemos, como no acolhimento de Betânia, que essa responsabilidade é indeclinável. Entende-se, assim, que não podemos dizer “não”. A hospitalidade de Betânia é uma responsabilidade anárquica, sem princípio, antes de mim e que me impele a acolher o Outro, que está em casa de Marta e de Maria. No Antigo Testamento, o serviço ao hóspede e a escuta do mesmo são duas acções que caracterizam a vivência das leis da hospitalidade. Entre serviço e escuta não existe “dicotomia”, ambas as acções não se excluem, antes se completam. O acolhimento mede-se pela atitude de serviço e pela escuta. Muito embora “ouvir o hóspede” não seja a primeira acção, será a acção indicativa da primeira, que está no “acolhimento plesiológico” de Cristo em Betânia¹⁴.

10 Cf. *Ibidem*, 151.

11 Cf. *Ibidem*, 152.

12 Cf. *Ibidem*, 153.

13 Cf. *Ibidem*.

14 Cf. Marie BAIRD - “Divinity and the Other: the ethical relation as revelation of God”, in: *Église et Théologie*, 30 (1999), 96 - 99.

Pelo *Midrash* (examinar, buscar o sentido, procurar), a literatura rabínica conhece não só uma “dimensão plesiológica”, como também uma “dimensão teológica” da hospitalidade, que a converte em abertura à Revelação. Parece ser este o tipo de hospitalidade que Jesus beneficiou no seu ministério, bem como os seus discípulos no período pós-pascal¹⁵. A linguagem da fenomenologia bíblica é, pelo pensamento de Levinas, ao descrever esse “Outro” (Jesus Cristo), como absolutamente Outro, uma relação ao Eu (Marta e Maria) e uma relação ao que o Eu presume que seja. A hospitalidade é essa estranha intimidade. A hospitalidade é a “piedade” do Outro. É “*Altersfroemligkeit*”. A hospitalidade será a devoção do Outro. Aretologicamente, a misericórdia não é para cobardes, nem para gente ruim; mas, sim, para os fortes, para aqueles que são capazes de generosidade e de responsabilidade como se descreve na hospitalidade. Por isso, poderemos proclamar que a hospitalidade será *cor intimius intimo meo* (o coração é mais íntimo do que o meu íntimo), realizando-se numa vocação de amor e numa comunicação de hospitalidade¹⁶, tal como se verificou na Solicitudude de Betânia. O coração do anfitrião é o coração do hóspede. A hospitalidade é ternura. A ternura é um sentimento passivo e activo, simultaneamente, como “modo de acolher”, de se dar e de compartilhar, exigindo a “implicação esplancofônica”¹⁷, numa dimensão de consciência responsável, para uma “abertura” em movimento centrífugo¹⁷. A ternura manifesta-se como *via pulchritudinis* (caminho da beleza), como algo de emancipação da beleza ou como “assombro”. Este é o dom da ternura e a ternura é dom do assombro. Na hospitalidade, a capacidade para experimentar a ternura manifesta-se como o modo de observar a existência humana pelo “esplendor do coração” (*splendor cordis*)¹⁸. A hospitalidade é uma *via pulchritudinis* e um *cordis splendor* de quem dá e de quem recebe. A vivência desta hospitalidade centra-se à imagem e semelhança da ternura do Infinito.

O próximo, como estrangeiro, representa, *per se*, um *sacramentum*, mediante o qual cada um de nós tem a possibilidade de se encaminhar até Deus. Assim, o estrangeiro surge como o primeiro *Dei sacramentum*, sendo um sinal que vem das mãos do Criador, porque intimamente unido a *YHWH*. Aqui surge o sacramento do “próximo”, que tem um paradigma no “acolhimento de Betânia”¹⁹. Será necessária esta ternura, como uma dádiva dadivosa, que é *eventum* (dom que vem de fora) da Palavra, da “audição da palavra”, que é Jesus Cristo (Rm10,7). A misericórdia faz com que se estabeleça uma relação de ordem divina entre as pessoas, criando um novo espaço de graça e um novo tempo de responsabilidade. É esta vida nova que encontramos no estrangeiro, como uma Aliança, onde Deus quer a misericórdia e não os sacrifícios (Os6,6)²⁰. A responsabilidade poética será si-

15 Cf. João Duarte LOURENÇO - *O Mundo judaico em que Jesus viveu, Cultura Judaica do Novo Testamento*, Lisboa: Universidade Católica Editora, 2005, 147 - 150.

16 Cf. Ramiro Délio Borges de MENESES - *O Desvalido no Caminho. O Bom Samaritano como paradigma da humanização em saúde*, 188 - 189.

17 Cf. Carlos ROCCHETA - *Teologia de la Ternura, un evangelio por descubrir*, Salamanca: Secretariado Trinitário, 2001, 35 - 36.

18 Cf. Ramiro Délio Borges de MENESES - *O Desvalido no Caminho. O Bom Samaritano como paradigma da humanização em saúde*, 186.

19 Cf. *Ibidem*, 174.

20 Cf. António Carneiro Torres LIMA; Ramiro Délio Borges de MENESES (coord.) - *Bioética e Teologia: as qualidades de vida*, Roma: IF Press, 2012, 45 - 56.

multaneamente uma responsabilidade pística, diaconal ou agápica e, finalmente, elpídica. A responsabilidade do acolhimento elpídico é uma forma de responsabilidade poiética, dado que será Jesus Cristo que “faz” (*abdad* - termo do arameu ocidental) a hospitalidade em Betânia. A hospitalidade, segundo Betânia, revela-se numa “eleição” e como eleição realiza-se ao “ouvir a palavra”.

2. MARTA: PELA RESPONSABILIDADE DIACONAL

Segundo Ricoeur, o bem para o Outro, enquanto Outro, será a “solicitude” e esta poderá ser descrita como “o Eu para o Outro”²¹ O conceito de “solicitude”, em P. Ricoeur, encontra-se relacionado com a “estima de si”. Daqui que a hospitalidade será uma estima entre um anfitrião e um *homo mendicans*. A hospitalidade é igualmente um Eu (Marta e Maria em Betânia) para o Outro (Jesus Cristo, como hóspede), segundo o apotegma de Lucas (10,38-42). A hospitalidade é solicitude, uma vez que a encontramos expressa na expressão de Cristo: *Martha, Martha sollicita es* (Lc10,41)²². A atenção do Eu (Marta) ao Outro (Jesus) implica a existência da “preocupação”, que se traduz pelo verbo *mirmenao*, dado que Marta tinha muitas “tarefas” (*διακόνια*) para realizar. Estava atarefada com “muitas coisas”. O interesse centrará os recursos no motivo, dirigido à minha atenção e à minha acção no serviço²³. As suas acções estavam motivadas por esse interesse. O de servir o melhor possível o hóspede. Logo, essa procura restabelece a condição do Outro, que motivou a minha atenção, que determinou procurar o bem do Outro²⁴.

Ricoeur afirmou que a bondade é definida, em várias línguas, como a qualidade ética dos objectivos da acção e da orientação da pessoa para o Outro. Pressupõe-se, portanto, que a bondade da acção corresponde à orientação para o Outro, que o critério de avaliação da bondade da acção não é o Eu, o meu interesse, mas o interesse do Outro²⁵. A solicitude é, portanto, a postura eticamente adequada à relação entre o Eu (Marta e Maria) e o Tu (Jesus Cristo) em Betânia. A solicitude, em Betânia, foi o “interesse do Outro-estranho” (Jesus Cristo). Michel Renaud considera que a solicitude e o cuidado são as consequências imediatas do encontro do “eu” com o “outro”²⁶, que tem a sua expressão narrativa em Betânia, bem como na solicitude de um Samaritano. O Samaritano prestou cuidados ao Desvalido (Lc10,34).

Até mesmo psicologicamente falando, a solicitude está relacionada com a “estima de si mesmo” ou como gostar de si mesmo. Viver a solicitude aumenta a nossa auto-estima. Na permuta entre a estima de si e a solicitude, está patente a equiva-

21 Cf. Paul RICOEUR - *Lectures1, Autour de politique*, Paris: Éditions du Seuil, 1989, 256 - 269.

22 A.A. V.V. - *Biblia Sacra Iuxta Vulgatam Versionem*, Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1994, 1629.

23 Cf. Joaquim PINHEIRO - “Relação entre médico e paciente”, in: Ana Sofia CARVALHO; Walter OSSWALD (coord.) - *Ensaio de Bioética*, Lisboa: Universidade Católica Editora, 2008, 33.

24 Cf. *Ibidem*.

25 “Je parle ici de bonté: il est, en effet, remarquable que, dans de nombreuses langues, la bonté se dit à la fois de la qualité éthique des buts de l’action et de l’orientation de la personne vers autrui, comme si une action ne pourrait être estimée bonne, si elle n’était faite en faveur d’autrui, par égard pour lui”. (Paul RICOEUR - *Soi-même comme un autre*, Paris : Éditions du Seuil, 1990, 222).

26 Cf. Michel RENAUD - “Solicitude e Vulnerabilidade”, in: *Cadernos de Bioética*, 13 (1997), 5 - 7.

lência entre o Eu e o Outro. Esta semelhança permite dizer que Eu não me estimo, se não estimar o Outro, como a mim mesmo, segundo o pensamento de Silveira de Brito²⁷.

A solicitude é uma forma permanente de realizar os serviços ao hóspede. Eticamente, quanto mais solícito, mais hospitaleiro me afirmo. É uma lei de proporcionalidade directa, que formalmente se poderá enunciar da seguinte forma: $h = k \cdot s$ (h = hospitalidade; s = solicitude e k = constante). A hospitalidade depende da solicitude. Quanto mais solícito, mais hospitaleiro. Segundo esta lei, toda a solicitude é hospitalidade e toda a hospitalidade é solicitude.

A relação métrica entre “hostilidade” e “acolhimento” é inversamente proporcional ($H_s = k \cdot A_c$). Trata-se, pois, de uma função logarítmica. A solicitude, tal como se vivenciou em Betânia, é uma preocupação pela *diaconia* (serviço), na aplicação das “leis da tenda”, que são leis da hospitalidade. A hospitalidade participa desta “alteridade oblativa”, que não vem expressa no imperativo categórico de Kant. O imperativo categórico comanda, imediata e incondicionalmente, o nosso “arbitrio” (Willkür). Este imperativo “não diz respeito à matéria da acção” (betrifft nicht die Materie der Handlung), não depende de nenhum fim exterior à acção ou que possa, através dela, ser atingido. Logo, o imperativo categórico é um conceito sintético *a priori*, uma vez que estabelece a síntese entre a vontade e a lei moral, que a deve determinar. Ele remete para as tarefas da realização do “dever” (*Pflicht*) da ordem incondicionada da Razão Prática. O imperativo categórico relaciona, compulsivamente e sem apelo, a nossa faculdade de desejar com a forma e o princípio da acção e não com o seu resultado material²⁸.

A hospitalidade não reside num imperativo categórico, antes num “acolhimento poético”. Trata-se, pois, de um “compromisso poético”, que se manifesta num duplo amor expresso em dois versículos da Lei de Moisés: Dt6,5 (amar a Deus) e Lv19,18 (amar ao próximo). A adesão obrigatória a um só amor (Lc16,13) não impede o “serviço ao próximo”²⁹. A hospitalidade apresenta-se como uma “diaconia plesiológica”. A solicitude é uma “dimensão da hospitalidade”, tal como a encontramos narrada em Lc 10, 38-42. Assim surge, nesta narrativa, a “dimensão poética”, representada nos contra-dons (tarefas da casa) de Marta. A solicitude surge como um “serviço”, sendo caracterizado como a dimensão litúrgica em Betânia. A hospitalidade, desde o acolhimento à solicitude das tarefas, é um “acto poético”, constituindo-se como “acolhimento agápico”, sem deixar de ser um “acolhimento litúrgico”. E se o apelo da alteridade, única e singular, nunca chega a apresentar-se como o acolhimento da “audição da palavra” (Maria) e pela solicitude de Marta, parece um hino ou um poema. A hospitalidade é um “poema”, que se diz e se aprende “de cor” (pour coeur), isto é, emerge como uma voz, no mais íntimo do próprio, no “coração” do anfitrião e do Outro-estranho. Assim o pensa Derrida:

27 Cf. José Henrique Silveira de BRITO - “A ética de Paul Ricoeur: A articulação entre o teleologismo e o deontologismo”, in: *Cuadernos Salmantinos de Filosofía*, 35 (2008), 463.

28 Cf. I. KANT- *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Tradução de Paulo Quintela, Introdução de Viriato Soromenho-Marques, Glossário ético de Kant, 111.

29 Cf. Ramiro Délio Borges de MENESES - *O Desvalido no Caminho. O Bom Samaritano como paradigma da humanização em saúde*, 29.

“Não há poema sem acidente, não há poema que não se abra como uma ofensa, mas que não seja também algo que magoa. Chamarás poema, um encantamento silencioso, à ofensa sem voz, que de ti eu desejo aprender de cor”³⁰. Toda a hospitalidade se descreve como uma vivência poética, porque aplaca a ofensa sem eco.

A solicitude implica a *διακόνια* (serviço da casa), ou seja, as “muitas coisas” de que falou Jesus a Marta. A solicitude é um “serviço ao hóspede”. É um cuidado. Toda a hospitalidade é um “cuidado” ao *homo mendicans*³¹. A responsabilidade de identidade de Marta começa logo no versículo 40, quando se diz: “*Domine, non est tibi curae quod soror mea reliquit me solam ministrare? Dic ergo illi, ut me adiuvet*” (Lc10,40)³², - Senhor não te preocupas, que minha irmã me deixe só a servir? Diz-lhe que venha ajudar-me -. A “responsabilidade de identidade” de Marta começou na pergunta formulada ao Senhor, para que sua irmã a viesse ajudar!... Poderá Marta, pela responsabilidade diaconal (responsabilidade de identidade), ter ficado a saber aquilo que “fazer” para ser um próximo “acolhedor” do hóspede (Jesus Cristo). Marta permanece, na sua identidade, ao formular a pergunta a Jesus. Já antes em Lc10,25-37, se o legista viu o “próximo” na proximidade de si mesmo e a partir de si, o mesmo sucedeu com os “salteadores”, que viram *quidam homo* (certo homem), que descia de Jerusalém para Jericó, como se fosse um “objecto”, que poderiam fruir, aumentando o seu mundo e a sua posse.

O modelo da “responsabilidade identitária”, em que me comprometo só pelos sucessos e interesses, apresenta a sua pauta de comportamento (intrínseca e/ou extrínseca) revelada, metaforicamente, no Sacerdote e no Levita, que não se detém e seguem em frente. O “desvalido” é considerado um ser sem categoria, sem dignidade, sem posição, como estrangeiro, não pertencendo ao seu “in group” e/ou “out group” e ao seu ciclo de amigos. Isto quer dizer que o Sacerdote e o Levita, do Templo de Jerusalém, representaram o “amor de identidade”, que compromete pelo *έπος*³³. Trata-se, pois, de um amor que deseja o Outro, enquanto pertence ao seu mundo, enquanto ignora o “desvalido”: viu, desviou-se e passou o outro lado do caminho (Lc10,31-32). O Sacerdote e o Levita amam aqueles que já estão dentro do seu mundo afectivo pelo sangue, pelo parentesco ou pelo interesse, mostrando-se desinteressados dos demais.

Estes são os protótipos do “amor de identidade”, onde o Outro é amado, porque já está dentro do meu Eu e me é necessário³⁴. Da mesma forma, Marta amou aqueles que estavam no seu círculo e actuou por interesse, dado que *Domine, non tibi curae quod soror mea reliquit me solam ministrare?*” (Lc10, 40)³⁵. Marta estava

30 “Pas de poème sans accident, pas de poème qui ne s’ouvre pas comme une blessure, mais que ne soit aussi blessant. Tu appelleras poème une incantation silencieuse, la blessure aphone que de toi je désire apprendre par cœur”. (Jacques DERRIDA - *Psyché: Invention de l’autre*, Paris : Éditions Galilée, 1987, 307).

31 Cf. Ethelbert STAUFFER - *Jesus. Gestalt und Geschichte*, Bern: Francke Verlag, 1957, 83.

32 Erwin NESTLE ; Barbara ALAND et al.(editores) - *Novum Testamentum Graece et Latine*, 194.

33 Cf. Carmine DI SANTE - *Il Padre Nostro, l’esperienza di Dio nella tradizione ebraico-cristiana*, Assisi: Cittadella Editrice, 1995, 59 - 60.

34 Cf. Ramiro Délio Borges de MENESES - *O Desvalido no Caminho. O Bom Samaritano como paradigma da humanização em saúde*, 155 -156.

35 A.A. V.V. - *Biblia Sacra Iuxta Vulgatam Versionem*, Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1994, 1629.

preocupada com as cinco leis da tenda (Gn18). Marta vive a responsabilidade de identidade, tal como o Sacerdote e o Levita, preocupados com o que diz e manda fazer a *Torah*³⁶. Marta deu livre curso aos seus projectos, ou seja, à Solicitudude, tendo-se preocupado com o serviço ao hóspede e não com “ouvir as palavras” do Hóspede. Jesus Cristo admoestou-a na sua solicitude: “Marta, Marta estás muito preocupada e afadigada” (Lc10,41).

Jesus de Nazaré chamou à atenção da responsabilidade de identidade de Marta, que é uma “responsabilidade diaconal”, de puro serviço ao hóspede. A solicitude é uma “responsabilidade de identidade”, revelando-se como “responsabilidade diaconal”, que tem o seu epicentro nos cuidados telúricos ao hóspede: abrir a porta, dar de comer, alojá-lo e, finalmente, a partida. O amor de identidade é um amor duplamente paradoxal, tanto para o Eu, que, em vez de se realizar, fica perdido na Lei e nos Profetas, quanto para o Outro que, no momento em que é incorporado, se revela distante³⁷. Jesus não condenou o Sacerdote e o Levita, nem muito menos a atitude de Marta, simplesmente descreveu a sua conduta ética, por não terem agido responsabilmente, agiram simplesmente pela conduta identitária.

A narrativa do comportamento exemplar (parábola do Bom Samaritano) manifesta-se na sua tarefa moral pela “conduta exemplar”, representada no Sacerdote e no Levita, sem qualquer possibilidade para: *ἡ ἀγάπη οὐ ζητεῖ τὰ ἑαυτῆς* (1Cor13,5)³⁸, - a caridade não busca o seu interesse -. A.Couto refere que “é preciso saber quem é o meu próximo, para dele receber e saber o que fazer e responder como “servo”. Só então surge a minha “responsabilidade identitária” ou responsabilidade pelo Eu, tal como a conhecemos na aceção comum”³⁹. A responsabilidade identitária de Marta (responsabilidade diaconal) coincidiu com a sua felicidade, a felicidade do seu Eu, ao “servir” o Senhor à mesa e demais rituais próprios da hospitalidade: lavagem dos pés, etc. Marta respondeu a Jesus com os seus projectos realizados pela “solicitudude diaconal”. Foi uma fruição diaconal. A fruição é uma “responsabilidade identitária”, tal como a vivenciou Marta, quando questionou Jesus Cristo sobre o sentido da hospitalidade (Lc10,40). A fruição é a última consciência de todos os conteúdos. São os conteúdos da hospitalidade (Gn18), que encheram a vida de Marta. Em Levinas, a vida que eu ganho não é uma nua existência, é uma vida de trabalho e de alimentos. Marta viveu uma vida de alimentos e de tarefas.

A hospitalidade é realizar tarefas *communia non communiter* (as coisas comuns, não comumente). Foi um “tempo de identidade”, que se não for pronunciado nunca mais se dirá⁴⁰. São conteúdos que a preocupam (Marta), que a ocupam, que a divertem pela *διακονία* (serviço). Já, em Lc 10, 25-37, os salteadores viveram a fruição do “desvalido no caminho”, que é roubado e deixado “meio-morto”. É o *quidam homo* (certo homem) da parábola do Bom Samaritano, que não tem

36 Cf. António José da Rocha COUTO - “A Bíblia inquieta e questiona a Moral”, in: *Ética: Consciência e Verdade*, XXII Semana de Estudos Teológicos (5-9 Fevereiro de 2001), Lisboa: Faculdade de Teologia, 2011, 53.

37 Cf. Ramiro Délio Borges de MENESES - *O Desvalido no Caminho. O Bom Samaritano como paradigma da humanização em saúde*, 156.

38 Cf. AA.VV. - *Biblia Sacra Iuxta Vulgatam Versionem*, 1783.

39 António José da Rocha COUTO - “A Bíblia inquieta e questiona a Moral”, 57.

40 Cf. Manuel J. do Carmo FERREIRA - “Da Responsabilidade à Compaixão”, 74 - 75.

dinheiro, nem nenhum poder e os homens do poder e do culto (Sacerdote e Levita) bem o vêem e, uma vez que o vêem, passaram para o outro lado da estrada. A responsabilidade identitária sabe que aquele “des-valorado no caminho” em nada aumentará o seu poder e a sua importância. Marta estava preocupada com o *ab-dad* (fazer) como *recta ratio*, dada pelas normas sobre a hospitalidade da *Torah* e da tradição talmúdica. Marta esteve pouco interessada na consciência da Palavra e da sua audição. Porém, Maria esteve atenta à Palavra, como símbolo de “responsabilidade de alteridade”, na busca da “escuta”, descrevendo a sua vivência, na hospitalidade, como “responsabilidade pística”.

3. MARIA: PELA RESPONSABILIDADE PÍSTICA

Se é verdade que posso responder a mim mesmo, então a minha responsabilidade realiza-se, sobretudo, quando há verdadeira “alteridade”, isto é quando Eu respondo pelo Outro e ao Outro, visto que responder pelo Outro é viver para o Outro, como descreve Levinas⁴¹. Responder determina, verdadeiramente, a prioridade, a precedência e a transcendência do Outro sobre mim, que rasga o meu protagonismo e me institui como *subjectum* (sub-metido), passivo e receptivo, como um “eis-me aqui”, às ordens do Outro, como gosta de referir Levinas: “refém do outro”, de forma assimétrica. Maria ficou “refém da palavra”, da audição da Palavra, e deu precedência, anterioridade e prioridade ao Outro, que entrou, em sua casa, em Betânia⁴². Maria não perdeu a liberdade, respondeu ao Outro, colocando-se ao “serviço da palavra”. A responsabilidade de alteridade é uma escolha e é-se eleito pelo Outro. Foi a prioridade ao Outro (Palavra de Deus-Pai em Jesus Cristo) sobre mim (Maria). A responsabilidade de Maria foi uma “responsabilidade de alteridade”: deu-se inexoravelmente à Palavra, à Sua audição em Jesus Cristo. Toda a humanização em saúde deverá ser uma “responsabilidade de alteridade”.

A fé (*pistis*) vem da audição, a audição vem da Palavra e esta é Jesus Cristo (Rm10,17). A fé não é inata e vem de fora, será oferecida por Deus-Pai através de Cristo. A fé (*pistis*) supõe uma pessoa (Jesus Cristo) e um “argumento” (*elenchos*), como “discurso da palavra”. Maria interiorizou a pessoa e a palavra, que era Jesus Cristo, através da contemplação. A fé afirma-se e consolida-se no “anúncio”. No anúncio da Palavra. Assim, a fé é uma responsabilidade, porque surge como um compromisso com a Palavra.

A contemplação de Maria, por Jesus Cristo, é a *pistis* (fides), por isso Maria ao dar prioridade à audição da Palavra esteve na “responsabilidade pística”, em Betânia, quando a seus pés ouvia e falava com o Senhor. Teologicamente, esta “audição da palavra” chama-se fé (*pistis*), tal como se declara pelo texto paulino (Rm10,17). O Desvalorado no Caminho, da parábola, é a morada vivente desta “audição plesiológica”, que se assume na “esplancnofania” pela conduta de um Samaritano⁴³. Em Betânia da Judeia, Jesus desconstruiu o discurso logocêntrico de Maria. Fez uma

41 Cf. G. BAILHACHE - *Le sujet chez Emmanuel Levinas, Fragilité et subjectivité*, Paris: Presses Universitaires de France, 1994, 166.

42 Cf. Carmine DI SANTE - *Responsabilità, L'io per l'altro*, Roma: Edizioni Lavoro, 1996, 33; 86.

43 Cf. Ramiro Délio Borges de MENESES - “O Desvalorado no Caminho (Lc 10,25-37): da audição à recitação pela decisão”, in: *Theologica Xaveriana*, 165 (2008), 38 - 39.

desconstrução pística. A fé (*pistis*) não é uma questão de estética, de imbricação teórica de valores, que nada compromete. É a vivência da “palavra plesiológica” numa “contemplação pística”, que se manifestou em Maria, aos pés do Senhor, como uma “responsabilidade pística” que é, simultaneamente, uma “responsabilidade plesiológica”. A “palavra plesiológica”, como hospitalidade e acolhimento, revela-se na audição, que vem do “evento esplanológico” do Pai das Misericórdias, para com um Samaritano (Lc10,33) e para com Maria, que, na contemplação, encontrou o “evento pístico” na palavra e na pessoa de Jesus Cristo.

Aqui está a “contemplação pística”, inerente, segundo a antropologia clínica, à humanização em saúde como um dos seus componentes paradigmáticos, tal como vive um médico na relação com o doente. A audição pística do Pai das Misericórdias exige uma “casa” (οικια), como a da Solicitudade em Betânia (Lc10,38), onde se iniciou a hospitalidade de Marta e de Maria, onde a palavra do Desvalido no Caminho se fez ouvir plesiológicamente. A “audição esplanofônica” habita na “casa da palavra”, que é a morada da Encarnação de Cristo e encontra-se na vida do *logos* (Desvalido no Caminho) e do *ethos* (Bom Samaritano). A fé (*pistis*) é uma infusão de Deus em nós pela “audição esplanofônica”⁴⁴.

A responsabilidade pelo Outro é uma “responsabilidade plesiológica”, que possui uma dimensão pística. Toda a hospitalidade vai da responsabilidade plesiológica até à responsabilidade pística, vivida pela contemplação de Maria em Betânia.

Para Knauer, a narrativa, segundo Lucas, representa o agir responsável de um Samaritano, dado que toda a parábola é a descrição do “fazer” pelo amor ao próximo. Só assim saberemos avaliar aquilo que o Outro necessita⁴⁵. Não aumentará a “obrigação”, uma vez que esta eticamente é absoluta, desde o princípio, como *ratio insita in natura* (razão inscrita na natureza). No caso do Samaritano transparece uma *ratio insita in corde* (razão inscrita no coração)⁴⁶. O Samaritano nem se põe a reflectir sobre as suas responsabilidades éticas, “faz” (*poiei*) responsabilmente na busca de dar a “prioridade” ao Desvalido sobre si. O Samaritano foi movido pelo “estremecimento das vísceras”, por impulsos, que eram antes da sua consciência e por aquilo que vinha do fundo do coração, porque foi movido pelo Outro (des-valido) como “evento pístico”. A fé do Samaritano impele às “obras”, no Desvalido, dado que pressupõe a “responsabilidade plesiológica” pelo grau analógico da “responsabilidade pística”⁴⁷. A audição, que sente o Samaritano, é uma “audição plesiológica”, que também esteve presente, na Solicitudade de Betânia, pela contemplação poiética de Maria. Foi uma escuta da voz, sem voz, do poder sem poder do Desvalido. Tal como sucedeu com o Samaritano, usando a fenomenologia religiosa, a responsabilidade é o próprio, a própria espiritualidade, a própria “incondição” de um sujeito auto-heteronomicamente dito, isto é, de um sujeito absoluto e anarquicamente submetido à anterioridade da alteridade. É um sujeito que vem a si, a si mesmo, respondendo à anterioridade anárquica do Outro, como

44 Cf. *Ibidem*, 39.

45 Cf. Peter KNAUER - *Unsere Glauben verstehen*, 196.

46 Cf. *Ibidem*, 197.

47 Cf. Ramiro Délio Borges de MENESES - *O Desvalido no Caminho. O Bom Samaritano como paradigma da humanização em saúde*, 158.

Desvalido no Caminho (Lc10,30) - *quidam homo* - ou como Maria, aos pés do Senhor, na contemplação da Palavra, vivendo a “responsabilidade pística” (*fides*). Surge a resposta responsável, obsessiva ou “infinita”, como responsabilidade sem começo e ilimitada. Inclinando-se perante o “des-valido” (semi-morto), que encontrou, no caminho, o Samaritano não somente não O prende dentro do seu projecto, bem como O “vê” no seu mundo, que irrompe, não já como uma autor-realização. O Samaritano refere uma “autoconsciência eleética”.

A responsabilidade de alteridade, colocando o Eu (Maria) ao serviço do Outro (Jesus Cristo), pela Palavra, e fazendo morrer a sua própria identidade, será “fazendo” para a vida eterna, numa vida com densidade, libertada da aparência e arraigada na permanência da casa em Betânia. O Samaritano não vive “para si” e “a partir de si”, debruçado sobre si mesmo, como refere A. Couto, renunciando às suas palavras dentro do seu arco projectural, dado no *desiderium*, mas vive para o Outro e a partir do Outro (des-validos no caminho), não com o objectivo de proveito próprio ou de lucro, mas “autodestituindo-se” para servir, incondicionalmente, o Outro, para dar vida ao Outro. O Samaritano sente a *υμία* que é a “humanidade do coração”⁴⁸. Mas como *eventum*, o “des-valido” nada faz, nada diz, não eleva a voz, porque não tem voz, não reivindica nada.

Contudo, “está” e é no silêncio da berma da estrada. Eu oiço a sua voz, o seu apelo que me “ordena” num mandamento e logo estou na invocação do Outro, que é a responsabilidade⁴⁹. Em Betânia, há um outro mandamento, que vem, poieticamente, da “audição da palavra” (*fides*): Maria escolheu a melhor parte. E qual é essa parte? Será a “responsabilidade pística”, que é dar-se inexoravelmente à “contemplação da palavra”.

4. JESUS CRISTO: PELA RESPONSABILIDADE ELPÍDICA

A responsabilidade bíblica é uma responsabilidade indeclinável pelo Outro e ao Outro, que questiona a responsabilidade identitária, exercida no domínio do Eu (desejos, projectos, poder, fama, sucesso) e seus *propria* (filhos, pais, amigos, partidários, fãs, etc.). Segundo A. Couto, trata-se, pois, do “extra” como sentido e deste sentido como *eschaton*, que não é um sentido subjectivo, produzido pelo “eu”, pela colectividade ou pela cultura, às quais pertence o “eu”, mas objectivo, primeiro e anterior aos sentidos, elaborado pelos indivíduos e pelas culturas, que faz do homem, não um produtor de sentido, mas um receptor de sentido responsável⁵⁰.

A hospitalidade é uma recepção de sentidos, será sempre activa e passiva. Não se apodera de mim, não me violenta, não me subjuga. Precisa do meu Rosto e do meu tempo e da minha palavra⁵¹. Há uma oportunidade que é essencial à “respos-

48 Cf. António José da Rocha COUTO - *Como uma Dádiva. Caminhos de Antropologia Bíblica*, 161.

49 Cf. Ramiro Délio Borges de MENESES - *O Desvalido no Caminho. O Bom Samaritano como paradigma da humanização em saúde*, 161-162.

50 Cf. António José da Rocha COUTO - *Como uma Dádiva. Caminhos de Antropologia Bíblica*, 253.

51 Cf. *Ibidem*, 256 - 257.

ta”, como diz Levinas, repetindo Dostoievsky: “somos todos responsáveis de tudo e de todos, perante todos, e eu mais do que os outros”⁵². Trata-se, assim, da dimensão cairológica, do tempo oportuno, o tempo soteriológico que é uma “resposta”. Todavia é uma resposta elpídica⁵³. A “responsabilidade elpídica” tem como lema: *spero ut intelligam* (espero para entender).

Logo poderemos dizer que se trata de um lema da hospitalidade: *spes quaerens intellectum* (a esperança procura o intelecto). A esperança é uma espécie de *invisible curriculum* da alma e é, de facto, a memória da alma. Segundo Moltmann, será a esperança que mantém a fé, sustenta e impulsiona para diante a fé, será a *spes* (esperança) que introduz o crente na vida do “amor desinteressado” (*caritas*). Será ela, que impulsiona o crente ao pensamento da fé (*fides*)⁵⁴. O conhecimento da fé, enquanto conhecimento antecipado, que preludia o futuro prometido, está sustentado pela esperança. Se a esperança introduz a fé no pensamento e na vida, então essa não pode, enquanto dimensão escatológica, distanciar-se das pequenas esperanças, considerando que o seu terreno é sobrenatural⁵⁵. A esperança é uma conversão para o “Zukunft” (*quia venturus est*) - porque há-de vir.

A esperança é a memória da alma, onde se guardam as suas experiências. É uma espécie de imaginação do futuro, dado que é um compromisso com este, visando uma consumação das coisas. A esperança é, também, um “acolhimento do futuro”, ela recebe-se pelo e no futuro. A responsabilidade elpídica é esperar e receber o Outro. É uma nova forma de responsabilidade, que se fundamenta anarquicamente no *Deus spes est* (Deus é esperança), dado na revelação de Jesus Cristo. A “responsabilidade elpídica” realiza *per se* duas dimensões, por um lado, o *spectare* (programar) e, por outro, *expectare* (agradecer). Mas, o *spectare* e o *expectare* originam o *sperare*. Estes três momentos estão presentes na “responsabilidade elpídica”. Todo o acolhimento é elpídico. O “acolhimento” é a necessidade de espera na nossa memória, na memória da alma. A responsabilidade vive destes três momentos dialécticos: *spectare, expectare et sperare*⁵⁶. Ricoeur chama à esperança aquilo que é oposto à necessidade, estando ligada à imaginação⁵⁷. O acolhimento é esperança, por via da imaginação, no *spectare* e no *esperare*.

Para receber bem o hóspede, Marta, nos preparativos da casa, tinha de conhecer bem as leis da tenda, que estão enunciadas em Gn18 e noutros textos veterotestamentários. Marta realizou o *spectare* (programar) a começar pelos ritos da hospitalidade: oferta de pão e de vinho (Gn14,18-24), lavar os pés (Lc7,36-50; Jo13,1-17) e, sobretudo, “ouvir o hóspede”. A hospitalidade exige uma programação para bem acolher o estrangeiro, mas terá de surgir, na despedida, o *expectare* (agradecer)

52 Cf. Emmanuel LEVINAS - Ética e Infinito. Tradução de João Gama e revisão por Artur Morão, 91 ; Cf. “Nous sommes tous responsables de tout et de tous devant tous, et moi plus que tous les autres”. (Emmanuel LEVINAS - Éthique et Infini, 108).

53 Cf. Manuel J. do Carmo FERREIRA - “Da Responsabilidade à Compaixão”, 75.

54 Cf. Juergen MOLTSMANN - *Teologia de la Esperanza*, 41.

55 Cf. *Ibidem*, 41 - 42.

56 Cf. Pedro LAIN ENTRALGO - *La espera y la esperanza*, Madrid: Revista do Occidente, 1957, 14.

57 Cf. Paul RICOEUR - *Les Conflits des Interprétations*, Paris : Éditions du Seuil, 1969, 399.

pelo acolhimento dispensado e pelos bens oferecidos. Será o *Amen* (cumprimento e segurança na crença).

E, finalmente, a hospitalidade reside na *spes*, que é um estar e ser na alma. Marta e Maria, na Solicitudade de Betânia, tiveram “capacidade para esperar” (*spectare*) pelo hóspede. A esperança, segundo Lain Entralgo, é admitir que o tempo pode trazer algo de novo ao saber e à experiência já consagrada⁵⁸. A esperança é o que é oferecido na realização do desejo. A realização deste desejo do Outro esteve presente em Betânia. A hospitalidade é esse “dom do desejo do Outro”, que vem e que fica “chez moi”. A hospitalidade, como recordação do desejo do Outro, será esperança, como dimensão elpídica. Desejar o Outro e acolhê-lo é, naturalmente, aceitar que o Outro me escape, que ele transcenda a *fides* (fé).

A hospitalidade, pela esperança, segundo Derrida, será uma formulação, entre o desejo para o incondicional e a necessidade do condicional⁵⁹. A hospitalidade, tal como se narra em Lc10,38-42, é uma “intriga elpídica”. Por aqui se vê que o Rosto levinasiano se coloca no contexto da nudez e da significação. O que o caracteriza como Rosto será a significação que dele emana, a qual faz irromper a forma. A nudez determina-se como impossibilidade de se ornamentar. A relação com a “nudez” do Rosto é uma relação com uma presença, sem qualquer mediação. A nudez será aqui uma significação imediata. Mesmo despido da sua forma, o Rosto está transido na sua nudez⁶⁰. O Rosto significa “desvalido”. Analogicamente, interpretando a parábola do Bom Samaritano, pela leitura de Levinas, o “rostão”, na sua epifania, como nudez, é expressão da sua imagem, isto é, como “semi-morto” (Lc10,30). Este (desvalido no caminho) é o Rosto desfigurado de Jesus Cristo, que aparece como estrangeiro ou mendigo à porta da casa, em Betânia, no “acolhimento elpídico” de Marta e de Maria. Mas, a expressão do Rosto, como nudez, não depende da imagem, porque é muito superior a ela. No entanto, ele é rectidão que me visa concretamente a mim, porque fica à medida daquele que O acolheu⁶¹.

A nudez do Rosto (*homo viator*) é uma miséria, um des-nudamento, uma pobreza, uma dor e um sofrimento⁶². O Rosto do Outro (semi-morto) é “mendicante”, porque transforma o Samaritano num servidor. Logo, em Lc10,38-42, encontramos o *homo mendicans*, como “responsabilidade elpídica”: deixar-se acolher na esperança. O *homo mendicans* é a resposta elpídica, como recitação da Palavra, que dá sentido à resposta agápica e à pística em Betânia.

A nudez do Rosto é des-nudamento do Desvalido no Caminho. Poderá dizer-se que a nudez é des-protecção, algo que se manifesta como num lugar inadequado⁶³. Na parábola do Bom Samaritano, está representada a nudez de Cristo, que

58 Cf. Pedro LAIN ENTRALGO - *La espera y la esperanza*, 14 -15.

59 Cf. Mark DOOLEY; Liam KAVANAGH - *The philosophy of Derrida*, Stocksfield: ACUMEN, 109; 112.

60 Cf. Etelvina Pires Lopes NUNES - *O Outro e o Rosto. Problemas da Alteridade em Emmanuel Levinas*, 194.

61 Cf. Ramiro Délio Borges de MENESES - *O Desvalido no Caminho. O Bom Samaritano como paradigma da humanização em saúde*, 116.

62 Cf. *Ibidem*, 83 - 86.

63 Cf. Ramiro Délio Borges de MENESES - “O Desvalido no Caminho (Lc 10, 25-37) : da audição à recitação pela decisão”, in: *Theologica Xaveriana*, 165 (2008), 38 - 42.

vamos encontrar no Calvário, pelo seu despojamento. O Rosto do Outro está sem defesa e sem amparo, no caminho, como um “meio-morto”, “esperando” pelo desvelamento do Samaritano ao cuidar de suas feridas (Lc10,34). O Rosto, na sua nudez, deixa uma abertura para o transcendente, que Levinas chama “transparência” como espécie de fresta. Esta abertura não anula a transcendência, mas é passagem que permite a mesma. É o lugar onde ela se manifesta de modo vertical. Por detrás desta concepção de Rosto, estão as vítimas do povo de Israel, sobretudo, as que viveram o drama de Auschwitz⁶⁴.

A responsabilidade elpídica é um momento de responsabilidade poiética. O “sujeito des-inter-essado”, como refere F. Bernardo, ou ético é, pois, um sujeito hiperbolicamente responsável por tudo e por todos. Ele vem, na verdade, a si a partir da sua resposta extravagantemente responsável à anterioridade anárquica do Outro como Outro ou, como próximo, rasto do Infinito, da transcendência. É diante desta “responsabilidade elpídica” e por esta, que, em Jesus Cristo, *spe salvi facti sumus*. Jesus Cristo é o anúncio desta “responsabilidade soteriológica”, que se apresenta, em Betânia, pela hospitalidade a que foi sujeito, em casa de Marta e de Maria, numa “vocação elpídica” pela “escuta da palavra” em Maria.

A “responsabilidade elpídica” revela-se como uma responsabilidade de síntese entre as duas anteriores (pística e diaconal) vividas por Maria (contemplação) e por Marta (acção), respectivamente. Jesus Cristo recitou, na hospitalidade de Betânia, a esperança da Palavra⁶⁵. Será, assim, a hospitalidade uma “recitação elpidofânica”. A “responsabilidade elpídica” é uma responsabilidade ética e teologal, que define a santidade do humano ou esta como vocação para a santidade, diante da generosidade do “para os outros” (Marta e Maria em Betânia). A “responsabilidade pística” é uma audição que teve a sua voz em Maria (Lc10,39), enquanto Marta vive da “responsabilidade diaconal”, em virtude da “decisão agápica”, que é o cumprimento integral das leis da tenda. Jesus está presente como “responsabilidade elpídica”, porque, em Betânia, significou a recitação do Pai das Misericórdias (Lc10, 42).

Segundo Moltmann, através do versículo *spe salvi facti sumus* (Rm8,24) - fomos salvos pela esperança -, em todo o Novo Testamento, a esperança é dirigida àquilo que se não vê, será, pois, esperar contra a esperança. Por esta razão, condena o visível e o “agora” experimentável, apresentando-o como uma realidade perecedoura, como uma realidade abandonada por Deus. O grande impulso da hospitalidade, como “acolher plesiológico”, vem, sem dúvida, da “recitação elpidofânica” do estrangeiro, que chega a Betânia e entra em casa de Marta e de Maria. Entretanto, a esperança tem como objecto algum bem, e um primeiro movimento, para o bem ausente, chama-se “desejo”. Maria, pelo apelo contemplativo do Senhor, viveu a “esperança de alteridade” pela “audição da palavra”. Marta é o símbolo da “esperança de identidade”.

64 Cf. Stephan. SANDHER - *Die heimliche Geburt des Subjekts*, Stuttgart : Kohlhammer, 1998, 123 -125.

65 Cf. BENTO XVI - *Salvos na Esperança: Carta-Encíclica Spes salvi*. Tradução do latim, Braga: Editorial Apostolado da Oração, 2007, 7 - 11.

Em Betânia, Jesus, como estrangeiro, no diálogo acolhedor com Marta (induziu o desejo do serviço) e com Maria (salientou o amor à escuta da Palavra), transforma a contemplação e a ação numa mundividência elpídica. Segundo uma “responsabilidade elpídica”, abriu, no contexto de Lc10, 38-42, dois caminhos a seguir, a saber: o da *ἐπιουία* (desejo da Palavra), para Maria, e o de *ἀγάπη* (serviço desinteressado nas tarefas da casa) vivido por Marta.

CONCLUSÃO

Toda a hospitalidade se encerra num “movimento elpídico”, tal como se verificou ao longo deste capítulo. Assim incluímos a posição de Derrida, como um caso particular, que descreveu a hospitalidade como “memória de esperança”. É mais do que memória, segundo a nossa descrição. É um “movimento elpídico”, onde se vivencia uma “comoção elpidofônica”. A hospitalidade refere-se como contra-dom, expresso na solicitude das tarefas, para bem receber o hóspede.

O texto de Gn,18 refere as solitudes da hospitalidade, descrevendo, com precisão, as “cinco leis da tenda”: porta aberta, lavar os pés, alojar, dar de comer e ajudar para prosseguir viagem. Estes elementos entram, mais ou menos, de forma explícita, na atitude do serviço. São o “serviço” (*διακόνια*) ao hóspede dentro de casa. Da mesma forma, em Gn 24, 28-32^a, surge uma narrativa da hospitalidade, que manifesta, com muito colorido, as atitudes de quem “acolhe”. Neste relato, desponta, também, a “presteza” como apanágio da hospitalidade. Assim, não é estranho que o motivo do serviço esteja descrito com grande vivacidade, ressaltando a solicitude.

A hospitalidade, como “responsabilidade elpídica”, possui estes caminhos. Há, naturalmente, um compromisso de prioridade ao “dar-se inexoravelmente ao outro” (Desvalido no Caminho - nu, pobre, doente, drogado, marginal, etc.), que é o alimento da alma, ou seja, a esperança. Ora, a esperança não aponta para o imediato, ela implica o futuro, implica o esperar pelo “por vir”. Trata-se, pois, de uma conversão ao “que há-de vir”. A esperança é *quia venturus est*. É a periferástica activa do futuro. Será, com efeito, a resposta ao que há-de vir (terapêutica). A “responsabilidade elpídica” descreve-se, clinicamente, pelo diagnóstico e pelo prognóstico. A esperança, ao implicar um certo risco, traduz-se num salto para o futuro e para uma atitude de confiança.



Józef Chwedorowicz

Warsaw Management University, Poland

Wskaźniki ilościowe w edukacji multimedialnej / *Quantitative indicators in multimedia education*

Abstract

The paper analyses selected quantitative indicators in multimedia education. Multimedia education is a process where both teachers and students constantly acquire skills to benefit from the most effective and innovative solutions that support the learning process. Multimedia education is education using digital media such as image projectors, multimedia boards and computers with the internet access. In multimedia education, multimedia will not replace a teacher, but a teacher who uses multimedia effectively will replace a teacher who does not have the ability to do so. The study includes analysis of: cost per participant in the multimedia education program, effectiveness, and the monitoring of learning outcomes. In Poland, there are no studies evaluating "how schools made decisions concerning IT equipment". If we compare schools to SMEs, we can determine by analogy what requirements make it necessary to update IT equipment in schools.

Key words: Multimedia education, quantitative indicators.

WSTĘP

Edukacja multimedialna jest to edukacja z wykorzystaniem mediów cyfrowych takich jak rzutnik obrazów, tablica multimedialna oraz komputer z dostępem do internetu. W edukacji multimedialnej multimedia nie zastąpią nauczyciela ale nauczyciel, który sprawnie posługuje się multimediami zastąpi nauczyciel, który nie posiada takiej sprawności.

Multimedia można zdefiniować jako kombinację tekstu, dźwięku i obrazu w jednym wystąpieniu. Jest to „połączone użycie kilku mediów, takich jak filmy, slajdy, muzyka i oświetlenie, zwłaszcza w celach edukacyjnych i rozrywkowych”¹

¹ David W. Brooks, *Multimedia Classrooms*, Journal of Science Education and Technology, Vol. 6, No. 2, 1997

Edukacja multimedialnej możliwa jest dzięki nowym technologiom cyfrowym. Dzięki multimediom nauczyciel może oddziaływać na kilka zmysłów swoich uczniów jednocześnie.

Zgodnie z zasadami edukacji multimedialnej Richarda Mayera uczniowie osiągają lepsze wyniki w uczeniu się niż przy tradycyjnej edukacji – nauczyciel + tablica + kreda². Niniejsza praca jest próbą opisu tego procesu poprzez wskaźniki ilościowe.

WYBRANE WSKAŹNIKI ILOŚCIOWE W EDUKACJI MULTIMEDIALNEJ

Każda szkoła czy jednostka edukacyjna powinna mieć listę kryteriów do oceny narzędzi dostępnych przy realizacji edukacji multimedialnej. Jeśli chcemy obliczyć koszt uczestnictwa jednego odbiorcy w programie edukacji multimedialnej możemy wykorzystać następujący wskaźnik.

KOSZT UCZESTNICTWA JEDNEGO ODBIORCY W PROGRAMIE EDUKACJI MULTIMEDIALNEJ - K_J

Budżetu programu edukacji multimedialnej

$K_j = \frac{\text{Budżet programu edukacji multimedialnej}}{\text{Liczba uczestników (odbiorców) programu edukacji multimedialnej}}$

Liczba uczestników (odbiorców) programu edukacji multimedialnej

Przykładowo przy realizacji edukacji multimedialnej z wykorzystaniem mediów internetowych i cyfrowych takich jak rzutnik obrazów, komputer, tablica multimedialna oraz dostęp do internetu, przy budżecie np. 10000 zł i uczestnictwie 25 osób. Koszt uczestnictwa jednej osoby w programie edukacji multimedialnej w klasie 25 osobowej wynosi $K_j = 400$ zł. Nie jest to tanio, ale jeśli przyjmie się, że jest to inwestycja długoterminowa i na jej realizację szkoła zdobędzie dofinansowanie od zewnętrznych sponsorów czy rodziców, to warto podjąć takie działania.

KRYTERIUM PERSONALIZACJI UCZENIA

Kolejnym kryterium obok kryterium kosztowego jest kryterium personalizacji uczenia się. Zgodnie z zasadą personalizacji Richarda Mayera uczniowie osiągają do 40 procent lepsze wyniki, gdy treść jest dostarczana w formie pierwszej osoby i konwersacji, a nie jest tylko formalnym przekazem wiedzy³. Z badań prowadzonych przez autora wynik, że wykorzystanie w edukacji interesującego filmu, poruszającego ważne dla ucznia tematy zwiększa jego zaangażowanie w proces uczenia się⁴⁵⁶. Jerzy Grębosz autor wielu filmów edukacyjnych dla młodzieży takich jak

2 Richarda Mayer, *Multimedia Learning*, Cambridge Press, 2001.

3 Richarda Mayer, *Multimedia Learning*, Cambridge Press, 2001.

4 Józef Chwedorowicz *Wykorzystanie filmowej narracji do prezentacji zagrożeń i kompetentnych reakcji na cyberhejt w sytuacji młodzieży gimnazjalnej*, Konferencja APS Warszawa 2016.

5 Józef Chwedorowicz, *Edukacja wspierająca młodzież w walce z internetową pornografią*, Konferencja APS Warszawa 2015.

6 Józef Chwedorowicz, *Narracja filmowa w profilaktyce HEJTU*, Konferencja WSM Warszawa 2017.

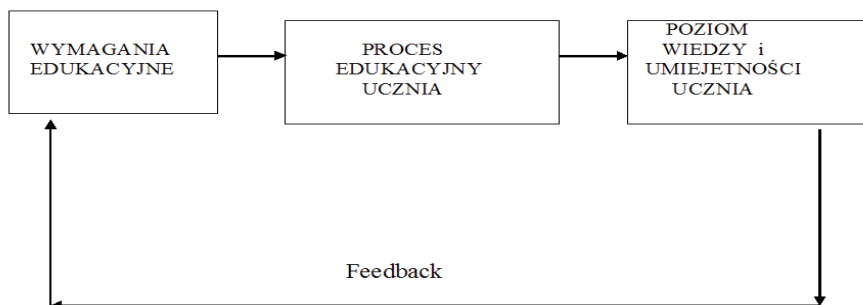
„Tajemniczy świat jąder atomowych”, czy „Badamy tajemnice DNA”, podkreśla że widza trzeba najpierw zainteresować, zaciekawić a dopiero potem przedstawić fakty⁷. Skuteczność uczenia się można określić wskaźnikiem personalizacji uczenia - Kp.

$$Kp = \frac{\text{czas przekazywania spersonalizowanych treści}}{\text{całkowity czas edukacji}}$$

KRYTERIUM MONITOROWANIA POSTĘPÓW EDUKACYJNYCH

Kolejnym wskaźnikiem jest informacja czy w trakcie edukacji multimedialnej jest możliwość monitorowania aktywności ucznia i oceny jego edukacyjnych postępów. Dla diagnozy postępów edukacyjnych potrzebna jest diagnoza posiadanej przez ucznia wiedzy w odniesieniu do edukacyjnych wymagań. W wyniku procesu edukacyjnego uczeń powinien zmienić swój poziom wiedzy i umiejętności. Ocenę tych zmian można ocenić w pętli sprzężenia zwrotnego.

Rys. 1 Feedback pomiędzy wymaganiami edukacyjnymi a poziomem ich spełnienia przez ucznia.



Źródło: Opracowanie własne.

Jednym ze sposobów monitorowania postępów edukacyjnych ucznia jest np. e-dziennik, który dostarcza informacji zwrotnej nie tylko uczniowi ale też jego rodzicom i dyrekcji szkoły. W rezultacie takiej oceny uczniowie są bardziej zmotywowani, niż w przypadku zapisywania ocen w tradycyjny sposób w dzienniku papierowym. Monitorowanie postępów jest jedną z kluczowych zasad efektywnego uczenia się⁸.

⁷ Wypowiedź J. Grębosza podczas wręczania mu nagrody: Złotego Kopernika” na gali EDUKINO 2010.

⁸ Lora E. Burke, Jing Wang, Mary Ann Sevick, Self-Monitoring in Weight Loss: A Systematic Review of the Literature, J Am Diet Assoc. January 2011 Volume 111, Issue 1, Pages 92–102.

KRYTERIUM I AKTUALIZACJI SPRZĘTOWEJ

Oceniając proces edukacyjny w ciągu roku szkoły powinny mieć możliwość podjęcia decyzji czy należy dokonać zmiany sprzętowej czy też nie. Realizowany proces edukacyjny zależy od wymagań podstawy programowej ale też od możliwości sprzętu, który pozwalałby prezentować większe filmy, podkasty czy gry edukacyjne. W Polsce brak jest badań oceniających „jakie decyzje w sprawie sprzętu IT podejmują szkoły”. Jeśli porównamy szkoły do MŚP, to przez analogię możemy określić z jakimi wymaganiami wiąże się konieczność aktualizacji sprzętu informatycznego w szkołach.

POWODY WYMIANY SPRZĘTU IT W MŚP

Firma Lenovo przeprowadziła w sierpniu 2015 roku wśród polskich przedsiębiorców z sektora MŚP badanie na temat zwyczajów i zachowań dotyczących kwestii wymiany oraz zakupu sprzętu komputerowego pt. „Komputery w polskich firmach MŚP 2015”. Z przeprowadzonego badania wynika, że cykl życia sprzętu IT w małych i średnich przedsiębiorstwach wynosi od 2 do 5 lat⁹.

Sprzęt IT jest wymieniany w firmach MŚP przede wszystkim z powodu zużycia. Jest to powód wymieniony przez niemal $\frac{3}{4}$ decydentów w sprawach IT. Często nowe komputery i akcesoria wymienia się też z powodu zniszczenia (20 %) oraz wzrostu wymagań w związku z nowymi zadaniami (19%). Firmy dzięki nowemu sprzętowi mogą podejmować się zadań wymagających nowocześniejszych zasobów IT. Rzadziej powodem jest oprogramowania (12%) oraz nowi pracownicy, dla których potrzebny jest nowy sprzęt. Jedna czwarta biorących udział w badaniu jako powód wymiany wskazała nowe wersje oprogramowania, a tym samym nowe wymagania wobec sprzętu (19%). Do najrzadszych przyczyn wymiany sprzętu należą: koniec okresu leasingu (2 %), wymagania korporacyjne (6 %), kwestie reprezentacyjne (3 %) oraz zakończenie okresu serwisowania (4 %).

9 http://g5.gazetaprawna.pl/p/_wspolne/pliki/2351000/2351515-infografika.pdf

Rys. 2 Powody wymiany sprzętu IT w sektorze MŚP.



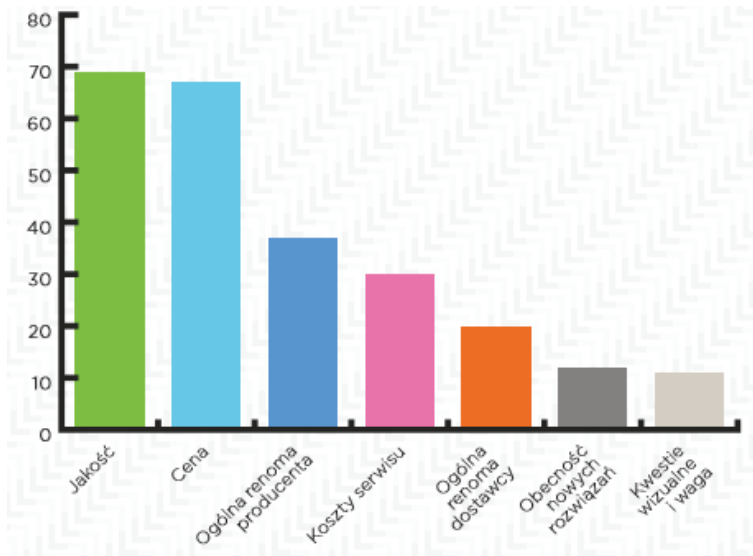
Źródło: Badania infrastruktury komputerowej w sektorze MŚP.

WYBÓR SPRZĘTU IT – NAJWAŻNIEJSZE CECHY

Raport Lenovo Polska „Komputery w polskich firmach MŚP 2015” podaje, że o wyborze nowego sprzętu IT decydują dwa główne czynniki: cena oraz jakość, natomiast wygląd czy zabezpieczenia mają znaczenie drugorzędne. Firmy korzystające ze sprzętu Lenovo częściej niż inne organizacje biorą pod uwagę renomę producenta i dostawcy w podejmowaniu decyzji o zakupie sprzętu IT.

- Jakość (69%)
- Cena (67%)
- Ogólna renoma producenta (37%)
- Koszty serwisu (30%)
- Ogólna renoma dostawcy (20%)
- Obecność nowych rozwiązań (12%)
- Kwestie wizualne i waga (11%).

Rys.3 Wybór sprzętu IT – najważniejsze cechy



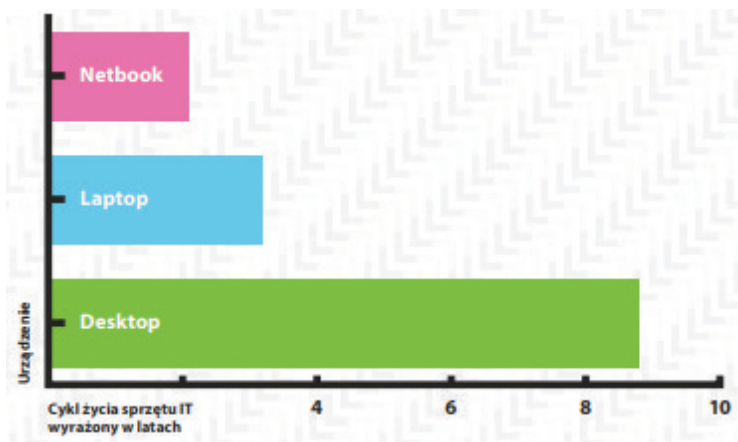
Źródło: Badania infrastruktury komputerowej w sektorze MŚP.

KIEDY I JAK CZĘSTO JEST WYMAGANA AKTUALIZACJE SPRZĘTU IT?

Raport Lenovo Polska „Komputery w polskich firmach MŚP 2015” podaje, że cykl życia sprzętu IT w małych i średnich przedsiębiorstwach wynosi od 2 do 5 lat. Wśród komputerów firmy z sektora MŚP najczęściej wymienia się:

- netbooki – co 2,1 roku;
- nieco rzadziej komputery typu laptop – co 3,2 roku;
- najrzadziej desktopy – co 8,8 roku.

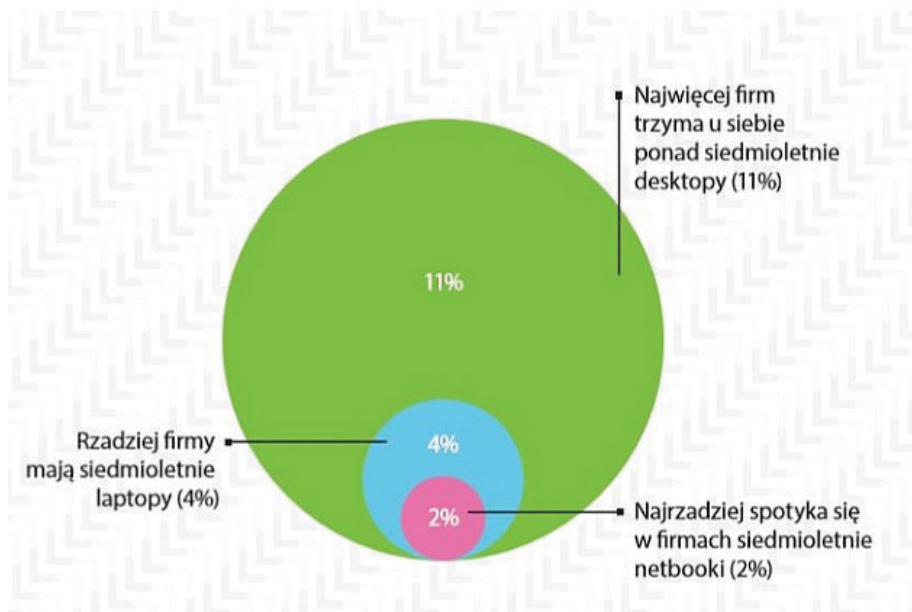
Rys.4 Cykl życia sprzętu IT w MŚP



Źródło: Badania infrastruktury komputerowej w sektorze MŚP.

Istnieją firmy, które wymieniają sprzęt znacznie rzadziej niż nawet raz na siedem lat. Najwięcej firm trzyma u siebie ponad 7-letnie komputery stacjonarne (11 %), rzadziej są to laptopy (4 %) oraz netbooki (2 %). Co rok sprzęt wymienia jedynie 1 proc. przedsiębiorców.

Rys. 5 Jaki procent firm trzyma u siebie siedmioletni sprzęt IT.



Źródło: Badania infrastruktury komputerowej w sektorze MŚP.

WNIOSKI DLA SZKÓŁ

Z przeprowadzonej analizy MŚP można postulować, że w zależności od wieku posiadanego sprzętu szkoły powinny wymieniać swoje zasoby IT.

- netbooki – co 2,1 roku;
- laptopy – co 3,2 roku;
- desktopy – co 8,8 roku.

Aktualizacja sprzętu IT nie ogranicza się tylko wyłącznie do komputerów, chociaż są one sercem całego procesu edukacji multimedialnej. Efektywny pakiet rozwiązań sprzętowych i oprogramowania powinien być zbudowany specjalnie dla danej szkoły, a nie „jako jedyny szablon pasujący do wszystkich szkół”. Pakiet rozwiązań dla edukacji multimedialnej powinien być budowany „na wymiar” odpowiadający danej szkole. Ocena potrzeb powinna być prowadzona w trakcie roku szkolnego w celu ustalenia, czy dane rozwiązania sprzętowe i programowe dają pożądane wyniki, czy też konieczne jest korekty, aby edukacja multimedialna była bardziej skuteczna.

PODSUMOWANIE

Edukacja multimedialna to proces, w której zarówno nauczyciele, jak i uczniowie stale rozwijają się, aby czerpać korzyści z najbardziej skutecznych i nowatorskich rozwiązań wspierających proces uczenia się.

W pracy analizowane są wybrane wskaźniki ilościowe w edukacji multimedialnej. Analizie poddano: koszt uczestnictwa jednego odbiorcy w programie edukacji multimedialnej, skuteczność i monitorowania efektów uczenia się oraz wymagania związane są z aktualizacją sprzętu informatycznego w szkołach. W Polsce brak jest badań oceniających „jakie decyzje w sprawie sprzętu IT podejmują szkoły”. Jeśli porównamy szkoły do MŚP, to przez analogię możemy określić z jakimi wymaganiami wiąże się konieczność aktualizacji sprzętu informatycznego w szkołach.

BIBLIOGRAFIA

1. Brooks D., *Multimedia Classrooms*, Journal of Science Education and Technology, Vol. 6, No. 2, 1997.
2. Burke L., Wang J., Sevick M.A., *Self-Monitoring in Weight Loss: A Systematic Review of the Literature*, J Am Diet Assoc. January 2011 Volume 111, Issue 1, Pages 92–102.
3. Chwedorowicz J., *Edukacja wspierająca młodzież w walce z internetową pornografią*, Konferencja APS Warszawa 2015.
4. Chwedorowicz J., *Narracja filmowa w profilaktyce HEJTU*, Konferencja WSM Warszawa 2017.
5. Chwedorowicz J., *Wykorzystanie filmowej narracji do prezentacji zagrożeń i kompetentnych reakcji na cyberhejt w sytuacji młodzieży gimnazjalnej*, Konferencja APS Warszawa 2016.
6. <http://www.komputerwfirmie.com.pl/informacje/raporty/pelny/9827/jak-cz>
7. https://resellernews.pl/wp-content/uploads/2015/10/k2_attachments_infografika.pdf
8. Mayer R., *Multimedia Learning*, Cambridge Press, 2001.



Paweł Czarnecki

Maria Gaziova

St. Elisabeth University of Health Care and Social Work
Bratislava, Slovakia

Pracovné vyhorenie pri práci - definícia a charakteristiky / *Burnout at work - definition and character of the work*

Abstract

The word burn - out, comes from English “to burn”, which means burning and the words “out” from, out, out. Thus, the phrase “burn-out” is an expression of burnout or extinction. The original fire and the ignition of the symbol-psychologically high level of motivation goes to the person affected by the symptoms of burnout syndrome into extinction, where there is nothing, which means where he has nothing to worry about.

For the Burnout Syndrome, there is as yet no generally accepted definition. Herbert Freudenberger first described this syndrome in 1975. The most important feature is chronic work-related stress and the imbalance between occupational expectation and professional reality, between ideals and reality. The burnout syndrome is the total burnout of human energy (and energy reserves) at the mental, physical and spiritual level in connection with the exercise of the profession. Burnout is formally defined as a state of physical, emotional and mental exhaustion that has caused long-term persistence in situations that are emotionally challenging. This emotional difficulty occurs when great expectations are combined with chronic stress (Křivohlavý, 2012 p.18).

The International Classification of Diseases advises burnout syndrome under ICD 10, category Z 73.0 entitled Problems associated with difficulties in organizing life that have psychological, physical symptoms and symptoms in the plane of social relations.

The severity of the burnout syndrome is currently up to date with both its content and its increase. “Our legislation does not define this disease in any category of legal norms, it does not recognize it as a diagnosis and we do not have one case law or legal argument developing the process or condition caused by the burnout syndrome” (Šoltéssová, Ivor, 2006, s.20). In Spain and the United States of America, burnout syndrome is recognized by law as an occupational disease.

Key words: work, job, mobbing, burnout.

Slovné spojenie burn - out, pochádza z anglického „to burn“, čo znamená horieť a slova „out“ z, zo, von. V slovnom spojení „burn - out“ teda ide o vyjadrenie vyhorenia či vyhasnutia. Pôvodný oheň a zapálenie symboli-

zujúce v psychologickvej rovine vysokú motiváciu prechádza u osoby postihnutej príznakmi syndrómu vyhorenia do vyhasnutia, kde nie je nič, čo znamená, kde už nemá čo horieť.

Pre syndróm vyhorenia (angl. Burnout Syndrome) doposiaľ neexistuje všeobecne uznávaná definícia. Prvýkrát tento syndróm opísal Herbert Freudenberger v roku 1975. Najdôležitejším znakom je chronický pracovný stres a nerovnováha medzi profesijným očakávaním a profesijnou realitou, medzi ideálmi a skutočnosťou. Syndróm vyhorenia je o totálnom vyhorení energie človeka (aj rezerv energie) na duševnej, fyzickej i duchovnej úrovni v súvislosti s výkonom povolania. Burnout je formálne definovaný ako stav telesného, citového (emocionálneho) a duševného (mentálneho) vyčerpania, ktoré spôsobilo dlhodobé zotrúvanie v situáciách, ktoré sú emocionálne mimoriadne náročné. Táto emocionálna náročnosť nastane, keď sa spoja veľké očakávania s chronickými stresmi (Křivohlavý, 2012 s.18).

Medzinárodná klasifikácia ochorení radí syndróm vyhorenia pod kód ICD 10, kategória Z 73.O s názvom Problémy spojené s ťažkosťami v usporiadaní si života, ktoré majú symptómy psychické, fyzické a príznaky v rovine sociálnych vzťahov.

Závažnosť problematiky burnout syndrómu je v súčasnosti aktuálna jednak svojim obsahom, ale aj jeho nárastom. „Naša právna úprava toto ochorenie nedefinuje v žiadnej kategórii právnych noriem, nepozná ho ako diagnózu a nemáme ani jeden judikát alebo právnu argumentáciu rozvíjajúcu proces alebo stav spôsobený syndrómom vyhorenia“ (Šoltésová, Ivor, 2006,s.20). V Španielsku a v Spojených štátoch amerických je syndróm vyhorenia uznaný zákonom ako choroba z povolania.

Šoltésová a Ivor (2006) realizovali prieskum ktorom pozorovali vplyvy pracovno-právneho vzťahu, pracovného prostredia, pracovného kolektívu, rodinného prostredia a materiálneho zabezpečenia na vznik a dynamiku vývoja syndrómu vyhorenia. Pri analýze syndrómu vyhorenia sledovali z hľadiska trestného práva vzťah a dôsledky medzi syndrómom vyhorenia a trestným činom, porušením pracovnej disciplíny a syndrómom vyhorenia- ohrozenie klienta. Závety tohto prieskumu jednoznačne poukazujú na potrebu riešenia syndrómu vyhorenia legislatívne a to ako poškodenie pracovníkov chorobou z povolania, ochranu pracovníkov postihnutých syndrómom vyhorenia pred stratou existencie a jeho znovu zaradenie do pracovného pomeru.

Nie náhodou sa v názve syndrómu nachádza slovo vyhorenie. Vyhoriť môže len človek, ktorý „hori“, ktorý je zapálený, nadšený, nadchnutý, oduševnený, má veľký elán, silný vzťah k svojej práci. Ale má ísť o dlhodobú stratu elánu, záujmu o prácu, spojenú s frustráciou – sklamaním, nie o situáciu, kedy sa človek rýchlo nadchne pre niečo a o týždeň alebo mesiac ho to už nebaví, pretože mu chýba vytrvalosť. Každý môže byť z času na čas znechutený v zamestnaní a neznamená to, že je

vyhorený. Syndróm vyhorenia nevzniká zo dňa na deň, nie je to jednorazová záležitosť, ale vzniká pomaly, plazivo, niekoľko rokov. Typická je dlhodobá otrávenosť v práci, kedy všetko ide na nervy. Človek zrazu nechápe, ako si mohol vybrať takéto povolanie a rozmýšľa nad zmenou zamestnania.

Pre burnout je typická celá škála príznakov. Patrí medzi ne telesné zrútenie, pocity bezmocnosti a beznádeje, strata ilúzií, negatívne postoje k práci a k ľuďom, k zamestnaniu ako aj k celkovo k životu. Vyskytuje sa u ľudí, pre ktorých je na začiatku typické veľké nadšenie, sú vysoko motivovaní s vysokými očakávaniami zmyslu ich života. Svoju prácu považujú skôr za povolanie ako zamestnanie. Postupne sa objavujú príznaky v zmysle osobného zlyhania so stratou životnej energie, ktorá je potrebná nato, aby svoju prácu a stanovené ciele dokončili. Zdá sa im všetko márne bez akéhokoľvek zmyslu/ Márnosť nad márnosť, všetko je márnosť/ Biblia. Strácajú zmysel svojej práce i života. Burnout je teda dôsledkom zlyhania pri hľadaní zmyslu života. **Syndróm vyhorenia je tiež dôsledok dlhodobého stresu** a chýbajúcich mechanizmov pri jeho zvládaní. Nezávládanie nadmernej psychickej záťaže a stresu môže často vyústiť do syndrómu vyhorenia (angl. burnout syndróm), je „súborom symptómov vedúcich k oslabeniu psychického stavu všeobecne spájaného s chronickým stresom obsahujúcim vyčerpanie, depersonalizáciu a znížený osobný výkon“ (Rabin, Feldman, Kaplan, 1999, s. 159).

Burnout môže byť veľmi negatívnym a bolestivým zážitkom, avšak môže byť aj prvým krokom k sebaopoznaniu a môže byť predchodcom dôležitých životných rozhodnutí a zmien, ktoré, človeka posúvajú ďalej na ceste k lepšiemu a plnohodnotne kvalitnejšiemu životu, v porovnaní zo životom, ktorý žili predtým. Ľudia, ktorí prekonalí psychické vyhorenie, žijú zmyslupľnejší a bohatší život (Farkašová, 2001).

V súvislosti so syndrómom vyhorenia je potrebné sa zamyslieť čo predchádzalo samotnému vyhoreniu a čo bolo na samotnom začiatku. Preto ak hovoríme o vyhorení, musíme spomenúť prvotné nadšenie, entuziazmus, elán, nadchnutie sa a silnú motiváciu pre dosiahnutie svojich cieľov. Treba však spomenúť, že nadšenie a enormná snaha môže byť pre aj proti v zmysle boja za napríklad dosiahnutie vedeckého objavu, ale aj proti, ak s enormným úsilím bojujeme proti niekomu, alebo niečomu napríklad proti rasizmu, xenofóbii, korupcii.

1.1 PREJAVY SYNDRÓMU VYHORENIA

Prejavy syndrómu vyhorenia sa môžu prejavovať na:

1. **fyzickej úrovni** (chronická únava, celková slabosť, rýchla unaviteľnosť, zdravotné ťažkosti, bolesti hlavy, poruchy krvného tlaku a podobne),
2. **psychickej úrovni** (zníženie psychickej energie, negatívne postoje k sebe samému, k práci, k svetu, životu, strata motivácie),
3. **sociálnej** (zhoršenie sociálnych vzťahov, konflikty, útlm sociálnych kontaktov, nezáujem, ľahostajnosť k okoliu),
4. **emocionálnom vyčerpaní** (pocity beznádeje, bezmocnosti, smútok, depresívne ladenie a pod.) (Klimeková, 2007).

Najčastejšie prejavy vyhorenia:

- Tráviace ťažkosti
- Bolesti hlavy
- Nadmerné potenie
- Búšenie srdca
- Únava
- Bolesti chrbta
- Pocit dehydratácie
- Zvýšený krvný tlak
- Poruchy spánku
- Výrazný hlasový prejav (časté náhle zvyšovanie hlasu - kričanie)
- Netrpezlivosť
- Plačlivosť
- Celková tenzia
- Obviňovanie ľudí v okolí, direktívny prejav
- Prejedanie sa
- Nervozita
- Nesústredenosť, únik do fantázie, zabúdanie
- Frustrácia, pocity osamelosti, bezmocnosti, menejcennosti

1.1.1 ŠTVORFÁZOVÝ MODEL BURN-OUT SYNDRÓMU PODĽA CHRISTÍNY MASLACH

Nadšenie a preťažovanie. V prvej fáze sa objavuje idealistické nadšenie, zaujatie pre vec, tendencia „rozdať sa“, dlhodobé preťažovanie sa, nadčasy a potreba robiť tak veľa ako sa len dá, a čo najlepšie... Typická je zvýšená túžba po seberealizácii.

Emocionálne a fyzické preťaženie. V druhej fáze sa postupne rozvíja psychické aj fyzické vyčerpanie. Objavuje sa únava, pochybnosti, zmätok v rebríčku hodnôt, neschopnosť určiť si priority. V tejto fáze by bola vhodná konzultácia s odborníkom, aby syndróm neprerástol do ďalšieho štádia. Problémom však býva typický znak tejto fázy a to popieranie všetkých príznakov rodiaceho sa vnútorného napätia ako prejav obrany tomu, čo sa deje.

Dehumanizácia druhých ľudí ako ochrana pred vyhorením. V tretej fáze nastáva postupné vytrácanie sa záujmu o druhých a empatie, objavuje sa nevrlosť, rôzne druhy agresivity, nenávisť a nechota. Strata angažovanosti, zhoršenie vzťahov s druhými a cynizmus je akousi obrannou reakciou pred ďalším vyčerpaním.

Stavanie sa proti všetkým a proti všetkému – vyhorenie. Posledné štvrté terminálne štádium sa prejavuje totálnym vyčerpaním (citovým, telesným a mentálnym), silným negativizmom, nezaujmom a ľahostajnosťou. V tomto štádiu dochádza k „zosypaniu“, pocitom prázdnoty, zúfalstva, k zníženiu imunity a k väčšej náchylnosti k somatickým ochoreniam, úzkosti a depresii.

Znalosť a dôsledné rozpoznanie jednotlivých fáz je pre vedúceho pracovníka veľmi dôležitým faktorom v procese riešenia uvedenej problematiky. Preto je dôležité poznanie konkrétneho jedinca jeho vlastností ako aj pozorovanie jeho aktivít v čase keď je zapálený pre svoju prácu a vidíme, že má jasne vytýčený cieľ. Je dychtivý stále sa niečo dozvedieť, rozširovať svoje vedomosti a zručnosti.

Vášnivo žije pre vytýčený cieľ, často krát si nedáva prestávky v práci.

1.1.2 VYHORETÝ JEDINEC A DRUHÍ ĽUDIA

Jedinec, ktorý je vyhoretý sa postupne správa k druhým ľuďom chladne bez emócií, ktorého vôbec nezaujímajú problémy a pocity iných ľudí, bez schopnosti vžiť sa do pocitov a problémov druhého človeka/ nemajú schopnosť empatie/. Má pocit, že druhí ľudia ho neustále obťažujú, pri rozhovore s nimi má pocit, akoby to neboli ľudia, ale nejaké mechanické, neživé predmety. Nezaujíma ich ani to čo si o nich myslia iní ľudia. Postupne sa dostáva do stavu totálneho fyzického, emocionálneho aj duševného vyčerpania s vysokým sklonom k rôznym chorobám vrátane depresie.

Profil človeka, ktorý je náchylný na syndróm vyhorenia

- človek spočiatku veľmi nadšený tým, čo robil,
- človek s príliš vysokými nárokmi, v štúdiu, práci, tvorbe, športe, organizovaní,
- človek pracujúci nad úroveň svojej kapacity, kompetencie, schopnosti a zručnosti,
- človek najproduktívnejší, najvýkonnejší, najstarostlivejší,
- človek perfekcionista, ktorý sa snaží robiť všetko čo najlepšie a najpresnejšie,
- človek vorkoholik, ktorý berie svoju prácu ako drogu,
- človek, ktorý neúspech prežíva ako svoju osobnú porážku,
- človek, ktorý nie je schopný vymaniť sa z pazúrov neustále sa zvyšujúcich sa nárokov,
- človek, ktorý nevie primerane odpočívať, relaxovať a regenerovať svoju energiu,
- človek, dlhodobo bojujúci s bolesťou, chorobou, alebo nadriadeným,
- človek, ktorý dlhodobo viac odovzdáva ako prijíma,
- človek, ktorý často okrem práce sa musí starať o zdravotne postihnutého rodného príslušníka,
- človek, ktorému ide o peniaze, či moc,
- človek, ktorý je posadnutý súperením,
- človek s nahromadením ťažkých životných podmienok,
- človek žijúci v časovom strese (stále sa náhli),
- človek, ktorý neznižuje požiadavky na seba samého.

Postupne vyššie popísaný jedinec sa stáva kandidátom, ktorý postupne prepadá do stavu vyhorenia, kedy sa cíti telesne, emocionálne vyčerpaný, chladný, duševne

sa cíti "na dne", unavený, akoby bol chorý, ale necíti žiadne konkrétne príznaky, je mu zle, je rozčarovaný, sklamaný, plný beznádeje a pesimizmu, je bez odvahy a akejkolvek iniciatívy, stráca, ilúzie, jeho plány sa postupne rúcajú, prežíva odľahčenie energie, nie je schopný sa rozhodovať, do ničoho sa mu nechce pustiť, nevie sa proti ničomu postaviť a žije v neustálom napätí.

1.1.3 VÝSKYT SYNDRÓMU VYHORENIA

Vyskytuje sa u ľudí, ktorí dlhodobo pracujú s ľuďmi tzv. pomáhajúcimi profesiami, kde sú vysoké požiadavky na zamestnanca s nadmerne požadovaným dodržiavaním tzv. pravidiel hry, v prostredí s diktátorským režimom nadriadených, kde sa manipuluje s ľuďmi, bez možnosti vzájomnej otvorenej komunikácie, v prostredí s veľkým množstvom úloh, kde sa vyžaduje ich splnenie v krátkom čase, kde je veľký počet, pacientov, klientov, zákazníkov. Pre ľudí postihnutých syndrómom vyhorenia sa rodina stáva príťažou a majú k nej zvyčajne negatívny vzťah. Napríklad u zdravotných sestier klesá záujem o pacientov, stávajú sa cynickými, prejavuje sa nepozornosť v práci a na výhrady reagujú výbuchom hnevu, alebo naopak plačom (Štípalová, Šebeková, 2001). Skúmaním výskytu syndrómu vyhorenia sa zaoberali rôzne odborné publikácie. Je zrejme, že syndróm vyhorenia postihuje nielen ľudí pracujúcich v zdravotníctve (lekárov, sestry, ošetrovateľský personál), ale aj ľudí mimo medicínskych profesií (Šrámka, Kilíková 2006). Analýzou syndrómu vyhorenia a spôsobom ako sa vykonáva práca sociálnych pracovníkov sa zaoberala Bérešová (2006) vo svojej práci. Stáva sa, že v prípade zdravotníckych pracovníkov dôjde k opusteniu pracovnej pozície alebo až k samovraždám.

Syndróm vyhorenia môže mať aj fatálne následky, ktoré sa niekedy končia samovraždou. Sonneck (1994), ktorý sa zaoberal príčinami samovrážd u osôb pracujúcich v zdravotníctve upozornil, že v prípade lekárov v Nemecku je počet samovrážd až o 50% vyšší ako celosvetový priemer. Podobné údaje môžeme nájsť u Bämäyra a Feuerleina (1984), kde počet samovrážd u rakúskych lekárov je o 250% vyšší ako celosvetový priemer.

Ideálne prostredie pre vznik burnout syndrómu

K vyhoreniu dochádza všade tam, kde je nedostatok personálu, času a prostriedkov, chýba kladné oceňovanie (pochvaly a uznania), kde je prítomné ponižovanie, urážanie, ohováranie, kde je nedostatočné vybavenie pre odpočinok a relaxáciu, kde ľudia nemôžu tvorivo rozvíjať svoje schopnosti, kde vedenie je necitlivé k potrebám podriadených, poznajú len úlohy, kontroly a pokarhanie, kde vyhorenie úlohám je len za cenu iných strát (napr. rodinných), kde sú tzv. šibeničné termíny splnenia úloh a kladie sa dôraz na kvantitu, kde existuje len súperenie (boj na život a smrť), zaťaženie pracovníka je nepomerne vyššie ako jeho kapacita, nepriaznivé pracovné podmienky trvajú príliš dlho, dochádza ku kumulácii viacerých vyššie spomínaných podmienok (Křivohlavý, 2012. str. 35).

1.2 FAKTORY OVPLYVŇUJÚCE SYNDRÓM VYHORENIA

Medzi negatívne faktory ovplyvňujúce vznik syndrómu vyhorenia patria:

1.2.1 NADMERNÁ EMOCIONÁLNA ZÁŤAŽ

K psychickému vyhoreniu často dochádza tam, kde sú kladené príliš vysoké nároky na pozitívne emocionálne vzťahy medzi ľuďmi. Od lekára sa veľmi často vyžaduje, aby jeho správanie bolo voči pacientovi veľmi pozitívne. V prípade lekára je veľmi potrebná dávka empatie, kedy sa musí vžiť do pocitov a potrieb pacienta, avšak na druhej strane v mnohom je potrebné, aby aj sám pacient mal realistické očakávania súvisiace s jeho liečbou. Je to napríklad v prípade operácií degeneratívnych ochorení pohybového aparátu. V mnohých prípadoch je dôležitá komunikácia vo vzťahu lekár pacient, kedy lekár vysvetlí podstatu ochorenia, spôsob diagnostiky a liečby s prípadnými možnými komplikáciami. Pri dostatočnej komunikácii s adekvátnym vysvetlením zo strany lekára je možné predísť k dezilúzii pacienta, že príslušná liečba zlepši jeho stav nad úroveň akú sám očakáva. Je to hlavne v prípade seniorov, kedy prirodzené starnutie organizmu spôsobuje prirodzenou cestou aj starnutie pohybového aparátu a teda aj príslušná liečba vrátane chirurgických výkonov síce čiastočne zlepši stav pacienta, ale podstatu celkového opotrebenia pohybového aparátu nezmení. Mnohí pacienti však očakávajú podstatné a často až sto percentné zlepšenie stavu, čo zvlášť v prípade starších ľudí nie je možné dosiahnuť. Preto často krát lekár pracuje pod vysokým emocionálnym tlakom v snahe vysvetliť adekvátne pacientovi jeho stav a očakávaný výsledok. Komunikácia lekára a pacienta je často diskutovanou témou, málokedy však sa rozoberá problém preťaženého lekára v nočných službách s depriváciou spánku prípadne na ambulanciách s veľkým počtom netrepezlivých, chorobou trpiacich pacientov. Je potrebné však povedať, že často aj zo strany pacientov dochádza k neadekvátnym prejavom presahujúcim hranicu primeranej komunikácie, čo celú situáciu iba zhoršuje a prispieva k vytváraniu stresových situácií. V prípade dlhoročnej praxe pri dlhodobom preťažovaní lekára to má za následok chronicky pôsobiaci stres následnou možnosťou nástupu syndrómu vyhorenia./ moje slová/

1.2.2 NEDOSTATOK PERSONÁLU

Jedným z ďalších ukazovateľov, ktorý podstatnou mierou prispieva k nárastu stresových situácií pri práci chirurga je dlhoročný problém s nedostatkom personálu na jednotlivých chirurgických pracoviskách. Nedostatok lekárov na chirurgických pracoviskách ako aj signifikantný nárast počtu pacientov, ktorí vyžadujú chirurgickú liečbu, situáciu v zmysle celkového pracovného stresu ešte zhoršujú. Jednou z príčin je aj nepriaznivý demografický vývoj - starnutie populácie. Stále vyšší počet ľudí v staršom veku ako aj zlepšujúca sa diagnostika a jej dostupnosť v regiónoch má za následok aj vyššiu chorobnosť vyžadujúcu chirurgickú liečbu. Prirodzene sa tým vyvíja tlak na chirurgický personál. Neustály nárast počtu chirurgických výkonov kladie vyššie nároky na ich počet. Pri stagnujúcom a miestami na niektorých pracoviskách aj klesajúcom počte chirurgov je pracovná záťaž na

hranici únosnosti. Vzhľadom na tieto spomínané skutočnosti je často krát lekár chirurg poverovaný v rámci svojho pracovného zaradenia aj niekoľkými úlohami súčasne. Práca na operačnom sále, ambulancii, zvládanie urgentných stavov počas dňa aj noci sú síce normálnou súčasťou práce chirurga, avšak iba v prípade ak nemusí zvládať tieto situácie súčasne resp. v krátkom časovom slede. Situáciu z nedostatkom lekárov na chirurgických pracoviskách zhoršuje aj chronický nedostatok zdravotných sestier a nižšieho zdravotného personálu, ktorý tak sekundárne nepriaznivo ovplyvňuje prácu samotného lekára na operačnom sále. Lekár- chirurg sa aj pre nedostatok stredného a nižšieho zdravotného personálu dostáva ešte pod väčší tlak a čoraz častejšie čelí stresu. Na prvý pohľad by napríklad nedostatok sanitárov sa mohol zdať relatívne banálnou záležitosťou avšak ich nedostatok významne ovplyvňuje chod chirurgických pracovísk. Jednou z ich úloh je transport pacientov na operačný sál. V prípade ich nedostatku vznikajú časové prestoje, ktoré majú za následok aj nižší počet pacientov operovaných na chirurgických pracoviskách. Tento fakt významnou mierou zvyšuje stres chirurga, ktorý by sa mal plne koncentrovať na operačný výkon. Ďalším významným faktorom, ktorý kladie vysoké nároky na prácu chirurga je neustály nárast množstva administratívnej práce súvisiacej z chodom zdravotníckych zariadeniach. Nie je to však iba práca so samotnou zdravotnou dokumentáciou, ale je to aj administratívna práca súvisiaca so vzťahom so zdravotnými poisťovňami pri použití cenovo náročných materiálov na operačnom sále. Táto práca je síce potrebná, avšak ako vyplýva z odpovedí respondentov mala by byť v kompetencii výlučne administratívnych pracovníkov v zdravotníckych zariadeniach. Tým by lekár chirurg bol od tejto práce oslobodený a mohol by sa venovať výlučne svojej odbornosti. V súvislosti s administratívnou prácou je potrebné povedať, že tá je prirodzene spájaná z nemocničným informačným systémom, ktorý je často nefunkčný aj pre zastaranosť nemocničnej počítačovej siete s nedostatočným počtom personálu, ktorý by sa o tento systém a počítačovú sieť mali starať, čo súvisí s nedostatkom finančných prostriedkov potrebných na mzdy týchto zamestnancov. Všetky vyššie uvedené skutočnosti zvyšujú psychické napätie lekára, prehĺbujú stres a postupne vedú k jeho vyčerpaniu s prípadným vyhorením, zvlášť ak dlhodobo nevidia snahu o riešenie týchto problémov zo strany nadriadených, ktorých jednou z kľúčových úloh by malo byť zabezpečenie dostatočného množstva nie len lekárov, ale aj zdravotných sestier, nižšieho zdravotného personálu a administratívnych pracovníkov.

Špecifickým problémom je Neurochirurgická klinika v Košiciach, ktorá je jediným poskytovateľom veľmi úzko špecializovaných výkonov chirurgickej liečby mozgu, chrbtice, miechy a periférnych nervov v regióne Východného Slovenska (Košický a Prešovský kraj). V tejto súvislosti je potrebné zdôrazniť veľmi nešťastné a nepriaznivé rozmiestnenie neurochirurgických pracovísk na Slovensku. V regióne západného Slovenska vykonávajú túto činnosť pracoviská v Bratislave, Nových Zámkoch a Nitre, na strednom Slovensku v Banskej Bystrici, Martine, Ružomberku a Žiline. Už samotný pohľad na hustotu rozmiestnenia týchto pracovísk prezrádza, že neurochirurgovia v Košiciach vzhľadom na množstvo a nárast počtu chirurgických výkonov pracujú pod veľkým tlakom, v enormnom psychickom ale aj fyzickom vypätí v porovnaní s inými pracoviskami. Nie je to preto, že by vykoná-

vali iné výkony ako na iných neurochirurgických pracoviskách, ale je to preto lebo v Košiciach na jedného neurochirurga pripadá viac pacientov, viac výkonov, viac administratívnej práce atď. Dôležitým fenoménom v poslednom období ostáva aj fakt, že kým v minulosti bol tento obor veľmi atraktívny, dnes sa jeho atraktivita znižuje nakoľko pomer náročnosti vykonávaných výkonov, objem stresu, enormne namáhavé nočné služby, zdraviu škodlivé prostredie (práca pod RTG žiarením) na jednej strane a sumár benefitov na druhej strane je dosť nepriaznivý. Tento nepriaznivý trend umocňuje nie len nedostatočné finančné ohodnotenie, ale aj fakt, že oproti iným oborom (očné, krčné a pod.) si v neurochirurgii nemôže lekár otvoriť súkromnú prax. Riešením na zlepšenie tejto nepriaznivej situácie by malo byť koordinované úsilie, vlády, ministerstva zdravotníctva, a hlavného odborníka z oboru neurochirurgia. Výsledkom tohto riešenia by mohlo byť vytvorenie ešte aspoň jedného pracoviska v regióne Východného Slovenska, čím by prácu neurochirurgov v Košiciach uľahčili a eliminovali by objem stresu pod ktorým pracujú. Takto by sa aspoň s častí vytvorili podmienky eliminujúce ich postupné vyhorenie.

1.2.3 NEDOSTATOK POMOCNÉHO ZDRAVOTNÉHO PERSONÁLU

Úzko súvisí s pracovnou preťaženosťou sestier. Výskum potvrdil, že prácu za chýbajúci pomocný zdravotný personál robia sestry. Najčastejšie ide o sanitárske práce, upratovanie priestorov, sprevádzanie pacientov a pod. Táto práca navyše, podľa výsledkov výskumu spôsobuje, že sestry nemajú dostatok času na zabezpečenie základnej ošetrovateľskej starostlivosti

1.2.4 VZŤAHY NADRIADENÝCH A PODRIADENÝCH

Štúdie zamerané na poznávanie faktorov ovplyvňujúcich zrod a rozvoj burnout naznačili veľa dôležitých charakteristík konania vedúcich pracovníkov voči podriadeným, ktoré môžu – ak sa využijú pôsobiť preventívne s ohľadom na burnout. Kladne proti syndrómu vyhorenia pôsobí taký vzťah vedúceho k podriadeným, keď je medzi nimi styk pravidelný a nedochádza k nemu len vtedy, keď sa deje niečo neobvyklé. Kladne pôsobí, keď vedúci informuje podriadených, o čo mu skutočne ide a nepristupuje k nim s nejakým podozrievaním. Kladne pôsobí, keď sa vedúci pokúša vždy skôr zladať (harmonizovať) vzájomné vzťahy medzi svojimi podriadenými, ako keď ich privádza do vzájomných sporov. Kladne pôsobí ak vedúci oznamuje svojim podriadeným nielen krátkodobé úlohy, ale zoznamuje ich aj s dlhodobými perspektívnymi zámermi. Kladne pôsobí, keď vedúci rozpráva nielen o čisto technických veciach, ale keď s nimi zasvätené hovorí aj o ekonomických veciach a firemnej filozofii (cieľoch, zámeroch a zmysle existencie firmy). Kladne pôsobí, keď má vedúci zmysel nielen pre čisto technické veci, ale aj pre morálne, etické a sám je v tomto zmysle vzorom. Kladne pôsobí, keď vedúci dáva podriadeným jasne najavo, že ich prácu si v ťažkej váži on i jeho nadriadení (Křivohlavý str 158).

Jednou zo základných podmienok správneho fungovania vzťahu k podriadenému je schopnosť empatie- vcítania sa do pocitov iného človeka. Kolektív často tvoria ľudia s rôznymi povahovými a osobnostnými črtami, pochádzajúci s rôznych

rodinných aj spoločenských pomerov. Často sú to ľudia, ktorí zápasia s rôznymi zdravotnými problémami, problémami ich blízkych, ľudia, ktorí sú často aj v zlej sociálno - ekonomickej situácii, ľudia zápasiaci so stratou blízkeho človeka. Všetky tieto faktory buď prechodne, alebo dlhodobo môžu zhoršovať ich chronický stres a ovplyvňovať ich pracovný výkon, avšak správny prístup vedúceho pracovníka so schopnosťou vžiť sa do problémov podriadených, často pomôže preklenúť kritické obdobia v ich práci a živote. Odmenou takého prístupu pre vedúceho pracovníka je fakt, že potom sám podriadený s pocitom podpory zo strany vedúceho sa stáva výkonnejší v práci s pozitívnejším myslením a aj on sám sa stáva oporou pre svojich spolupracovníkov. Práve takýto prístup môže v mnohom predísť konfliktným situáciám často prameniacim s vnútorného dyskomfortu jednotlivca. Opakom takého správania vedúceho je arogantný, necitlivý prístup, ktorého jediným cieľom sú výsledky dosiahnuté za každú cenu, i za cenu zdravia podriadeného, prípadne za cenu narušenia súkromia podriadeného, ktoré často môžu viesť k nezhodám v rodine, rozvodom s prípadným dopadom na širšie okolie ako je len sám podriadený jedinec a jeho rodina. V takomto prípade sa kríza jednotlivca ešte prehĺbi s negatívnym dopadom na jeho výkon a výkon kolektívu, v ktorom pracuje. A to je práve moment, kedy by si vedúci pracovník mal uvedomiť svoju úlohu v zmysle vypočítania podriadeného/ bez zasahovania do jeho súkromia/, jeho povzbudenia ako aj korekcie jeho pracovného zaradenia aspoň za obdobie, dokedy problém nepominie. Práve budovanie takýchto vzťahov v kolektíve dáva predpoklady pre zdravý rozvoj osobnosti a kolektívu a spolu s vedúcimi pracovníkmi napomáha utvárať kolektívny duch. /Ja/

1.2.5 NEDOSTATOČNÁ KOMUNIKÁCIA

Na základe doterajších skúseností možno konštatovať, že významná časť zamestnancov chirurgických oborov negatívne vníma s ohľadom na ich pracovný výkon nedostatočnú a často neefektívnu komunikáciu medzi podriadenými a nadriadenými. Z tejto nedostatočnej komunikácie vyplývajú často chronicky neriešené dlhodobé problémy. Postupné hromadenie nevyriešených problémov/ nedostatočné personálne obsadenie, nedostatočné materiálne technické vybavenie pracovísk, nedostatočné odmeňovanie vedie k často k neefektívnemu, nemotivujúcemu konaniu, kedy sa pozitívne výsledky dosahujú len veľmi ťažko a stanovené ciele sú v nedohľadne. Zároveň vyššie spomínané nedostatky negatívne ovplyvňujú pracovný výkon, nakoľko pracovníci nevidia perspektívu ich riešenia. Celý problém sa prehĺbuje ak sa celá komunikácia obmedzí len na striktné stanovené a často bezduché pracovné schôdze obmedzujúce sa na príkazy a nariadenia, ktoré navyše neriešia problémy a niekedy ich ešte zhoršujú. Za efektívnu komunikáciu je potrebné však považovať nie len presne časovo stanovené mítingy, ale aj potrebu komunikovať v otvorenom prostredí aj mimo rámec týchto porád a mítingov. Ukazuje sa, že neformálne stretnutia s jednotlivými zamestnancami prinesie viac efektívnych riešení, ako keby sa stretnutia obmedzovali iba na úrovni vyššieho a stredného manažmentu. Ak sa v z tejto komunikácie vynechajú radoví pracovníci, obyčajne to má za následok pocit, že si ich prácu nikto nevšíma a neváži. Často zamestnanci majú pocit, že ich nadriadení prichádzajú do kolektívov až v čase, kedy je potrebné akútne riešiť samotnú krízovú situáciu. Pritom niekoľko

neformálnych rozhovorov predtým by možno stačilo nato, aby k týmto krízovým situáciám nedochádzalo. Zároveň neformálna komunikácia napomáha medzi top manažmentom nemocníc a zamestnancami ich vzájomnému pochopeniu. Aj podriadený zamestnanec vtedy zrazu pochopí, že ich šéfovia, tiež nie sú v ľahkej pozícii v snahe zabezpečiť prevádzku nemocnice konkrétne operačných sál a prevádzok, ktoré z ich prevádzkou súvisia. Preto v rámci riešenia komunikačných problémov je potrebné:

- informovať otvorene ich o krátkodobých a dlhodobých cieľoch pracoviska, zámeroch sa plánoch,
- komunikovať nie len o technických záležitostiach, ale aj o etických problémoch,
- pri komunikácii dať zamestnancom jasne najavo, že si ich prácu váži, komunikovať pravidelne a otvorene a to nie len v čase keď je situácia kritická,
- pri komunikácii s pracovníkmi je potrebné ich informovať o zámeroch pracoviska,
- pri komunikácii vzbudiť istotu, že nadriadenému ide o harmonizáciu vzťahov a nie vytváranie sporov,

Pri komunikácii je potrebné ak sa prejavuje dostatok vzájomnej úcty, porozumenia a rešpektu, kedy ide o tzv. evalvačné prejavy (Křivohlavý str. 159,2012).

Príklady evalvačných prejavov:

- Nieкто si ma všimne (neprejde okolo mňa bez povšimnutia),
- Nieкто ma pozdraví (neprejde okolo mňa bez pozdravenia).
- Nieкто mi odpovie na pozdrav (nezostane mi pozdrav dlhý).
- Nieкто ma berie na vedomie ako človeka (nespráva sa ku mne, ako keby som bol vzduch).
- Nieкто je ochotný vypočuť ma (počúva ma, keď niečo hovorím).
- Nieкто so mnou zaobchádza ako so seberovným človekom.
- Nieкто, s kým sa rozprávam, má nechá dohovoriť a neskáče mi do reči.
- Nieкто so mnou zaobchádza s úctou – rešpektom (považuje ma za úctyhodného človeka).
- Nieкто so mnou zaobchádza taktne, slušne, láskavo a citlivo.
- Nieкто mi dôveruje, považuje ma za dôveryhodného človeka.
- Nieкто berie do úvahy to, čo hovorím, alebo robím (rešpektuje ma).
- Nieкто o mne hovorí celú pravdu a neskresľuje nič v môj neprospech.
- Nieкто kladne oceňuje moju prácu, moje úsilie, t. j. to, čo robím.
- Nieкто má chváli (pochváli to, čo robím, ako vyzerám, o čo sa snažím).
- Nieкто o mne hovorí s uznaním.
- Nieкто sa zasadzuje za to, aby sa mi dostalo, čo mi právom patrí (aby som nebol oklamáný).

- Nieкто sa ma v mojej prítomnosti zastáva, keď ma neprávom osočujú, obviňujú či ohovárajú.
- Nieкто sa ku mne správa otvorene a nič predо mnou neskrýva.
- Nieкто mi pred druhými ľuďmi nevyčíta chyby, ktorých som sa dopustil, ale rozpráva so mnou о nich medzi štyrmi očami.
- Nieкто mi dokáže odpustiť to, čo som urobil zle, či nedbanlivo.
- Nieкто dokáže pribrzdiť to, čo by mi inak urobilo zle (čo by mi uškodilo).
- Nieкто ma povzbudzuje, keď to potrebujem „ako sol’“.
- Nieкто mi dobrovoľne – z vlastnej iniciatívy – poskytne pomoc.
- Nieкто ma upokojuje, keď to potrebujem (keď som rozčúlený, nervózny, ne-svoj a pod.).
- Nieкто sa ma zastáva, keď sa о mne za mojej neprítomnosti zle hovorí.
- Nieкто о mňa prejavuje skutočný záujem (vidí vo mne hodnotného človeka).
- Nieкто mi prejavuje uznanie, keď som vykonal niečo, čo si skutočne uznanie zaslужuje (neprechádza to mlčaním).

1.3 KONFLIKT AKO STRESOVÝ FAKTOR

Podľa Hockera a Wilmota (1992) je konflikt vyjadrený zápas medzi nezávislými stranami založený na vnímaní nezlučiteľných cieľov. Spor je rozhovor, v ktorom diskutujúci zistia, že sa objavili veci, ktoré nevedia k svojej spokojnosti vyriešiť.

Konflikt je jedným z najvýznamnejších stresových faktorov pri práci chirurga. Otázkou ostáva, kde a prečo konflikt vzniká a z akých situácií pramení. Konflikt-ným situáciám sa pri akejkol’vek ľudskej činnosti úplne vyhnúť nedá, avšak pri väčšine prípadov sa mu dá zabrániť, alebo aspoň zmierniť jeho negatívne dôsledky. V prípade práce chirurga často dochádza ku konfliktným situáciám pri riešení jak akútnych, tak aj dlhodobých problémov. Nakoľko chirurg pri svojej práci denne prichádza do styku s pacientmi, ich príbuznými, kolegami z iných pracovísk, stredným a nižším personálom, vylúčiť konflikt pri tejto práci je takmer nemožné. I pri najlepšej vôli sa konfliktu v mnohých prípadoch vyhnúť nedá, ide však о to, aby ich riešenie bolo konštruktívne a posunulo obe sporiace sa strany ďalej. Je potrebné spomenúť, že väčšina týchto konfliktov pramení z už chronicky známych problémov v zdravotníctve akými sú nedostatok personálu, nedostatočné materiálne technické zabezpečenie, nedostatočná a nepravidelná komunikácia medzi podriadenými a nadriadenými, zlá organizácia práce, nejasná vízia a koncepcia a podobne. (Ja).

Existuje aj delenie konfliktov podľa počtu zúčastnených osôb. Psychológovia ich rozdelili do štyroch skupín:

1. **interpersonálne konflikty** - sú to konflikty medzi dvomi ľuďmi,
2. **intrapersonálne konflikty** - sú to naše osobné, vnútorné konflikty,
3. **skupinové konflikty** - konflikty, ktoré sa vyskytujú vnútri danej skupiny ľudí,

4. **medziskupinové konflikty** - konflikty medzi dvomi skupinami ľudí (Křivo- hlavý, 2002).

Riešenie konfliktných situácií je súčasťou práce vedúceho pracovníka. Preto je v jeho záujme, aby konflikty riešil čo najskôr, neodkladal ich, prípadne sa im úplne nevyhýbal. V opačnom prípade konflikt môže prerásť do situácie, ktorá môže mať až zničujúce dôsledky pre celý kolektív.

Spôsob riešenia konfliktu sa líši v závislosti od povahy problému. Od povahy problému rozoznávame konštruktívne a deštruktívne konflikty. Charakterizuje ich riešenie nasledovnými prvkami:

Konštruktívny konflikt:

- partneri sa snažia obojstranne odstrániť nedorozumenie,
- komunikácia prebieha otvorene,
- partneri nepoužívajú nátlakové taktiky,
- partneri sa vzájomne rešpektujú,
- po vyriešení problému nastáva obojstranná spokojnosť,
- vyjednávanie prebieha štýlom výhra – výhra.

Deštruktívny konflikt:

- jedinci vidia druhých ako konkurentov,
- viac sa sústreďia na presadenie seba samých než na práva druhých,
- prejavuje sa snaha zvíťaziť za každú cenu,
- negatívne tvrdenia sú brané osobne,
- ľudia si nedôverujú,
- výroky sú podané formou osobného útoku (Gymerská, Kožuch, 2014 net).

Autori Duchoň, B. - Šafránková, J. (2008) uvádzajú nasledovné varianty výsledkov konfliktu:

1. **konsenzus** (výhra – výhra) – obe strany sa dohodnú, nemusia sa ničoho dôležitého vzdať,
2. **presadenie sa** (výhra – prehra) – jedna strana vyhrá, dosiahne svoj cieľ, zvyčajne za použitia sily, konflikt nebol vyriešený konštruktívne,
3. **vyhýbanie sa** (prehra – prehra) – najhorší možný výsledok, obe zúčastnené strany sa rozídu bez dohody a s nepriateľskými pocitmi,
4. **kompromis** – vzájomná dohoda na základe obojstranných ústupkov.

Dostatočná znalosť problematiky konfliktov a ich riešení by neodmysliteľne mala patriť medzi požadované vlastnosti vedúceho pracovníka.

1.4 MOBING AKO FAKTOR PODPORUJÚCI VZNIK SYNDRÓMU VYHORENIA

Jedným z dôležitých faktorov, ktorý výraznou mierou napomáha k vzniku syndrómu vyhorenia, je mobbing (šikanovanie). Mobbing možno charakterizovať ako verbálne, psychické alebo fyzické útoky namierené proti niektorému z jednotlivcov. Hlavným cieľom mobbingu je vôľa ublížovať, ponižovať prípadne zničiť jednotlivca. V mnohých prípadoch sa tieto útoky koncentrujú na zničenie dobrej povesti jednotlivca. Často krát je to sabotovaním jeho práce či znepríjemňovaním pracovných podmienok do takej miery, že dotýčny jedinec nedokáže vykonávať svoju prácu na adekvátnej úrovni. To všetko sa môže diať psychickým terorom. V prípade mobbingu možno hovoriť o štyroch aktéroch: mobér, jednotlivec alebo skupina, ktorá zapríčiňuje psychický teror, obeť mobbingu a pozorovatelia, ktorí mobbing sledujú avšak do neho nijakým spôsobom nezasahujú. Týmto ho však skryto podporujú. Ďalším dôležitým aktérom je manažér, ktorý by mal situáciu nejako zvládnuť a dostať pod kontrolu. Toto sa však považuje za jednu z najväčších chýb nakoľko manažér sám o sebe to nevie dosiahnuť, pretože na mobbingu majú výrazný podiel pracovné vzťahy, podniková kultúra i vlastnosti zúčastnených. Jedným z hlavných problémov mobbingu je, že tieto prejavy pôsobia ako vcelku normálna každodenná nezhoda. Často aktéri vedia, že tieto situácie sa dejú každodenne a zaregistrovaný stav už trvá dlho. Obyčajne obeť mobbingu je vo veľmi nevýhodnej situácii nakoľko ostatní ľudia – pracovníci ju nechcú vypočuť a dokonca sa je vyhýbajú.

1.4.1 VZNIK MOBINGU A JEHO PREDISPOZÍCIA

Mobbing vzniká a následne sa vyvíja v dôsledku osobného alebo pracovného konfliktu. Tento konflikt sa obyčajne dlhodobo neriešil alebo nevyriešil. Často aj obyčajný pracovný spor môže zasiahnuť do vzájomného vzťahu dvoch ľudí. Preto možno povedať, že každý jedinec je za určitých podmienok schopný mobbingu. Zároveň však možno konštatovať, že mobéri majú aj určité osobnostné črty. Sú to obyčajne ľudia, ktorí okrem seba, svojich názorov a pravidiel neuznávajú nič iné. Využívajú často svoju pozíciu nakoľko majú lepšie kontakty a vedia svoje názory lepšie presadiť. Väčší sklon k mobbingu majú aj karieristi. Táto skupina ľudí sa snaží presadiť svoje ciele a úlohy na úkor iných a často ich od toho neodrádzajú ani neférové aktivity. Od osobnostných vlastností obeť závisí pomerne málo. Obeťou mobbingu sa môže stať hocikto. Mobbing vzniká často v situácii kedy sme svedkami ľudskej nezahody alebo určitej snahy o ovládnutie druhého jedinca. Existuje viacero situácií, ktoré vytvárajú podmienky k nepriateľstvu.

Jedinec predisponovaný k mobbingu

- pracovník, ktorý je ambicióznym, mladým, úspešným,
- pracovník, ktorého nechápeme pre inú rasu, pre inú sexuálnu orientáciu, vierovyznanie,
- pracovník, ktorý je nízko postavený a je teda predisponovaný ako obeť pre ľudí, ktorí si na ňom potrebujú dokazovať svoju nadradenosť,

- pracovník, ktorý je na pozícii na ktorú si iní nárokujú.

Ako mobbujú muži

Používajú nadávky, urážky, fyzické ohrozovanie, pridávajú nezmyselné a často krát nesplniteľné úlohy, zadávajú termíny, ktoré sa nedajú splniť, prípadne zadržujú informácie, aby dostali obeť do ťažkostí a v konečnom dôsledku obeť vyhlásia za neschopnú.

Ako mobbujú ženy

Ženy využívajú ohováranie, nepravdivé tvrdenia, snažia sa izolovať obeť od druhých ľudí, používajú tretiu osobu ako mobéra, poškodzujú predmety obetí, stále kritizujú prácu obeť.

1.4.2 MOBING NA PRACOVISKU

Mobbing na pracovisku je významný faktor pre výskyt chronického stresu s následným syndrómom vyhorenia. Tento anglický pojem v sebe zahŕňa najrôznejšie formy šikanovania v rámci pracovného prostredia. Zneprijemňovanie života zamestnancovi často krát prerastá do otvoreného psychického teroru. Bohužiaľ, zvyčajne ide o nenápadné a rafinované kroky, ktoré sa len veľmi ťažko dokazujú. V zásade sa však za mobbing považuje psychický teror, ku ktorému dochádza minimálne jedenkrát do týždňa za polročné obdobie. V posledných rokoch sa pracovné prostredie prudko mení. Znižujú sa počty zamestnancov, nastupuje globalizácia a strety rôznych kultúr, prítvrdzuje sa konkurenčný boj, ženy sa dostávajú do čela mužských tímov. Všetky tieto trendy vedú k negatívnym taktikám boja o prežitie, ktoré sa označujú ako psychoteror na pracovisku / opravit/

Je potrebné zdôrazniť, že aj určité špecifické prostredie napomáha vzniku mobbingu. Sú to typické hierarchické organizácie ako je armáda, polícia, štátny aparát alebo aj školy. Často dochádza k mobbingu aj v zdravotníctve.

1.4.3 FÁZY MOBINGU

Mobbing možno chápať ako proces prebiehajúci niekoľkými fázami:

- 1. Vznik konfliktu** - fáza vzniku konfliktu býva krátka, zvlášť ak prostredie mobbing podporuje. Konflikt rýchlo naberá na sile zvlášť ak ho nikto nerieši. Preto vedúci pracovník by mal venovať zvýšenú pozornosť na akékoľvek prejavy mobbingu vo vlastnom kolektíve a o konfliktoch otvorene hovoriť. V prípade, ak sa snaží konflikt spracovať a riešiť má veľký potenciál sa týmto problémom v budúcnosti vyhnúť.
- 2. Obeť je dopredu „označená“.** V tomto prípade mobér do nej stále zadiera a rozširuje nepravdivé informácie. Často v tejto fáze obeť ešte nereaguje a čaká, že tento stav pomine a útoky prestanú. Tomuto stavu napomáha aj samotné prostredie, ktoré samo dostáva obeť do izolácie. Toto štádium je štádium kedy sa o takto vzniknutom probléme dá ešte otvorene hovoriť. Manažér sa môže za obeť postaviť. Môže meniť pravidlá hry, tým, že vyhlási nové hodnoty. Mal

by dať jasne najavo, že takéto správanie je pre neho ako vedúceho pracovníka neprijateľné.

- 3. Problém sa stáva verejnou vecou.** Jednotlivec – obeť mobbingu je izolovaný, často hľadá pochopenie a oporu u iných pracovníkov čím ich môže aj obťažovať. Jeho pracovný výkon klesá ako dôsledok neustáleho teroru.

V tomto štádiu by mal niekto zasiahnuť – manažér. V prípade, že do teraz nevedel čo sa v jeho kolektíve deje a teda vôbec nevedel, že sa jedná o mobbing, môže sa neprávom potrestať samotnú obeť mobbingu.

- 4. Strata dôveryhodnosti obete.** Je to fáza, v ktorej samotná obeť sa snaží situáciu riešiť. Obyčajne v tejto fáze sa toto riešenie obmedzuje len na sťažnosti a náreky. Samotní kolegovia ani manažér týmto tvrdeniam neuveria nakoľko túto situáciu nemajú radi. Vtedy sa z obete mobbingu stáva tzv. problémová osoba.
- 5. Potreba zbaviť sa obete.** Nakoľko manažér vycíti, že je v kolektíve problém snaží sa ho vyriešiť tým, že sa problémovej osobe zbaví. Tu možno konštatovať, že víťazom je mobér. Posledné dve fázy už nedávajú žiadny priestor pre manažéra situáciu korigovať. Prax ukazuje, že v týchto fázach manažér nemá čas, silu ani chuť situáciu riešiť. Jednou z možností však je kontaktovať externého mediátora - psychológa, ktorý sa zvykne špecializovať riešením takýchto zanedbaných konfliktov.

1.4.4 FORMY MOBBINGU

Medzi **formy** mobbingu patrí:

- nemožnosť vyjadriť sa – prerušovanie komunikácie, bezdôvodná kritika, vyhrážky,
- škripajúce medziľudské vzťahy – kolegovia sa tvária, že ste vzduch, nerozprávajú sa s vami,
- znevažovanie – okaté ohováranie a zosmiešňovanie, útoky na vašu národnosť či vierovyznanie,
- zámerná frustrácia – zadávanie nezmyselných či nesplniteľných pracovných úloh,
- ohrozovanie zdravia – práca poškodzujúca zdravie, vyhrážky fyzickým násilím, sexuálne obťažovanie.



Eugenia Czernyszowa

Uniwersytet Edukacji Menedżerskiej
Narodowa Akademia Nauk Pedagogicznych Ukrainy, Ukraine
E-mail: eugenia.chernyshova@gmail.com

Kapitał intelektualny i edukacyjny kształcenia podyplomowego nauczycieli: jego zjawisko i podstawy pojęciowe / *Intellectual and education capital of postgraduate teacher education: its phenomenon and conceptual basis*

Abstract

The article reveals some aspects of the phenomenon of educational capital, as well as the conceptual basis summarizing current scientific views on the category of «intellectual capital».

Key words: higher education, postgraduate teacher education, scientific approaches, personality identification, educational capital, intellectual resources, intellectual resources, educational institutions.

Obecny etap rozwoju społeczeństwa charakteryzuje się konfrontacją zjawisk odnoszących się do wszystkich sfer aktywności ludzkiej. Naukowcy zgadzają się, że takie procesy - jest ciągły rozwój ludzkości, które są aktualizowane przez globalny problem przetrwania. Społeczeństwo nadal dochodzi skupienia się na zasobach ludzkich, efektywne wykorzystanie których przyczynią się do akumulacji intelektualnego kapitału publicznego niż ze względu na zapotrzebowanie na wysoko wykwalifikowanych specjalistów.

Biorąc pod uwagę pilność problemu, przedmiotem naszych badań jest zjawisko kapitału intelektualnego, a mianowicie jego charakter, źródła, struktury i funkcji, jak również podstawy pojęciowe podsumowujące aktualną wiedzę naukową z kategorii «kapitał intelektualny».

Celem badania jest określenie treści koncepcyjnej kategorii «kapitału intelektualnego», jego charakteru, struktury i funkcji w kontekście istnienia innych form

kapitału, a także metody heurystyczne możliwości wykrywania koncepcyjnych podstaw dla rozwoju edukacyjnego kapitału w systemie studiów podyplomowych dla nauczycieli poprzez: określenie kategorii «kapitał» w socjologii; zawartości oraz głównego podejścia i tradycje w badaniach edukacyjnych kapitału w nowoczesnej nauce, określenie współczynnika kapitału edukacyjnego i intelektualnego w kontekście istnienia innych form kapitału, definicja funkcji edukacyjnej kapitału w systemie pedagogicznego oddziaływania, analiza heurystyczna wykonalności koncepcji rozwoju edukacji i kapitału intelektualnego biorąc pod uwagę różne formy oddziaływań pedagogicznych w systemie kształcenia podyplomowego.

Teoretyczne i metodologiczne podstawy badań są wyniki badań naukowych, zawierający utwory G. Bekkera, R. Berta, M. Blaug, M. Boumena, P. Burdje, M. Webera, G. Wojtowicza, M. Granowettera, D. Dżejkojsa, E. Djurkgeima, W. Djatłowa, D. Koulmana, M. Meskon, W. Petti, G. Sajmona, A. Smita, L. Hanifan, W. Szkatulowa, T. Szultc, H. Uajta ta in.

Aktywizacja procesów globalizacji transformuje światopogląd, z reguły, zwiększa się współzależność wszystkich dziedzin życia społecznego. Istnieją sprzeczne efekty wpływające na akumulację kapitału społecznego, w szczególności: dezintegracji społecznej, anomii, frustrację, kryzys społeczny, utrata kontroli nad procesami społecznymi i rozpad więzi społecznych, zmiana sposobów i form realizacji ludzkiej istoty w zakresie harmonizacji stosunków w systemie «społeczeństwo – osoba».

Kategoria «kapitał» jest ważnym pojęciem w socjologii P. Burdje. Jego zdaniem, powszechne stosowanie w obiegu naukowym kategorii «kapitał» było możliwe po opublikowaniu książki G. Bekkera, «Kapitał ludzki» (1964 r.) [3]. P. Burdje określa następujące rodzaje kapitału: ekonomiczne, kulturowe, społeczne i symboliczne. Oznacza to, że on rozszerzył liczbę «społecznych» form kapitału, wprowadzając pojęcia takie jak «kapitał społeczny i kulturowy», «kapitał władzy akademickiej», «kapitał naukowego prestiżu», «kapitał intelektualnej reputacji», «kapitał władzy politycznej i ekonomicznej», itp. [3]. Taka ekspansja «społecznych» form kapitału doprowadziła do powstania nowych terminów: kapitał językowy, kapitał zaufania, kapitał religijny, kapitał prawny, kapitał niepodległości.

Akumulacja kapitału ludzkiego jest procesem ciągłym, którego potencjał dostarczyć jakiegokolwiek strukturalne konkurencyjności edukacji w społeczeństwie. Tak więc, w obecnych warunkach najważniejszym kryterium dla wytwarzania elementów strukturalnych społeczeństwa staje się własnością indywidualnego kapitału ludzkiego - najważniejsze źródło, które daje człowiekowi nierówne możliwości dostępu i uczestnictwa w pracy zawodowej, różne składki do ogólnych działań pracy, wydajność pracy jest nie sama akcja, nie jest stabilny wyniki ekonomiczne pracy i, w rezultacie, - nierówne dochody i dostęp do dóbr materialnych i konsumpcji [6;7].

Jak wiecie, wraz z rozwojem wiedzy o człowieku istnieje potrzeba określenia nauczanie to w kontekście akumulacji kapitału ludzkiego. Jest nowa ideologia, która uosabia pragnienie członków społeczeństwa przez instytucje edukacyjne i roz-

woju zawodowego, w celu osiągnięcia określonego stanu triumfu jednostki, które z kolei zostało uznane społecznie ważne na poziomie osobistym lub społeczności.

Osiągnięty pewien poziom wykształcenia dla osobowości w tym samym czasie otwiera dostęp do różnych odmian i rodzaje działalności zawodowej, która przyczynia się do wzrostu gospodarczego i ds. rozwoju. Ta promocja jest naturalną, gdy jeden z czynników motywujący jest pragnienie osobowości do poprawy sytuacji poprzez akumulację kapitału, jako elementu edukacji ogólnych osiągnięć kulturalnych. Ważne jest to, że działalność zawodowa powinna być ukierunkowana na tworzenie potencjału intelektualnego poprzez poszerzenie zakresu akumulacji kapitału edukacyjnego [2].

Transformacja środowiska edukacyjnego systemu Podyplomowego Kształcenia Nauczycieli (dalej - PKN) odzwierciedla rozwój intelektualny i edukacyjny potencjał ekspertów, w tym naukowo-pedagogicznych. Wykorzystanie potencjału ludzkiego w celu osiągnięcia statusu zawodowego i zapewnienie wzrostu kariery jest przekształcenie jej potencjalnych możliwości intelektualnych na społecznie zgromadzonego kapitału intelektualnego [5].

Oddziaływanie z przestrzenią edukacyjną systemu PKN naukowcy, nauczyciele faktycznie zgromadziły kapitał edukacyjny, optymalizując w ten sposób proces realizacji edukacyjnej i zawodowej mobilności w kierunku rozwoju intelektualnego potencjału wszystkich podmiotów public relations, w szczególności pedagogiczne oddziaływania w procesie edukacyjnym.

Razem ich kapitał kształcenia odzwierciedla wpływ transformacji i środowiska zawodowego w szkole. Jednak procesy te określenia stałej poprawy potencjalnych możliwości zawodowych osób interakcji intelektualnych i edukacyjnych.

W naszej opinii, kapitał edukacyjny nauczycieli placówek oświatowych systemu PKN - zestaw edukacyjnego bogactwa, co znajduje odzwierciedlenie w formie i poziomie ogólnego i zawodowego kultury pracowników naukowych i dydaktycznych, a także części ich kapitału kulturowego, a także moralnego, etycznego i intelektualnego.

Teraz problem powstawania kapitału edukacyjnego, w szczególności gromadzenie i efektywne wykorzystanie kapitału intelektualnego jest szczególnie ważne. To powinno być poprzedzone podstawowych metod badawczych w celu rozwiązania istotę kategorii kapitału intelektualnego i potencjału intelektualnego.

Wysoki poziom merytoryczny i posiadanie rozwiniętego kapitału społecznego uzyskuje się poprzez ciągły rozwój szkolnictwa wyższego, a kapitał kulturowy jest rozwijany głównie na podstawie wysoce edukacyjnego kapitału, w szczególności - intelektualnego. W konsekwencji, wiele badań na ten temat pojawiają się pod dyskusję w dwóch powiązanych ze sobą obszarach:

- analiza edukacji i jej rola w kształtowaniu kapitału ludzkiego i sektora pracy w gospodarce (D. Andriessen, A. Bonfur, N. Bontis, K. Stam, itp.);

- analiza kapitału ludzkiego jako czynnika w skutecznej realizacji działań zawodowych, a także przejście do problemów zarządzania na poziomie korporacyjnym (E.Bruking , L. Edvinsson i M. Melo, B. Marra, itp.) [2; 4; 7].

Pojęcie «kapitał intelektualny» został wprowadzony do nauki przez D. Gałbrejta. Kapitał intelektualny jako naukowa kategoria, jest postrzegana z punktu widzenia własności intelektualnej, która w trakcie swego rozwoju zwiększa koszt. Jednocześnie jest to jedna z odmian kapitału, który ma odpowiednie cechy kapitału i gra wyjątkowa niego (kapitału intelektualnego) funkcje (produkt psychicznej, intelektualnej i twórczej pracy wszystkich pracowników, itp.) [2]. W literaturze naukowej, badania cech pojęcia «kapitału intelektualnego» poświęcony jest szereg publikacji. Koncepcja ta jest jednym z najbardziej kontrowersyjnych w swojej naukowej interpretacji, jest złożona, różnorodna i bogata jak przejawy niematerialnych organizacji.

Podejście do konkretyzacji pojęcia «kapitału intelektualnego» oferuje K.Bagriński (współautor): «definicja kapitału intelektualnego ma charakter ogólny i zwykle oznacza sumę wiedzy wszystkich pracowników firmy, która zapewnia jej konkurencyjności» [1, 83].

Jest jeszcze inny punkt widzenia, który jest oparty na zrozumieniu kapitału intelektualnego jako składnika wartości niematerialnych i jest tworzony nie tylko wysiłku umysłowego, więc nie zawsze mogą być przypisane do określonych rodzajów kapitału. Takie podejście, w naszej opinii zasługuje na szczególną uwagę, ponieważ kapitał intelektualny jest postrzegane jako część wartości niematerialnych i prawnych.

Warto zauważyć, że istnieje niematerialny charakter rzeczy, które nie jest logiczną częścią kapitału intelektualnego organizacji. Więc, R. Petti i D. Gutri jako przykład proponują rozważyć reputację, co może być, ich zdaniem, ubocznym (wynikiem) rozsądnego wykorzystania kapitału intelektualnego organizacji, ale w tym samym czasie nie jest jego częścią [8]. W przeciwieństwie do poprzedniego podejścia do rozumienia pojęcia «kapitału intelektualnego» są propozycje A.Kozyriewa i W. Makarowa. Oni zwracają uwagę, że koncepcja ta jest nigdzie na świecie nie jest ustalona przez jakąkolwiek ustawą, która umożliwi naukowcom wyrazić niespodziewanego punktu widzenia, mimo ograniczeń prawnych.

F. McKerson i S. Pajk zdefiniowały kapitał intelektualny jako sumę ludzkiej (kompetencje, postawy, inteligencja, uczciwość, wyobraźnia) i strukturalne (organizacyjne, innowacje) kapitału [9]. Jednak mimo dużego zapotrzebowania na wynagrodzenia kapitału intelektualnego, wciąż nie ma jednoznacznej wykładni najbardziej naukowej definicji «kapitału intelektualnego». Analiza literatury naukowej na ten temat pozwoliła zidentyfikować, w naszej opinii, trzy podejścia do interpretacji pojęcia «kapitał intelektualny» w szerokim tego słowa znaczeniu, a mianowicie: zestaw wartości (W. Inozimcew, B. Leontiew, L. Mielnik, W. Sadowskij, E. Stecenko); proces (S.Albert, K. Bredli, A. Wasyluk, L. Edwinson); wynik (E. Bruking, J. Gawa, D. Klejn, L. Prusak).

Wyniki analizy terminologicznej pojęcia «kapitału intelektualnego» z pozycji globalnych zmian w gospodarce światowej, pojawienie się «gospodarki opartej na wiedzy», zarządzanie wiedzą w sektorze zaawansowanych technologii i specjalistycznej wiedzy pokazać zbieżność koncepcji «kapitału intelektualnego» oraz «wartości niematerialne». Kapitał intelektualny jest integralną częścią majątku narodowego, wraz z naturalnymi i materialnymi resursami, a także podstawowym założeniem organizacji.

Kapitał intelektualny systemu KPN, w naszej opinii, generuje strumienia wartości, które wpływają na ich pracę w jakości społecznych i edukacyjnych systemów z ekonomicznym strukturalno-funkcjonalnym składnikiem. Gromadzi się w wyniku inwestycji środków w «produkcji» usług edukacyjnych, których świadczenie generuje przychody (głównie kapitał intelektualny). W jego rozwoju, kapitał intelektualny KPN, jako kategoria istnieje w czasie i przestrzeni, przechodzi drogę formacji poziomie jednostki (naukowcy i nauczyciele) do poziomu edukacji i poprzez oddziały na poziomie społeczeństwa. Na każdym hierarchicznie wyższym poziomie to pojęcie wzbogaca się, nabywając nowy sens i zarysy. *Te charakterystyczne cechy, które określają strukturę kapitału intelektualnego szkół OPS, naszym zdaniem, są: nieistotność jego charakteru, brak amortyzacji i pedagogicznie uzasadnione równowagi podczas użytkowania, priorytetem dla przyszłości, ocena za pomocą parametrów kosztowych, i tak dalej.* Jednocześnie, kapitał intelektualny, oczywiście, ma kilka specyficznych cech (starzenie wiedza, stosunek wiedzy niejawne i jawne w strukturze zasobów intelektualnych jednostki).

L. Edwinston, jeden z czołowych ekspertów na świecie z kapitału intelektualnego, powiedział, że nowa sfera tworzenia wartości w nowej gospodarce – to jest «tak zwana nieuchwytna sfera lub sfera kapitału intelektualnego» [7]. Takie podejście dobrze ilustrują i F. McFerson i S. Pajk [9], którzy uważają, że niematerialna i finansowa sfery - dwie równe części w strukturze organizacyjnej firmy.

Biorąc pod uwagę poglądy naukowców oraz wyniki analizy proponujemy wspólną strukturę poziomu kapitału intelektualnego jako formę strukturyzacji go, pod warunkiem, że oszczędności są głównym źródłem kształcenia podyplomowego nauczycieli, a mianowicie: *poziom kadry nauczycielskiej* jako głównych kategorii wykształcenia pracowników (zasoby intelektualne pracowników, zsumowany potencjał naukowy i edukacyjny i doświadczenie, zasób wiedzy, umiejętności, itp.), *poziom edukacyjnych instytucji systemu KPN* (zasoby intelektualne szkół, zgromadzony kapitał intelektualny, ludzki kapitał, «klienty» kapitał, organizacyjny kapitał i itp.), *poziom sektorowy* (zasoby intelektualne kształcenia, możliwość modernizacji i rozwoju, finansowania, itp.), *poziom społeczeństwa* (zasoby intelektualne społeczeństwa, kapitał ludzki, zachowanie pozytywnych zmian w sferze edukacji, itp.).

Uogólnione podejście do charakteru pojęcia «kapitał intelektualny» i jego strukturalnych możliwych poziomach pozwoli ustalić kapitał intelektualny w systemie KPN, jako ważny czynnik w rozwoju.

System kształcenia podyplomowego (jest to medyczny i rolniczy i bankowość, a także inni) jest sektor intelektualistyczny, gdzie kapitał intelektualny jest priorytetem do kierowania strategicznego w rozwoju instytucji edukacyjnych. Jednak kapitał intelektualny tych instytucji, w naszej opinii, nie tylko wpływa na politykę edukacyjną państwa, a także na stan pewnych grup społecznych (struktura, organizacja), itp.

Zdolność instytucji systemu KPN do akumulacji i efektywnego wykorzystania kapitału intelektualnego jako podstawy zdolności intelektualnych definiuje różne etapy rozwoju tych instytucji. Jednocześnie, efektywne wykorzystanie kapitału intelektualnego określa możliwości zrównoważonego rozwoju i konkurencyjności kadr naukowo-pedagogicznych na rynku pracy edukacji.

Składniki kapitału intelektualnego tych instytucji, w naszej opinii, są: własność intelektualna, potencjał naukowo-pedagogiczny, aktyw strukturalne, metody naukowe, informacje i szkolenia, technologii bezpieczeństwa i ochrony środowiska w celu zapewnienia rozwoju zasobów ludzkich, marketingu i zasobów komunikacyjnych.

Naszym zdaniem, rozszerzenie zasięgów pojęcia «kapitał intelektualny» do poziomu całego całokształtu «niedotkliwych aktywów» z uwzględnieniem specyfiki naszego badania jest usprawiedliwione, ponieważ rozmywa się taka najważniejsza charakterystyka intelektualnego kapitału, jak jego sterowność znanymi w managementie metodami. W owym że czasie ma prawo do istnienia termin «niematerialne aktywa», wykorzystywany w opisie procesów kierowania wiedzami w kontekście rozumienia właśnie, co przekształca się na intelektualny kapitał i daje organizacjom nowy koszt. A oto i właściwość intelektualnego kapitału polega na tym, że on formuje się szczególnym zasobem - człowiekiem.

Pojęcia «zasobów intelektualnych», «kapitału intelektualnego», «ludzki kapitał» należą najbardziej ruchliwych naukowych kategorii, które, naszym zdaniem, można odnieść do kategorii pojęć «co ciężko formalizują się». Często oni stosują się jak tożsame, czasami między nimi znajdują pewną inność. Do niedawna stosunek naukowców do pojęcia «intelektualne zasoby» był sformowany w dwóch kierunkach, a mianowicie: uznanie priorytetowej roli nauki i edukacji w społecznym rozwoju; wynoszenie pojęcia «intelektualne zasoby» za granice pedagogicznej analizy.

Obecnie przyjmuje się, że podstawą akumulacji kapitału intelektualnego jest edukacja, która daje nie tylko wiedzy i umiejętności, ale także pewien prestiż w społeczeństwie. W tych warunkach intelektualne zasoby są zasobami podwójnego przepisanie - oni wykorzystują się nie tylko w fachowej działalności, ale i w powszednim życiu. Jednak zasoby intelektualne podwójnej osobowości pod względem ich wartości rynkowej (L. Edwinston wprowadza w szczególności pojęcie «kosztu bazowego kapitału ludzkiego» i «potencjalną wartość kapitału ludzkiego»).

Tempo akumulacji kapitału intelektualnego, zaobserwowanego w czołowych krajach rozwiniętych, nie są w pełni cechą ukraińskiego narodowego systemu szkol-

nictwa wyższego. Jednak tendencja do podniesienia statusu praw własności intelektualnej w strukturze aktywów kształcenia podyplomowego nauczycieli nie można pominąć. Analizując rolę kapitału intelektualnego jako podstaw dla realizacji praw własności intelektualnej w zakresie edukacji, należy, naszym zdaniem, uwzględniać jak rynkowy efekt (korporacyjny i komercyjny) realizacji usług edukacyjnych, tak i socjalnie-pedagogiczną efektywność akumulacji intelektualnego kapitału wziąć pod uwagę zarówno jak wpływ rynku (korporacyjny i handlowy) realizacji usług edukacyjnych tak i efektywność społeczną i pedagogiczną akumulacji kapitału intelektualnego (w celu zaspokojenia przyszłych potrzeb, zarówno oszrozwaju obistego i korporacyjnego). Problem struktury kapitału intelektualnego podyplomowego kształcenia nauczycieli nie może być ograniczone do ram korporatywnych. Właśnie kapitał ludzki staje się podstawą do tworzenia podstawowych elementów konstrukcyjnych, takich jak *klaster własności intelektualnej* oraz «klientski» kapitał, który ma przekształcić warunki zatrudnienia w rozmaitych kreatywnych zasobów.

Badanie fenomenu kapitału intelektualnego (esencja, źródła, struktura, własności i funkcje), jak również teoretyczne podstawy do jego akumulacji pokazuje znaczenie tego obszaru badań dla strategicznego rozwoju kształcenia podyplomowego nauczycieli. Podsumowując nowoczesną naukową kategorię interpretacji «kapitału intelektualnego», doszliśmy do przekonania, że skuteczne wykorzystanie zasobów intelektualnych tych instytucji zależy od twórczej działalności zawodowej pracowników naukowych i dydaktycznych, jak również kreatywności sposobów i metod gromadzenia kapitału intelektualnego.

Jednak pracownicy naukowo-dydaktyczni instytucji edukacyjnych mogą wpływać na dynamikę zrównoważonego społeczno-naturalnego procesu akumulacji kapitału intelektualnego społeczeństwa, w szczególności poprzez rozwój odpowiednich procesów w placówkach oświatowych, a także możliwości wykrywania heurystycznych możliwości koncepcyjnych podstaw dla rozwoju kapitału intelektualnego w szkolenia nauczycieli.

LITERATURA

1. Багриновский К. А. Научно-технологический сектор экономики России: состояние и особенности развития / К. А. Багриновский, М. А. Бендиков, И. Э. Фролов, Е. Ю. Хрусталева. — М.: ЦЭМИ РАН, 2001. — 120 с.
2. Брукинг Э. Интеллектуальный капитал: ключ к успеху в новом тысячелетии / Э. Брукинг; пер. с англ. — СПб.: Питер, 2001. — 288 с.
3. Бурдые П. Формы капитала [электронный ресурс] / П. Бурдые // Экономическая социология. — 2002. — Т. 3. — № 5 (ноябрь). — Режим доступа: www.ecsoc.mssec.ru
4. Стюарт Т. Интеллектуальный капитал: новый источник богатства организаций / Т. Стюарт // Новая постиндустриальная волна на Западе: антология; под. ред. В. Л. Иноземцева. — М.: Academia, 1999. — С. 373–400 с.
5. Чернишова Е. Р. Формування кадрового потенціалу системи післядипломної педагогічної освіти: моногр.: наук. вид. / Е. Р. Чернишова. — К.: Пед. думка, 2012. — 472 с.
6. Edvinsson L. Some perspectives on intangibles and intellectual capital 2000 // Journal of Intellectual Capital. 2000. Vol. 1. № 1. P. 12–16.

7. Edvinsson L. Malone M. Intellectual Capital. Realizing Your Company's True Value by Finding Its Hidden Brainpower. – N.Y. 1997, P. 79–107.
8. Petty R., Guthrie J. Intellectual Capital Literature Review. Measurement, reporting and management // *Journal of Intellectual Capital*. 2000. Vol. 1. № 2. P. 155–176.
9. M'Pherson Ph., Pike S. Accounting, empirical management and intellectual capital // *Journal of Intellectual Capital*. 2001. Vol. 2. № 3. P. 246–260.



Jana Gluchmanová

Institute of Ethics and Bioethics
Faculty of Arts, University of Prešov, Slovakia

Media functions and ethical aspects

Abstract

The author of the paper draws attention to the information and entertainment function of television broadcasting, stressing that the media often forget about the ethical and moral aspects.

Key words: Television, media, functions, ethical and moral aspects.

ÚVOD

Prírodnou a dominantnou funkciou masmédií je prenos informácií, ktorý ľuďom (divákovi, poslucháčovi alebo čitateľovi) sprostredkúva obraz o svete. Spoločnosť však prostriedky masovej komunikácie, najmä televíziu a internet, čoraz častejšie vyhľadáva (a užíva) aj z iných dôvodov. Mnohí ľudia sa prostredníctvom nich zbavujú nudy, zabávajú sa či uspokojujú svoje kultúrne potreby, iní zase hľadajú nové námety a podnety pre svoje voľno-časové aktivity, no sú aj takí, pre ktorých sú médiá zdrojom názorov a nových pohľadov na vzniknuté situácie a prebiehajúce udalosti spoločenského, kultúrneho a politického života. Konštatujem, že práve v danej oblasti by mal byť k dispozícii aj pojmový aparát týkajúci sa etických a morálnych aspektov jednotlivých oblastí. Myslenie a konanie jedincov sediacych pri televíznych obrazovkách je často nastavené na pasívne prijímanie informácií (žiaľ týka sa to aj ostatných médií sprostredkujúcich buď informačnú alebo zábavnú funkciu), ktoré sa dotýkajú spoločnosti, kultúry života ľudí a názorov na politické dianie. Chýba tu často usmernenie, schopnosť rozlíšenia dobra a zla, ktoré má niekedy aj nie najlepší vplyv na dianie v spoločnosti alebo v úzkom okruhu ľudí. Na základe týchto „ľudských potrieb“ televízie produkujú veľké množstvo rôznorodých obsahov od spravodajských relácií po zábavné

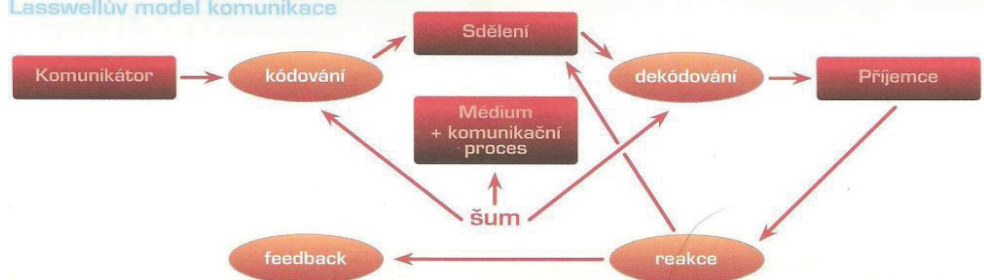
programy. Televízna mediálna produkcia tak v sebe zahŕňa aj „funkciu zábavnú, kultúrnu, sociálnu a politickú“ (J. Pospíšil – L. S. Závodná, 2009, s. 33).¹

INFORMAČNÁ FUNKCIA

Informačnú funkciu televízie môžeme vyvodiť z definície komunikácie. Pôvod slova *komunikácia* pochádza z lat. výrazu „communicatio“ či „communicare“, čo v preklade znamená spájať, zdieľať (informácie, kultúru a pod.). Podstata komunikácie tkvie nielen v prenose informácií, ale aj v ich spoločnom zdieľaní. Komunikácia je (podobne ako v dnešnej dobe médiá) základnou súčasťou každodenného života. Je jednou z najnevyhnutnejších zložiek nielen ľudskej, ale aj zvieracej existencie. Na rozdiel od komunikácie živočíchov je však ľudská komunikácia zložitejšia (dôvodom je jej kognitívna motivácia), obsahovo i funkčne bohatšia, presnejšia, jasnejšia a zreteľnejšia. Slúži na výmenu (prenos) informácií, myšlienok a ideí, a je podstatnou zložkou vzájomnej interakcie medzi ľuďmi (spája ich). Domnievam sa, že informovanosť v prvom rade by mala v sebe zahŕňať správne a neskresľujúce údaje, ktoré by nezavadzali verejnosť a pre širokú verejnosť by boli zdrojom informácií šíriacich správne fakty.

Podľa slov D. McQuaila „termín *komunikácia* dodnes nemá všeobecne prijímané vymedzenie“ (D. McQuail, 2002, s. 30 – 31; kurzíva J.K.).² D. Slančová v knihe *Praktická štylistika* (1996, s. 7) prináša definíciu komunikácie, ktorá znie: „Komunikácia znamená, že niekto odovzdáva niekomu inému niečo pomocou niečoho za istých podmienok“.³ D. Slančová (1996, s. 7) ďalej uvádza, že akákoľvek komunikácia môže prebehnúť iba v prítomnosti týchto piatich zložiek, ak by chýbala len jedna z nich, potom komunikačný proces by bol neúspešný. V podstate ide o prenesenú ideu prenosového modelu komunikácie, ktorého podstatou je prenos informácie od expedienta k recipientovi (percipientovi), a ktorá vychádza z teórie informácie matematikov Shannona a Weavera a z Lasswellovej formuly (1948).

Lasswellův model komunikace



Zdroj: J. Pospíšil – L. S. Závodná: *Mediální výchova*, 2009, s. 10

- 1 J. Pospíšil – L. S. Závodná, 2009, s. 33. (Autori tieto funkcie pripisujú všetkým médiám, avšak jednotlivé funkcie snažila som sa aplikovať na televízne prostredie; pozn. autorky).
- 2 D. McQuail však citáciou Gerbnerovej definície pripúšťa, že jedno všeobecné vymedzenie by predsa len mohlo existovať: Komunikácia je „sociálna interakcia prostredníctvom výpovedí“ (G. Gerbner, 1967; cit. in D. McQuail, 2002, s. 31).
- 3 Zvýraznené výrazy sú súčasťou citátu (pozn. autorky).

Vychádzajúc z vyššie uvedených tvrdení, že komunikácia ako proces prenosu informácii v spoločnosti, v societe je sociálnym procesom uskutočňujúcim sa v rámci istej sociálnej inštitúcie.⁴ Na základe toho rozoznávame nasledujúce roviny komunikácie:⁵

- intrapersonálnu (napr. jedinec sám spracováva informáciu; jedinec vo vnútri),
- interpersonálnu (napr. komunikácia medzi dvoma a viacerými jednotlivcami/jedincami),
- skupinovú (napr. v skupine ľudí – v rodine, v škole, vo firme), masovú (celospoločenská; napr. televízia, rozhlas, printové médiá).

PYRAMÍDA KOMUNIKÁCIE



Zdroj: D. McQuail: Úvod do teorie masové komunikace, 2002, s. 27

Masová komunikácia je osobitým typom komunikácie. Z definície M. Janowitza, ktorá vraví, že: „Masová komunikácia zahrňuje inštitúcie a postupy, ktorými špecializované skupiny využívajú technické prostriedky (tlač, rozhlas, film a pod.) pre šírenie symbolického obsahu smerom k rozsiahlemu, nesúrodému a široko rozptýlenému publiku“ (M. Janowitz, 1986; cit. in D. McQuail, 2002, s. 31).⁶

4 Sociálna inštitúcia je vlastne spôsob, akým ľudia realizujú svoju činnosť – konajú. Každá sociálna inštitúcia obsahuje súbor pravidiel, ktorým sa jej členovia riadia. Pod pojmom *sociálna inštitúcia* rozumieme napr. rodinu, školu, oblasť zdravotníctva, náboženstva či politiky, no aj médií.

5 Roviny komunikácie zodpovedajú spoločenskej rovine, na ktorej sa daná komunikácia uskutočňuje (D. McQuail, 2002, s. 27).

6 D. McQuail (2002, s. 31) pritom dodáva, že význam slova *komunikácia* je v tejto definícii použitý vo význame *prenos*.

Hoci je masová komunikácia v mnohých ohľadoch veľmi príbuzná s interpersónalnou (v niečom i so skupinovou) komunikáciou, existuje medzi nimi aj niekoľko veľmi podstatných odlišností. Jedným z hlavných rozdielov je skutočnosť, že podstatou masovej komunikácie je „masa“, a to ako na strane komunikátora, tak aj na strane príjemcu. Funkciu komunikátora masovej komunikácie zastávajú prostriedky masovej komunikácie – médiá. Pod pojmom *komunikátor* zväčša rozumieme skupinu ľudí, ktorí sa prostredníctvom komunikačného kanálu (napr. prostredníctvom konkrétnej televíznej stanice) snažia recipientom (divákom) podať určitý obsah (napr. spravodajskú reláciu). V kompetencii expedientov (komunikátorov) je výber, produkcia, tvorba a následné šírenie a kontrola komunikátu (mediálneho obsahu). Recipientom týchto mediálnych obsahov je masa ľudí – masové publikum. D. McQuail (2002, s. 58) uvádza, že pod pojmom *masa* sa rozumie veľký, nediferencovaný súbor ľudí s prevažne zápornou konotáciou.⁷ Chýba jej poriadok a je prejavom masovej spoločnosti. Medzi expedientom a percipientom pritom neexistuje priamy kontakt, s čím súvisí aj nemožnosť priamej spätnej väzby či výmeny rolí (ako napr. pri interpersonálnej komunikácii).

Medzi ďalšie podstatné rozdiely v jednotlivých typoch komunikácie môžeme zaradiť verejnú povahu informácii, dostupných všetkým členom širokého publika a periodicitu, ktorou sa informácie dostávajú k recipientom. Informačná funkcia televízie spočíva v prenose a zdieľaní informácií⁸ prostredníctvom jednotlivých televíznych staníc (verejnoprávnych alebo komerčných).

Domnievam sa, že aj napriek pozitívnej stránke, informačná funkcia v sebe zahŕňa aj svoje negatíva. Jedným zo základných negatív je vzrastajúca pohodlnosť spoločnosti a následné nekritické nazeranie na informácie získané prostredníctvom médií (či elektronických, alebo printových).⁹ Ľudia zväčša nepátrajú po ich pravdivosti. Nemajú potrebu overovať ich. Prijímajú ich tak, ako ich médiá prezentujú. Pod vplyvom mediálneho zobrazovania reality si tak v mnohých prípadoch vytvárajú úplne iný (často nesprávny) pohľad na svet, odlišný od toho reálneho. V danom prípade veľmi dôležitú úlohu by mala zohrávať najmä etika a jej aspekty upriamujúce pozornosť na správnosť vecí, ktoré dokážu pochopiť situáciu v tom pravom zmysle slova. Je teda nesmierne dôležité správne identifikovať ponúkané mediálne obsahy a pri ich výbere si uvedomiť, že médiá nie sú jediným zdrojom informácií o skutočnosti. Podstatné je zachovať si kritický odstup, zdravý úsudok a na základe toho si vytvoriť vlastný názor. Percipientom by pritom mohla výrazne pomôcť mediálna gramotnosť získaná prostredníctvom mediálnej výchovy a do-

7 D. McQuail negatívne asociácie masy spája s ranným používaním tohto pojmu, ten totiž odkazoval na príjemcov, ktorí boli obvykle vnímaní ako nevezdelaní, obmedzení a potenciálne iracionálni, spurní, či dokonca suroví (L. Bramson, 1961; parafrázované in D. McQuail, 2002, s. 58).

8 Tieto informácie oboznamujú percipientov s domácou i zahraničnou spoločenskou, politickou a ekonomickou situáciou. Vďaka nim si vytvárajú predstavy o svete, o jeho fungovaní i geografickom zložení.

9 Š. Skrúcaný počas priameho prenosu diváckej ankety OTO (vysielané na STV 1; zač.: 20:15; pozn. autorky) k tomuto faktu ironicky poznamenal: „Áno, milí diváci! Čo vidíte na televíznej obrazovke, je všetko pravda! Čo čítate v novinách, je všetko pravda!“ (Tento citát bol vyslovený práve v súvislosti s funkciou informovania v slovenských masmédiách, pre ktoré je podľa Š. Skrúcaného dôležité prinášať akékoľvek informácie, aj nepravdivé.; pozn. autorky)

mnievam sa, že v rámci nej by mala etika zohrávať veľmi dôležitú úlohu na pochoopenie často kontroverzných záležitostí, ktoré so sebou prinášajú médiá.

ZÁBAVNÁ FUNKCIA

Počiatky zábavnej funkcie televízie, ale aj masovokomunikačných prostriedkov ako takých, sa spájajú s príchodom nových prostriedkov komunikácie, napr. hraného filmu. Jeho začiatky sa datujú na 28. december 1895, kedy v Paríži bratia Louis a August Lumiérovci verejne predviedli prístroj – kinematograf (L. Baran, 2004, s. 169). Film sa stal zdrojom novej formy spoločenskej zábavy.¹⁰ Neskôr sa k sprostredkovateľom zábavy pridali rozhlas a televízia. Všetky vyššie uvedené médiá sa stali základom pre rozvoj novej úlohy masmédií – masovej zábavy. Pod pojmom *zábava* si každý človek predstaví niečo iné. Pre niekoho je to čas strávený v spoločnosti blízkych ľudí, pre iného čas, ktorý venuje svojmu hobby (napr. hudbe, športu, literatúre a podobne) alebo ho len tak „premárni“ pri surfovaní po internete či „vysedávaním“ pred televíznou obrazovkou. Na základe vynaloženej námahy zábavu delíme na dva typy – aktívnu (šport) a pasívnu (sledovanie televízie). Na základe podôb a formy môžeme zábavu rozdeliť na ušľachtilú (napr. vedomostné kvízy, dokumentárne filmy, športové prenosy), neškodnú (napr. soap opery) a primitívnu (zábava prostredníctvom vulgárnych alebo drastických prostriedkov, ktorú využíva napr. bulvárna žurnalistika, v horšom prípade pornografia, v ktorej je pôvodcom zábavy sex a intimita) (J. Pospíšil – L. S. Závodná, 2009, s. 46 – 47). Konštatujem, že najmä v bulvárnem type zábavy je nevyhnutnosť správneho nastavenia etických a morálnych aspektov v živote jedincov, ktorí holdujú takémuto druhu zábavy. Nepopieram, že v danom prípade pôjde asi o dosť ťažkú a náročnú úlohu, ak vôbec je to dosiahnuteľné.

Mediálna zábava (zábava v médiách) ja založená na produkovani a šírení mediálnych textov so zábavným obsahom, teda mediálnych textov, ktorých cieľom je pobaviť publikum. V televízii rozlišujeme niekoľko typov/žánrov takýchto textov. Medzi najvyhľadávanejšie patria animované a hrané filmy (predovšetkým situačné komédie), seriály (napr. *Priatelía*, *Krok za krokom*, *Kutyil s.r.o*, *Mafstory*), televízne inscenácie, športové prenosy a prenosy spoločenských podujatí (napr. koncertov, divadelných predstavení), talk show (napr. *Chodili sme spolu* s Petrom Marcinom), hry, kvízy, súťažno-zábavné programy (napr. *Zostane to v rodine*, *Inkognito*, *Aj múdry schybí*), estrády (napr. *Senzi Senzus*, *Drišlakoviny*), detské programy (napr. *Táraninky*) a podobne.

ZÁVER

V záver konštatujem, že v oboch uvedených funkciách, informačnej aj zábavnej, rovnako ako aj v mediálnej výchove vôbec treba zdôrazňovať etické a morálne aspekty, pretože prostredníctvom ich aplikácie môžeme rozlíšiť správne od nesprávneho, dobré od zlého, zabrániť alebo eliminovať, aby v médiách zohrávala pri-

¹⁰ D. McQuail (2002, s. 37) uvádza, že charakterizovať film len ako novú podobu zábavného priemyslu nestačí. Film sa totiž využíval aj na iné účely, napr. ako prostriedok propagandy, vzdelávania alebo zobrazovania reality (dokumentárny film).

márnu úlohu nespravodlivosť, primitivizmus, vulgárnosť, ktoré často sú zdrojom negatívneho a nesprávneho počínania jedincov, aj celých skupín.

LITERATÚRA

1. BARAN, L.: Film. Stručný prehľad dejín filmu. In: Gažová, Viera (ed.) a kol.: *Heslár masmediálnej komunikácie*. Trnava, Fakulta masmediálnej komunikácie UCM 2004, s. 154 - 169. ISBN 80-89034-59-4
2. BRAMSON, L.: *The Political Context of Sociology*. Princeton, NJ: Princeton University 1961.
3. GERBNER, G.: *Mass Media and Human Communication Theory*. In: Dance, F. E. X. (ed.): *Human Communication Theory*. New York, Holt, Rinehart and Winston 1967, s. 40 – 57.
4. JANOWITZ, M.: *The Study of Mass Communication*. In: *International Encyclopedia of the Social Sciences*. New York, Macmillan and Free 1986, s. 41 – 53.
5. McQUAIL, D.: *Úvod do teorie masové komunikace*. Praha: Portál 2002. 448 s. ISBN 880-7178-714-0
6. POSPÍŠIL, J. – ZÁVODNÁ L. S.: *Mediální výchova*. Kralice na Hané: Computer Media 2009. 88 s. ISBN 978-80-7402-022-3
7. SLANČOVÁ, D.: *Praktická štylistika*. Prešov: Slovacontact 1996. 178 s. ISBN 80-901417-9 X



Łukasz Gomułka
University of Opole, Poland

O humanizmie Stanisława Lema / *On Lem's humanism*

Abstract

In the article entitled 'On Lem's humanism', the author in a synthetic way presents consideration to the following aspects of Stanisław Lem's oeuvre: artificial intelligence versus ethics, God, evolution versus moral philosophy, culture (civilization) and Reason. The text of this article was delivered at a conference 'Horizons of the Imagination' in march 2007 (one year of Stanisław Lem's death). It was organized by "Koło Komparatystów" (the association of comparatists) of the Jagiellonian University and was dedicated the writer's works.

Key words: civilization, culture, evolution, imagination, literature, moral philosophy, Reason.

SZTUCZNA INTELIGENCJA A ETYKA

Stanisław Lem był obdarzony wrażliwością etyczną, która umożliwiła pisarzowi posiadającemu genialnie wysoki iloraz inteligencji, niebywałą erudycję i doskonały warsztat pracy aby dogłębnie analizować kondycję gatunku Homo sapiens.

W wielu utworach pisarz stawia człowieka w miejsce kreatora – twórcy maszyn myślących, zdolnych do podejmowania samodzielnych decyzji – „sztucznych ludzi”. Zdaniem Małgorzaty Szpakowskiej, „roboty Lema” są apsychniczne, ich sprawa *przestaje być przedmiotem namysłu serio*¹; Może jednak stanowić dodatkowy punkt widzenia, z jakiego obserwować można „ludzi naturalnych”². Szpakowska dostrzega w tym *zabawę – obie perspektywy, ludzka i nie-ludzka, są wszak ostatecznie dziełem pisarza*³. „Dzienniki gwiazdowe” – ogólnie biorąc potwierdzałyby to stanowisko; gdy jednak wziąć pod uwagę inne utwory Lema, problem jest głębszy.

1 M. Szpakowska, *Dyskusje ze Stanisławem Lemem*, Naukowe i Literackie, Warszawa 1996, s. 103.

2 Tamże.

3 Tamże.

W zakładzie doktora Vlipierdiusa pisarz ukazuje obraz robotów leczonych z chorób nerwowych i psychicznych. Zachowania robotów są zupełnie ludzkie. Jeden z robotów gardzi swoimi brzęczącymi blachami i tęskni za naturalnym ciałem, które rzekomo mu skradziono. Drugi – szalony geniusz – ze wstrętem mówi o ludzkim ciele, uważa, że należy znieść naturę, gdyż ulokowała rozum w „bladej zupie koloidowej”. Psychiczne dolegliwości robotów wyszły poza sferę maszyn – są one bytami rozumnymi, za które człowiek – jako ich kreator – powinien czuć się odpowiedzialny.

W „Opowieściach o pilocie Pirxie”, pisarz poddaje krytyce odpowiedzialność za następstwa postępu technicznego (cywilizacyjnego). W opowiadaniu „Polowanie” pilot Pirx niszczy uszkodzonego robota Setaura. Podczas wyprawy jej uczestnicy zaczęli pomyłkowo strzelać do Pirxa. Setaur jednak ocalał pilotowi życie. Pirx wiedział, że mógł zginąć, pomimo, że został ocalony przez Setaura zniszczył go: *gorzka była świadomość, że w sposób tyleż podstępny, co nikczemny zabił, ciosem w plecy, swego zbawcę*⁴.

Robot Aniel z opowiadania „Wypadek” budzi u Pirxa sympatię i uczucia wyższe (współczucie). Obserwuje on jak konstruktor obciąża go ładunkiem dla dwu ludzi. Pirx próbował uspokajać się, że to tylko maszyna: *Pilot był całą duszą po stronie milkliwego Aniela, skłonny uwierzyć, że tamten, właśnie jak on sam, wcale nie jest spokojny z natury, a wydaje się taki tylko dlatego, ponieważ uznał, że znalazłby się wtedy po ich stronie, zasnął natychmiast, jakby oczyszczony*⁵. Aniel zginął. Jego twórcy stwierdzili, że musiał ulec jakiemuś defektowi, ale Pirx był przekonany, że Aniel był bardziej podobny do swoich konstruktorów, niż oni byli skłonni przyznać. W sytuacji robota człowiek postąpiłby tak samo. Humanoid wymyka się spod kontroli kreatora, sam podejmuje decyzje.

Podobnie jak Pirx, zachowuje się Hal Bregg, bohater „Powrotu z gwiazd”. Gdy wszedł do baraku, w którym zgromadzono roboty przeznaczone na złom, odczuł chęć ratowania ich, jakby były ludźmi. Jest to jeden z najbardziej przygnębiających obrazów w świecie powieści Lema. Roboty są świadome, że zostaną unicestwione. Jedne błagają o pomoc, zaręczając, że są sprawne i kosztowne; Inne przekonują, że znalazły się w tym miejscu przez pomyłkę, gdyż są ludźmi. Boją się śmierci, nawet odmawiają jakąś kosmiczno-techniczną litanię na wzór „Litani łoretańskiej” jakby stworzyły sobie własną religię i w niej szukały ratunku. Informacja człowieka „przyszłości” markera, że „cybernetyczny złom” trafi do pieca martenowskiego, a selekcji dokonają same roboty – budzi przerażające skojarzenie z obozami zagłady. Doskonały humanoid Calder z „Rozprawy” stał się groźny, omal nie uśmiercił – świadomie i celowo - załogi statku kosmicznego. Pirx zwyciężył go dzięki swemu pełnemu mankamentów człowieczeństwu, gdyż znalazł się w sytuacji, w której *ślabość i ułomność człowieka jest lepsza od siły i doskonałości nieludzkiej*...⁶.

Michael Kandel twierdzi, że roboty Lema są śmiertelne: zarówno podatne na „śmierć” oraz „śmiercionośne”. Nasuwa się pytanie, czy hipotetyczna mecha-

4 S. Lem, *Opowieści o pilocie Pirxie*, Lektura, Łódź 1995, s. 206.

5 Tamże, s. 216-217.

6 S. Lem, *Opowieści o pilocie Pirxie...*, s. 317.

cja jest rzeczywiście „żywa” w ludzkim rozumieniu tego słowa? Kandel sugeruje, że cybernetyka podsuwa pragmatyczną i pozytywistyczną definicję „bycia żywym”. Wnosi on, iż rozróżnienie pomiędzy naturalnym i sztucznym przestało mieć znaczenie, a „człowieka sztucznego” należałoby uważać za odpowiednik „człowieka naturalnego”⁷. Cybernetyka zakłada, iż maszyna, która przekracza pewien próg złożoności, będzie pod tym względem dzielić z człowiekiem jego „człowieczeństwo”⁸.

Lem zauważa, że ludzkość odrzuca obowiązujące dziś zasady etyczne, uznając, że narażanie życia w celach poznawczych czy humanistycznych nie ma sensu. Pisarz przestrzega współczesnych przed zmianą tradycyjnej etyki, ponieważ świadome podejmowanie ryzyka w imię postępu ma sens, jeśli pamiętamy o własnej słabości i wiemy jak ją właściwie wykorzystać. Zdaniem pisarza bliższe ludzkiej naturze są twory drugorzędne. Powstaje pytanie: czy człowiek ma prawo reprodukować inteligencję ludzką, jeśli mu potrzebne tylko sprawne maszyny?

Tworzenie sztucznej inteligencji staje się w twórczości Lema płaszczyzną rozważań etycznych. Pisarz dostrzega, że obecny rozwój wiedzy ścisłej daleko wyprzedza rozwój filozofii a tym samym etyki, co niesie w sobie niebezpieczeństwo nie nadążania w tworzeniu „nowej etyki”. Zdaniem Lema: wpływ technologii na etykę wymaga przeformułowania tej ostatniej. Systemy wartości nie mogą być sztywne, ponieważ są zrelatywizowane historycznie oraz kulturowo. Systemy etyczne powstały zdaniem pisarza jako gwarancja trwałości ludzkich zbiorowisk. Jest ona konieczna do przetrwania i przedłużenia gatunku⁹. *Przez etykę będziemy rozumieli bliżej nieokreśloną część reguły <<gry w społeczeństwo>>. Pewna część owych reguł ma bez wątpienia charakter instrumentalny, to zaś, czy może mieć gdzieś zabarwienie także etyczne, zależy m.in. od całego zestawu owych reguł, czyli od całości kształtu kultury.*

Według Lema imitacja ludzkich procesów myślowych przez maszyny jest bardzo mało prawdopodobna. Problem tkwi w biologicznej genezie ludzkiego myślenia¹⁰. W „Summie technologiae” pisze: *Hermeneutyka ludzka jest – w każdym razie – pochodną <<hermeneutyki>> wszystkich istot żywych, ponieważ od samego swego powstania działać musiały zawsze w oparciu o informacje niezupełną i niedokładną co wymagało ustalenia niezmienników aproksymatywnego, czyli zadowalania się ustaleniami nieostrymi*¹¹.

Wytwory człowieka nie mogą być doskonałe. Dlaczego? Osobowość stwórcy jest urzeczywistniona w jego twórcach. W technice również. Im większy stopień skomplikowania maszyny tym większa jej zawodność. Lem wskazuje na fakt, iż technika nie może stać się doskonała, gdyż jej twórcą jest człowiek – istota bę-

7 Lem w oczach krytyki światowej, wybór i oprac. Jerzy Jarzębski, wyd. Literackie, Kraków 1989, s. 269-270.

8 J. Rothfork, *Duch w maszynie „Mortal Engines” Stanisława Lema* [w:] *Lem w oczach krytyki światowej...*, s. 270.

9 Za: M. Płaza, *O poznaniu w twórczości Stanisława Lema*, wyd. Wydawnictwo Uniwersytetu Wrocławskiego, Wrocław 2006, s. 118.

10 Por. tamże, s. 149.

11 Tamże, 149.

dająca szczytowym osiągnięciem naturalnej ewolucji. Natura nie wyposażyła istoty ludzkiej w co mogła wyposażyć. Postęp człowieka dokonuje się pewnym kosztem, gdyż rozwinięcie przez istotę ludzką jednych zdolności powoduje zanik pozostałych¹². *Dzięki udzielonej człowiekowi przez ewolucję nadmiernej wolności poczynać jesteśmy zdolni do wszystkiego* (powiada pisarz) *Gorzej: do wszystkiego co złe a zło często bardziej pociąga niż dobro, czasami nawet zyskując sankcję religijną*¹³.

BÓG, EWOLUCJA A ETYKA

Kwestia etyki stanowi najbardziej bolesny punkt we Wszechświecie Lema. Etyka będzie występować i dotyczyć relacji pomiędzy Naturą a Kulturą, rozumianą najogólniej jako sfera tego, co zostało stworzone intencjonalnie, przez jakiś świadomy zamysł. Natura z kolei bez stojącego za nią Boga jawi się dla pisarza jako sfera intrygująca, gdyż rządzi się jakimiś określonymi prawidłami, nie można jej przypisać określonych zamiarów. Z kolei kultura tworzona przez istotę ludzką jest przeciwstawieniem natury. Dlatego chyba jednym z najważniejszych twórczych zamierzeń Lema jest próba skonstruowania takiego świata, w którym podział na naturalne i sztuczne okazuje się podziałem pozornym. W „Wizji Lokalnej” tworzący inżynierie na poziomie atomowym Luzanie budują na swojej planecie „sztuczną naturę” o funkcjach opiekuńczych. Inaczej Encjanie, którzy stworzyli twór na kształt, skończonego, doczesnego rozumu. Mędrzec Xaimarnox przeprowadzając krytykę systemu zabezpieczeń funkcjonującego w państwie, twierdzi, że zablokowanie realizacji agresywnych popędów stawia obywateli państwa w sytuacji psychicznej bez wyjścia: każdy pozostaje zamurowany z własnym, osobistym piekłem, nie mogąc go dać innym do posmakowania. Etykosfera nie pozwala dziecku przykładownie wytłuc kolegi w parku i doprowadza je do hysterii, rozpaczy, w końcu do otępienia¹⁴.

Lem, optował za pewną wersją transcendencji, za bytem umieszczonym poza znanym nam światem, który byłby niezbędny, aby ten świat zyskał jakiś sens¹⁵. Jako podstawowy argument przeciw całej nowożytnej teodycei pisarz wysuwa niemożliwość usprawiedliwienia ogromu cierpień, jakie zadawała przez miliony lat ewolucja. Pozostawiła ona ocean mąk i miliony trupów. Lem nie dopuszcza myśli, aby dobrotliwy Stwórca stał nie tylko za wijącym się z bólu stworzeniem, lecz również za całym procesem ewolucyjnym. Cierpienie, wywołane przez krótkowzroczność, oportunistyczny oraz liczne lapsusy mutacyjne, mające w końcowym efekcie na celu powstanie człowieka jako umiłowanej istoty samego Boga, jest niezgodne z wewnętrznym poczuciem etyki Lema. Pisarz odwołuje się do pojęcia „zoocydu” mówiąc: *Gdyby na teren zoologii i botaniki przenieść jako wzorzec aksjologiczny zasady*

12 Za: P. Krywak, *Opowiadania Stanisława Lema w szkole podstawowe, część II: Opowieści o pi-locie Pirxie*, „Język Polski w Szkole IV-VIII” 1990/91, XXXVI, z. 1, s. 23.

13 R. Stiller, *Lemie! Po co umarłeś?*, Vis-a-vis, Kraków 2006, s. 21.

14 Za: Jerzy Jarzębski, www.lem.pl (05.03.2007)

15 Lem nawiązywał do Karola Darwina (wnuka słynnego ojca Ewolucjonizmu), który w 1929 roku próbował wprowadzić do fizyki świadomego obserwatora. Jednak wprowadzenie świadomego obserwatora doprowadza w fizyce kwantowej do paradoksu Kota – Schroetingera, czy przyjaciela Wignera.

*demokratyczne i chrześcijańskie, to okaże się, że panuje tam ich odwrotność*¹⁶. Nie ma etycznego usprawiedliwienia dla ewolucji. Małgorzata Szpakowska w swojej rozprawie habilitacyjnej „Dyskusje ze Stanisławem Lemem” pisze, że Lem umieścił etykę wśród gatunkowych technik przystosowawczych. Ludzkie skłonności altruistyczne pisarz próbował wiązać z doborem krewniczym, natrząsając się z tych, którzy by miłości bliźniego przypisywali jakieś transcendentne źródło¹⁷.

Istotnym tekstem dotyczącym zagadnień teologiczno – moralno – etycznych jest zbeletryzowany esej „Non serviam”. W samym tytule tego beletryzowanego esaju ukazał Lem sugestię: wiara jest łatwiejsza od niewiary. Wybór niewiary może posiadać odcień heroiczny – jako przejaw nonkonformizmu i metafizycznego wyznania. Spośród wielu bohaterów, którzy zachowują się jako kreatorzy, najbardziej rozsądnym jest profesor Dobb ze wspomnianego powyżej esaju. Dobb zdaje sobie w pełni sprawę, że jego eksperymenty nie są wolne od okrucieństwa. Kwestia odpowiedzialności Boga za własne stworzenie stanowi wyzwanie wobec idei Absolutu. Twory z „Non serviam” nie zdają sobie sprawy z własnej sytuacji ontologicznej i mają się za bytowo samodzielne oraz niezdeteminowane. Kreowanie jakiegokolwiek świadomości zdaniem pisarza zawsze jest połączone z ryzykiem, że zazna ona cierpienia. Źródłem cierpień może być zarówno doświadczenie własnej skończoności, jak złudzenie, że jest się nieskończenie wolnym. Profesor Dobb nie oczekuje od swych twórców niczego w zamian. Twierdzi, że byłoby dowodem „bezwstydneho egoizmu” nagradzanie tych, którzy wierzą i karanie tych, którzy „nie wierzą” w swojego Kreatora.

Ojciec destrukcji z planety Dychtonia dokąd Ijon Tichy zawędrował w czasie jednej ze swoich wypraw, powiedział: (...) *nie domagamy się od Boga żadnych świadczeń z tytułu żywionej wiary, nie wysuwamy pod jego adresem żadnych roszczeń, gdyż pogrzebaliśmy teodyceę opartą na modelu transakcji handlowej i wymiany usług: ja cię do bytu powołałem, ty mnie będziesz służył i chwalił*¹⁸. Bezinteresowność aktu kreacji jest zdaniem pisarza moralnym wyzwaniem wobec samego Stwórcy. Kreator ma obowiązek troszczyć się o stworzone przez siebie istoty¹⁹.

Stanisław Lem stosuje zasadę nieingerencji w stworzony świat. Zapewnienie wolności stworzonym istotom stanowi u pisarza kreacyjne minimum. Lemowski demiurg przestrzega zasadę, którą akceptuje u zakładanego „wyższego” kreatora. Światotwórca jest remedium na metafizyczny dyskomfort²⁰. Bernd Graefrath zauważa, że Gottfried Wilhelm Leibniz pisał o możliwości powstania demiurgów, którzy będą naśladować dzieło Wszchemogącego. Przytaczając słowa Leibniza: *człowiek jest zatem poniekąd małym bogiem w swoim własnym świecie lub swym mikrokosmosie, którym rządzi na swój sposób. Czasami tworzy on w nich wspaniałe*

16 *Rozmowy ze Stanisławem Lemem* (Rozmawiał Stanisław Beres), wyd. Literackie, Kraków 1987, s. 390.

17 M. Szpakowska, dz. cyt., s. 129.

18 S. Lem, *Dzienniki gwiazdowe*, wyd. Literackie, Kraków 1982, s. 243.

19 Za: M. Szpakowska, *Zasada Hioba*, J. Jarzębski, *Etyka Lema – Przyzwoitość*, *Tygodnik Powszechny* nr 15 (9kwietnia 2006).

20 Za: M. Płaza, dz. cyt., s. 505.

*działa a swoją sztuką naśladuje naturę*²¹. Greafraath zauważa, że Lem uprawia „teologię behawioralną” nawiązując do Star Maker W. Olafa Stapledona, profesora filozofii oraz autora SF. Porównując podejście do problemu teodycei Greafraath pisze, że u Lema oraz Stapledona podobnie jak u Leibniza kryteria etyczne są ważniejsze od moralności. Powstaje pytanie: czy demiurdy naśladując „Bożą Energię” powinni zważać na plan Wszzechmogącego, czy realizować własne projekty? Problem „przekraczania” „ludzkich kompetencji” odgrywa istotną rolę w twórczości Lema.

KULTURA (CYWILIZACJA) A ROZUM

W wywiadzie z Jackiem Żakowskim pt. „Drapieżna Małpa” człowieka - twórcę kultury określił pisarz jako monstrum²², które wysysa wszystko co najlepsze z tej Planety. *Jesteśmy jej największą zgubą*²³. *Homo sapiens jest bowiem w oczach Lema aroganckim, pyszałkowatym stworzeniem, a jedyny sposób w jaki można go ulepszyć, to uświadomienie mu jego własnej głupoty*²⁴. W „Fantastyce i futurologii” czytamy: *Wyraz kultura jest co najmniej dwuznaczny: co innego znaczy pojęcie kultury jako fenomenu wspólnego dla całej ludzkości – co innego oznacza formę w jakich fenomen ów się przejawia. Opór jaki człowiek okazuje wymaganiom własnej kultury, jest również kulturowy. Skutkiem antropogenezy było odjęcie człowiekowi dziedziczonych, zadanych ewolucyjnie z góry, form zachowania. Zatem paradoks człowieczeństwa polega na tym, że biologiczna niedookreśloność zmusza człowieka do stworzenia kultury: ta z kolei powstawszy, niezwłocznie zaczyna różnicować wartościując ludzką biologię. Każda kultura urabia i uzupełnia człowieka (...). Kultura jednym funkcjom przydaje godności, innym ją odejmuje. W stanie faktycznym, kultura nie przyznaje się do własnych wynalazków. Te są dopiero odkrywane przez antropologię, która bada cały zbiór kultur ludzkich powstałych w dziejach. Komparatystyka kultur ukazuje zdumiewający rozrzut ocen, jakie istota ludzka sama sobie wystawiała, a spektrum orzeczeń kulturowych rozpościera się od takich, co objawiały znaczny liberalizm i aprobowaty człowieka naturalnego, aż po takie co wypierały się w człowieku prawie wszystkiego*²⁵.

Człowiek, aby przetrwać w środowisku wykształconym przez naturę, tworzy kulturę: *Zerem kultury jest stan przymusu adaptacyjnego, w którym nic nie jest dowolne, ponieważ wszystko jest adaptacyjnie konieczne*²⁶. Kultura jest zrzędzeniem przeciwnym. Pogląd, iż kultura jest ubocznym efektem udoskonalania zdolności adaptacyjnych człowieka, jest Lemowi bliski²⁷. Badaniem wszelkich przejawów kultury zajmuje się antropologia kulturowa. Cywilizacja, co zauważył Rousseau, oddala człowieka od natury, a tym samym od świadomości swojej niedoskona-

21 *Der Mensch ist also gleichsam ein kleiner Gott in seiner eigenen Welt oder seinem Mikrokosmos, den er nach seiner Weise regiert (...)*. Za: B. Greafraath: *Es fällt nicht leicht, ein Gott zu sein. Ethik für Weltenschöpfer von Leibniz bis Lem*, C.H. Beck, München 1998, s.176.

22 *Drapieżna małpa* (wywiad, rozmawia Jacek Żakowski), „Gazeta Wyborcza” 1994 z 19-20 lutego. Za: www.serwis.gazeta.pl (20.01.2007).

23 Tamże.

24 Wypowiedź R. Knappa dla „Gazety Wyborczej”, *Śmierć Lema - koniec epoki*, „Gazeta Wyborcza” 2006 z 28 marca, s. 4.

25 S. Lem, *Fantastyka i futurologia*, wyd. Literackie, tom II, Kraków 2003, s. 499 - 500.

26 S. Lem, *Filozofia przypadku*, wyd. Literackie 2003, s. 199.

27 M. Płaza, dz. cyt., s. 173.

łości. Powstały w procesach ewolucyjnych Rozum jest ograniczony przez naturę, której jest produktem oraz przez siebie jako twórcę kultury, czyli: wiedzy, techniki oraz sztuki. Rozum w trakcie postępu cywilizacyjnego zapomina o swym pochodzeniu i krepujących cielesnych więzach, o własnej niedoskonałości, a to może prowadzić go do zguby. Również w „Fantastyce i Futurologii” pisze: *Zwierzęta dysponują odruchowością utrzymującą w ryzach wewnątrz gatunkową agresję, a też hamującą rozrodczość. Mrowisko, ul, rafa koralowa są to agregacje dostosowane w milionoleciach do samoczynnej równowagi. Tego typu automatyzmów człowiek jest pozbawiony. Dzieci wyrosłe poza środowiskiem ludzkim są przez to właśnie głęboko okaleczone: nie wykształca się u nich gatunkowa norma inteligencji, ani mowa, ani wyższa uczuciowość. Są one kalekami, a nie zwierzętami*²⁸.

Stanisław Lem nie jest usatysfakcjonowany jakością gatunku Homo sapiens. Natura w akcie stworzenia położyła nacisk na kwantytatywność stworzenia niż na jego kwalitatywność. Tworząc kulturę staje się Homo sapiens nietypowym drapieżnikiem w przyrodzie. Wraz ze swoimi instynktami (wpisanymi w osnowę genetyczną człowieka – odziedziczoną po przodkach), jako najwyżej rozwinięty ssak nie ma sobie równych na Planecie Ziemi. Rozmnażając się nie zachowuje instynktownie równowagi ze środowiskiem naturalnym, wyczerpuje zasoby zamieszkiwanego obszaru, niszcząc naturalną florę i faunę przemieszcza się z miejsca na miejsce. Człowiek przez tworzenie cywilizacji tworzy śmiertelne zagrożenie nie tylko dla innych istot żywych, lecz również dla siebie samego: wojny, konflikty, czystki narodowościowe – są wbrew nakazom uznanym jako pochodzące od samego Stwórcy.

Pisarz nie ma żadnych złudzeń – w ostatnim wywiadzie telewizyjnym powiedział: *(...) niestety już pracźłowiek „wygubił” mamuty, a z ich kłów robił sobie jakieś szalasy. Potem „wygubił” całą masę rozmaitych ssaków, po których nie zostało ani śladu. Wszędzie tam gdzie pojawił się człowiek pozostawała tylko spalona ziemia (to trzeba sobie powiedzieć). Znacznie skromniejsza mniejszość ma szlachetne idee i cele (...)*²⁹. Patologia wyrosła z naturalnych popędów człowieka, towarzyszyła mu od tysięcy lat.

Charakteryzując współczesną kulturę cechującą się szybkim i spektakularnym postępem technicznym pisarz nie oszczędza w słowach mówiąc: *Obecna cywilizacja ma stałą tendencję do schodzenia w patologię – regres kulturalny, cechujący się trybalno – histeryczną amputacją wszelkich indywidualności, typowych dla tłumu, który topi swą bezradność wobec cywilizacyjnej akceleracji w amnezji – co wygląda na degrengoladę jako pseudo – agonalną fazę schyłku*³⁰.

Pisarz jednak daje klarowną odpowiedź – kto przyczynił się do rozwoju kultury (cywilizacji). Zdaniem pisarza zezwolenie do rozwoju cywilizacji dało chrześcijaństwo. W rozmowie z Tomaszem Fiałkowskim Lem powiedział: *Czy ktoś jest wierzący czy nie, byle był obiektywny, wie, że placet (do rozwoju cywilizacyjnego) dała w gruncie rzeczy doktryna chrześcijańska w oparciu o biblijny nakaz: czynicie*

28 S. Lem, *Fantastyka i futurologia*, wyd. Literackie, tom II, Kraków 2003, s. 500.

29 www.lem.pl (25.03.2007)

30 Wypowiedź pisarza udzielona Jackowi Lichoniowi w wywiadzie dla czasopisma „Zero” 1997, lato, nr 0, s. 6.

sobie ziemię poddaną. W innym miejscu muzy tabuizacji były silniejsze i postęp technologiczny już rozpoczęty, utykał – na przykład w Chinach. W Europie natomiast nabral wielkiego rozpędu. Powiedziałbym paradoksalnie, a może i nie paradoksalnie, że zbyt wielkiego (...)»³¹.

Lem niejednokrotnie w kontekście rozwoju cywilizacyjnego odwołuje się do cytatu ze Starego Testamentu. W rozmowie z Markiem Oramusem pisarz powiedział: (...) cywilizacja śródziemnomorska była zorientowana secjentystycznie, a wszystkie inne nie. Japończycy nie stworzyli żadnej fizyki, ani buddyzm, ani szintoizm. To się wzięło prawdopodobnie z przesłania starotestamentowego: Ziemia jest dla was, wam poddana, wszystkie gatunki są dla was, *crescite et multiplicamini*, i to zostało wykonane aż z nadto dobrze w stosunku do założeń. Tak jest, zgadzam się, pożywkę dla rozwoju nauk dało chrześcijaństwo, otwierając przestrzeń dozwolonych poszukiwań.

PODSUMOWANIE

Humanizm Lema jest tworem dość niezwykłym – jak zachodni sowietolog całe swoje życie poświęcił badaniu państwa, które chciał unicestwić, tak Lem całą swoją twórczość poświęcił gatunkowi ssaków, które budzą w nim najgłębszą niechęć³². Stanisław Lem zauważa, że kultura, którą cechuje antropocentryzm, z góry skazuje na subiektywizm oraz dobro samego jej twórcy, czyli człowieka – nie dobro uniwersalne. Zło z kolei jest postrzegane jako „zło” tylko i wyłącznie z ludzkiego punktu widzenia. Z perspektywy samego Kosmosu zaściankowe i prowincjonalne dobro gatunku dominującego przestaje być dobrem uniwersalnym, natomiast wartość subiektywna – wartością aksjologiczną. Ostry podział wartości pozytywnych i negatywnych charakterystyczny w kulturze tradycyjnej jest oceniany przez Lema krytycznie. Pisarz uważa, że szczytne ideały są formułowane tylko przez nielicznych mędrców. To właściwie człowiek interpretuje je na swój własny sposób. W wywiadzie z Lemem pt. „Drapieżna małpa” Lem powiedział: *Żeby dokonać swego rodzaju moralnej ekspulsji zła i ulokować je poza nami, wymyślaliśmy przeróżne nieczyste duchy, diabły, demony, strzygi. To one miały namawiać nas do złego, i wziąć na siebie winę za nasze czyny*³³. *Bezinteresowne zło to specialite de la Masion Humanie i nie ma co strzepić gęby, żeby odtłumaczyć tę obrzydliwą skłonność w stronę diabelskich kusicieli*³⁴. Warto postawić pytanie: czy to nie system antropocentrycznych wartości doprowadził do sytuacji, w której człowiek uważa siebie za „koronę stworzenia”³⁵?

W oparciu o tekst „Etyka technologii i technologia etyki” można wywieść hipotezę, że Stanisław Lem traktuje etykę jako wielkość względną a nie absolutną: *O tym, jakie konkretnie sytuacje mogą ocenie etycznej podlegać, decyduje kultura*³⁶. W „Filozofii Przypadku”, w której wyklada teorię aksjologii, Lem twierdzi, że wszelka

31 M. Oramus, *Bogowie Lema*, Kurpisz, Warszawa 2006, s. 115.

32 Za: W. Orliński, *Co to są sepulki? Wszystko o Lemie*, Znak, Kraków 2007, s. 96.

33 *Drapieżna małpa* (wywiad, rozmawia Jacek Żakowski), „Gazeta Wyborcza” 1994 z 19-20 lutego. Za: www.serwis.gazeta.pl (20.01.2007).

34 Tamże.

35 Za: P. Krywak, *Opowiadania Stanisława Lema w szkole podstawowej*, część I: *Bajki robotów*, „Język Polski w Szkole IV-VIII” 1989/90, XXXV, z. 5, s. 456/460.

36 S. Lem, *Dialogi*, wyd. Literackie, Kraków-Wrocław 1984, s. 419.

aksjomatyka powstała w procesach masowo – statycznych, przypadek miał zatem w powstaniu aksjologii (a tym samym etyki) duży wpływ³⁷. W tekście „Etyka technologii i technologia etyki” zostało wyrażone przekonanie, że zjawiska, które obejmują wpływ czynników pozaetycznych, w rodzaju technologii na etykę można badać empirycznie. Wyniki takich badań wsparte modelowaniem w obrębie substratu pozaspołecznego i pozaludzkiego mogą dostarczyć istotnych dyrektyw do utworzenia „idealnej struktury społecznej”.

Pisarz dokonuje empirycznej oceny systemów społecznych. W metaforze Lema struktura społeczna jest siecią dróg, natomiast system etyczny to kodeks drogowy. Etyka powinna być dopasowana do sieci dróg, aby była adekwatna do praktyki społecznej. Etykę należy badać i kształtować w odwołaniu nie do odruchów dobrej woli jednostek, ponieważ jako singularyzm nie mają one znaczenia, ale do prawidłowości społeczeństwa jako systemu. Lem zwraca uwagę, że humanistyczna analiza systemów etycznych jest bezpłodna, gdyż odwołuje się do wartości zrelatywizowanych kulturowo. Gdyby wymodelować cybernetycznie wzorzec etyczny, zapewniłoby społeczeństwu największą stabilność, a więc także lepszą gwarancję przetrwania. Lem podejmuje się analizy zagadnień aksjologicznych na terenie fizyki, biologii. Pisarz opowiada się za modelowaniem matematycznym etyki. Według niego taki sposób modelowania jest najbardziej racjonalnym, ścisłym i empirycznym sposobem badania jakości systemów etycznych jako gwarantów postępu, stabilności i przetrwania społeczeństw. Zauważa również, iż nie ma obecnie metod matematycznych umożliwiających modelowanie układów rzędu rozwijającego się społeczeństwa³⁸.

W wywiadzie z Jackiem Lichoniem pisarz powiedział: *obecna „zwyrodniała kultura śmierci” jest faktem, pomnażanym przez elektroniczne „usieciowione” media z dużą skutecznością. Z technologicznych szans łączności czyniony jest użytek możliwie głupi i podły, ponieważ olbrzymie zaraźliwy. (...) Gdyby ten trend miał trwać, musiałoby dojść do desocjalizującego skretynienia na olbrzymią skalę (...) Wolność objawia tutaj swoją najstraszliwszą stronę*³⁹. Lem dodaje: *„cywilizacja śmierci” manifestuje się jako inflacja, dewaluacja czy dewaloryzacja Śmierci (w telewizji, w multimediami, jak „popyt” na przemoc, zbrodnie i wszelki gwałt). Jest to wychowanie człowieka przyzwyczajające do „zwykłości” i „bylejakości” zabijania. Czyli do „cywilizacji śmierci”*⁴⁰. Zdaniem Lema w dalszym rozwoju ludzkości konieczna jest hegemonia takiego typu człowieka i kultury, który okaże się maksymalnie racjonalny. Bez tego właśnie kierunku rozwojowego kultury nie byłoby możliwe ani optymalizm działań, ani zbornosc racjonalna wysiłków, ani największe tempo rozwoju czy najwłaściwszy wybór możliwości⁴¹.

W rozmowach ze Stanisławem Beresiem pisarz przyznaje: *nie jestem katolikiem ani nawet chrześcijaninem*⁴² ale w tych samych rozmowach stwierdził: *jeśli jest ktoś*

37 M. Szpakowska, dz. cyt., s. 22.

38 Za: M. Płaza, dz. cyt., s. 120-121.

39 Wypowiedź pisarza udzielona Jackowi Lichoniowi w wywiadzie dla czasopisma „Zero” (lato 1997) nr 0. s. 6.

40 Tamże.

41 Parafraza słów R. Stillera, dz. cyt., s. 100-101.

42 S. Bereś, *Rozmowy ze Stanisławem Lemem*, wyd. Literackie, Kraków 1987, s. 289.

*ksobnie racjonalny, to nie potrzebuje żadnej sankcji transcendentnej, utwierdzającej etykę na zasadzie nagrody i kary, która zachodzi w zaświatach*⁴³. Warto postawić pytania: skąd biorą się niezmierzone pokłady wrażliwości moralnej Lema, która każe dogłębnie analizować ludzki gatunek? Z jego wyostrzonego racjonalizmu? Genialnej inteligencji? Czy raczej wrodzonej wrażliwości etycznej?

W jednym ze swoich esejów Jerzy Jarzębski pisze: *Wraz ze śmiercią Lema odchodzi (...) pewna epoka. Epoka ludzi, którzy w pojedynkę, bez wsparcia całych instytucji, podejmowali się tworzenia Kosmicznego porządku. Lem sam otaczał się ludźmi (jak mawiał) przyzwoitymi (...). Dlaczego to czynił? (...) Procesy wszczęte przez tych drugich (popadających w degrengoladę) bezpośrednio zagrażały wizji świata sensownego i moralnego, którą jako agnostyk stworzył dla siebie. A przecież w takim sensownym świecie – jak chyba wierzył – powinni żyć ludzie przyzwoici*⁴⁴. Stanisław Lem, *dialektyczny mędrzec z Krakowa*⁴⁵, agnostyk po śmierci Papieża Polaka powiedział: *jedno jeszcze bodaj zrobiło na mnie wrażenie (...) scena kiedy Papież, ciężko już dotknięty chorobą, siedział przy oknie w niedzielę wielkanocną i szamotał się ze swoim ciałem chcąc wygłosić słowa błogosławieństwa Urbi et Orbi*⁴⁶.

Na koniec chcę powtórzyć za Robertem Stillerem: Lemie! Po co umarłeś? *Po to aby potwierdzić ogólną prawidłowość (mógłby rzec pisarz). Chociaż nie jest to kategoria tak jednoznaczna czy nieodwracalna, ta śmiertelność i śmierć dla każdego, jak mogłoby się wydawać*⁴⁷.

LITERATURA

1. Beres S., *Rozmowy ze Stanisławem Lemem*, Wyd. Literackie, Kraków 1987.
2. Berthel W., *Stanisław Lem, Der dialektische Weise aus Kraków*, Frankfurt/M 1976.
3. *Czuwanie 1-8 kwietnia 2005*, Znak, Kraków 2005.
4. *Drapieżna małpa* (wywiad, rozmawia Jacek Żakowski), „Gazeta Wyborcza” 1994 z 19-20 lutego.
5. Greafrath B., *Es fällt nicht leicht, ein Gott zu sein. Ethik für Weltenschöpfer von Leibniz bis Lem*, C.H. Beck, München 1998.
6. Jarzębski J., *Etyka Lema – Przyzwoitość*, „Tygodnik Powszechny” 2006, nr 15.
7. Jarzębski J., *Wszechświat Lema*, Wyd. Literackie, Kraków 2002.
8. Krywak P., *Opowiadania Stanisława Lema w szkole podstawowej, część I: Bajki robotów*, „Język Polski w Szkole IV-VIII” 1989/90, XXXV, z. 5.
9. Krywak P., *Opowiadania Stanisława Lema w szkole podstawowej, część II: Opowieści o pilocie Pirxie*, „Język Polski w Szkole IV-VIII” 1990/91, XXXVI, z. 1.
10. Lem S., *Dialogi*, wyd. Literackie, Kraków-Wrocław 1984
11. Lem S., *Fantastyka i futurologia*, Wyd. Literackie, Kraków 2003.
12. Lem S., *Filozofia przypadku*, Wyd. Literackie, Kraków 2003.
13. Lem S., *Opowieści o pilocie Pirxie*, Wyd. Lektura, Łódź 1995.

43 M. Szpakowska, dz. cyt., s. 50.

44 Za: Jerzym Jarzębskim: *Przyzwoitość - etyka Lema*, Tygodnik Powszechny, nr 15 (9kwietnia 2006), s. 12.

45 Tak określił Stanisława Lema F. Rottensteiner w swoim artykule: *Der dialektische Weise aus Kraków*, [w:] W. Berthel, *Stanisław Lem, Der dialektische Weise aus Kraków*, Frankfurt/M 1976, s. 173.

46 *Czuwanie 1-8 kwietnia 2005*, Znak, Kraków 2005, s. 123.

47 R. Stiller, dz. cyt., s. 5.

14. Lem S., *Powrót z gwiazd*, Wyd. Literackie, Kraków 1981.
15. Lem S., *Prowokacja*, Wyd. Literackie, Kraków–Wrocław 1984.
16. Oramus M., *Bogowie Lema*, Kurpisz, Warszawa 2006.
17. Orliński W., *Co to są sepulki? Wszystko o Lemie*, Znak, Kraków 2007.
18. Płaza M., *O poznaniu w twórczości Stanisława Lema*, Wydawnictwo Uniwersytetu Wrocławskiego, Wrocław 2006.
19. Stiller R., *Lemie! Po co umarłeś?*, Vis-a-vis, Kraków 2006.
20. Szpakowska M., *Dyskusje ze Stanisławem Lemem*, Wyd. Naukowe i Literackie, Warszawa 1996.
21. „Zero” 1997, lato, nr 0.



Konrad Harasim

Instytut Psychologii UMCS, Lublin, Poland
E-mail: konrad.harasim@poczta.umcs.lublin.pl

Efektywność profilaktyki i terapii zachowań samobójczych – stan badań */ The Effectiveness of Suicide Prevention and Therapy – State of Research*

Abstract

The loss of social- and self-proficiency of people who went through suicidal crisis should be a sufficient reason for creating and perfecting a consistent and effective suicidal prevention whereby we can bring the would-be suicides back biological, social and economic condition. For this purpose we have to concentrate on suicide motives (Hołyst, 2002).

The already existing prevention system we can reproach that it is one-sided, i.e. is based only on medical treatment and neglects the psychological care. Symptomatic treatment, no interest in suicide motives and no support for suicides' will to live are often behind any future suicide attempts.

Key words: pre- and postsuicidal prevention, treatment types in suicidology.

WPROWADZENIE

Samobójstwo to proces uwarunkowany wieloczynnikowo, w którym ogromną rolę odgrywają czynniki psychospołeczne, zaburzenia psychiczne, biologiczne, obciążenia genetyczne, cechy osobowości, wydarzenia życiowe, ważne wydarzenia rodzinne i przewlekłe choroby (Komender w: Hołyst, Staniaszek, 1995). Z badań wynika, że stosunek samobójstw usiłowanych do samobójstw dokonanych szacowany jest na 6:1, 20:1 i dochodzi nawet do 50:12 (Anthony, 1994; Têtaz, 1976). Dziewczyny trzy razy częściej niż chłopcy podejmują próby samobójcze, ale chłopcy o wiele częściej umierają w wyniku tych zamachów (Hołyst, 2002). 50% nastoletnich samobójców ponawia próby odebrania sobie życia, w wyniku których do 11,3% chłopców i do 3,9% dziewczyn umiera (Shaffer, Gould, Garland, 1988).

Z przeprowadzonych badań wynika, że około 50% młodzieży popełniających samobójstwo przejawia zaburzenia psychiczne (Hoare, 1993, s. 107). U podłoża decyzji o zamachu leży niejednokrotnie trwająca przez wiele miesięcy depresyjność, manifestująca się wieloma somatycznymi dolegliwościami (na przykład bóle głowy, zaburzenia snu i łaknienia) i zaburzeniami psychicznymi (na przykład słabsza koncentracja uwagi, pogorszenie zachowania i wyników w nauce, wagary, nadużywanie alkoholu, zachowania przestępcze, czy zbyt wczesna aktywność seksualna). Inne zaburzenia i choroby psychiczne, przejawiane często przez samobójców to zaburzenia afektywne, napady lęku i paniki, uzależnienia i schizofrenia. Wskaźnikami, które powinny zwrócić uwagę, gdyż mogą wskazywać na możliwość wystąpienia aktu samouniwersowania są: rozważania dotyczące śmierci i mówienie o nich, rozdawanie cennych dla samobójcy rzeczy, wyrażanie ostatniej woli, ograniczenie kontaktów z rodziną i przyjaciółmi, zmniejszenie aktywności, nagłe wybuchy gniewu albo apatia, zaburzenia odżywiania i związany z tym duży ubytek lub przyrost wagi, brak zainteresowania swoim wyglądem fizycznym i zdrowiem, czy wcześniejsze zachowania autodestrukcyjne (Hołyst, 2002).

Na decyzję o podjęciu próby samobójstwa zawsze składa się wiele różnych czynników, dlatego profilaktyka samobójstw należy do trudnych i złożonych zagadnień.

Profilaktyka pre i postsuicydalna

Profilaktykę samobójstw można podzielić na:

1. **profilaktykę presuicydalną**- mającą miejsce przed wystąpieniem zamachu na własne życie. Obecnie praktycznie nie ma żadnego planowanego i celowego systemu profilaktyki presuicydalnej,
2. **profilaktykę postsuicydalną**- występującą po nieudanej próbie samobójczej, mającą na celu zapobieganie ponowieniu aktu samouniwersowania przez niedoszłego samobójcę (B. Hołyst, 2002).

D. Shaffer wyróżnia trzy stopnie zapobiegania samobójstwom (Shaffer, Gould, Garland, 1988, s.680; Hołyst, 2002,s.888):

1. **Zapobieganie pierwszego stopnia**- to identyfikacja i zmiana niekorzystnych warunków, przyczyniających się do kształtowania myśli i zachowań samobójczych. Związane jest to z polityką społeczną, której celem jest zapobieganie różnym zjawiskom patologicznym, na przykład nadużywaniu alkoholu przed rodziców, czy rozpadowi rodziny. Innym rodzajem zapobiegania pierwszego stopnia jest edukacja rodziców na temat ich wpływu na kształtowanie się i rozwój osobowości dziecka i wyposażenie ich w metody radzenia sobie w trudnych i niecodziennych sytuacjach wychowawczych (Hołyst, 2002). Na obniżenie liczby samobójstw młodocianych może mieć wpływ informowanie w bardzo wyważony sposób w mediach o próbach samobójczych (Low, Andrews, 1990)
2. **Zapobieganie drugiego stopnia**- wczesna identyfikacja jednostek, które są szczególnie zagrożone samobójstwem, przejawiające takie objawy jak na przykład: depresja, pochodzenie z dysfunkcyjnych, patogenicznych środowisk,

ujawnianie określonych cech osobowości, somatyczne i psychiczne choroby przewlekłe, czy posiadanie krewnych samobójców. Podczas zapobiegania drugiego stopnia wymagane jest upowszechnianie wiedzy z zakresu zachowań presuicydalnych i zjawiska samobójstwa wśród grup osób, którzy zawodowo mają kontakt z dziećmi i młodzieżą: wśród lekarzy, psychologów, pielęgniarek, nauczycieli i wychowawców. Oni mogą przez nawiązanie kontaktu z zagrożonym dzieckiem, oddziaływanie na jego rodzinę, opiekę psychologiczną, skierowanie do specjalisty, czy przez odpowiednie leczenie przyczynić się do zredukowania liczby zamachów dzieci i młodzieży na swoje życie. Istotne jest też wzbogacanie wiedzy młodzieży z zakresu możliwości korzystania z profesjonalnej pomocy psychologicznej i negatywnych skutków zachowywania tajemnicy dotyczącej samobójczych myśli i planów przyjaciół i kolegów (Ross, 1985).

3. Zapobieganie trzeciego stopnia dotyczy dzieci i młodzieży przejawiających myśli lub zachowania samobójcze i jego celem jest uniemożliwienie dokonania lub ponowienia zamachu. Obejmuje:

- usunięcie środków, które mogłyby być użyte przez samobójcę, takich jak leki, ostre przedmioty, broń palna;
- odpowiednie działania podjęte bezpośrednio po zamachu na swoje życie;
- długotrwały wpływ terapeutyczno-rehabilitacyjny.

Każde dziecko lub nastolatek, który targnął się na swoje życie lub mówi o swoich myślach samobójczych, powinien być jak najszybciej zbadany przez psychiatrę dziecięcego i psychologa, którzy oceniają jego stan psychiczny za pomocą odpowiednich rozmów. Pytania dotyczą myśli samobójczych, intencji samobójstwa, dostępności metod i środków, podjętych czynności, których celem było zapobiec ocaleniu życia, czy sytuacji rodzinnej, szkolnej, rówieśniczej, w której ukształtowały się myśli i zachowania samobójcze. Jeśli zachodzi niebezpieczeństwo ponowienia zamachu konieczna jest hospitalizacja w szpitalu psychiatrycznym, gdzie samobójcy poddawani są psychoterapii, socjoterapii i, jeśli zachodzi taka potrzeba, farmakoterapii. Po zakończeniu leczenia szpitalnego chorzy kierowani są pod opiekę poradni psychologicznej, gdzie otrzymują pomoc psychologiczną przez co najmniej rok, gdyż w tym okresie istnieje największe ryzyko ponowienia zamachu (Hołyst, 2002; Weissman, 1974). W przypadku braku wskazań do hospitalizacji, niedoszli samobójcy są kierowani do poradni psychologicznej, gdzie psycholog i psychiatra dziecięcy oceniają stan i stopień zagrożenia jednostki, analizują skład i funkcjonowanie rodziny dziecka, komunikację rodzinną i więzi uczuciowe łączące dziecko z każdym rodzicem i rodzeństwem, a także podejmują decyzję o formie pomocy. W zależności od przypadku, potrzeb i okoliczności podejmują:

- próbę korekcji destrukcyjnych metod i środków wychowawczych,
- różne rodzaje psychoterapii (terapia indywidualna, grupowa, rodzinna),
- farmakoterapię,
- kontakt z opiekunami niedoszłego samobójcy, jeżeli przebywa on tymczasowo lub na stałe poza domem rodzinnym (na przykład w Domu Dziecka, w Pogotowiu Opiekuńczym czy w rodzinie zastępczej),

- kontakt ze szkołą, gdy dziecko ma duże braki w wiedzy lub trudności w nauce, w wyjątkowych sytuacjach może być rozważana zmiana klasy lub szkoły,
- skierowanie na leczenie na oddział psychiatryczny,
- skierowanie do sanatorium neuropsychiatrycznego w przypadku braku możliwości zapewnienia dziecku opieki w rodzinnym domu (np. w wyniku choroby matki, alkoholizmu, sprawy rozwodowej),
- kontakt z sądem w przypadku konieczności zapewnienia opieki kuratora (Hołyst, 2002).

Istotną rolę w procesie zapobiegania ponownym zamachom odgrywa według O. Halfon odpowiednio długotrwała hospitalizacja z kontynuacją nauki szkolnej (Komender, 1995, s. 95). Pacjenci mogą dzięki temu wyrównać zaległości w nauce, podwyższyć swoją samoocenę i polepszyć tolerancję na stres szkolny (Hołyst, 2002).

Podczas badania psychiatrycznego psychiatra dowiaduje się o tym, jak niedoszły samobójca: spostrzega własną sytuację w szkole, w rodzinie, dlaczego myśli, mówi lub próbuje się zabić, jakie miał intencje i sposób pozabawienia się życia, czy podjął działania zabezpieczające przed ocaleniem, jak zachowywał się po odratowaniu, jak ocenia swoje postępowanie, czy napisał listy pożegnalne, czy nadal ma myśli o samobójstwie, czy snuje plany na przyszłość. Ważna jest ocena objawów psychopatologicznych, stopnia gotowości do zmian i polepszenia komunikacji w rodzinie. Diagnozę psychiatryczno-psychologiczną można pogłębić poprzez badanie kwestionariuszem Siegelmana i Roe „Moja matka”, „Mój ojciec”, krakowskim kwestionariuszem objawowym do pomiaru depresji, testem Cattela, testem inteligencji Wechslera, czy testem zdań niedokończonych Kostrzewskiego (Hołyst, 2002).

Podczas procesu profilaktyki postsuicydalnej bardzo istotne jest, czy niedoszły samobójca został odratowany, czy też sam wycofał się z podjętej przez siebie decyzji. Te dwie przeciwstawne formy ocalenia wiążą się z koniecznością zróżnicowanego postępowania postsuicydalnego. Poza tym przyczyną zaniechania popełnienia samobójstwa może być świadoma decyzja o rezygnacji z zamachu, lub też zewnętrzne okoliczności, których niedoszły samobójca nie przewidział przy planowaniu strategii odebrania sobie życia. Jeszcze inna jest sytuacja tych samobójców, którzy zostali odratowani w wyniku świadomie lub podświadomie popełnionych przez siebie błędów, dzięki którym istniała szansa na uratowanie życia. Różne mogą być też postawy osób odratowanych wobec życia. Nie jest prawdą stwierdzenie, że ocalona jednostka wbrew jej woli czy w wyniku popełnionego przez nią błędu nadal zamierza odebrać sobie życie, a jednostka, która dokonała próby manipulacyjnie lub w wyniku nagłego impulsu zaniechała popełnienia samobójstwa, w przyszłości nie ponowi próby. Zatem metody profilaktyki i terapii postsuicydalnej w dużej mierze zależą od okoliczności odratowania niedoszłego samobójcy, jak również od późniejszych jego reakcji (Hołyst, 2002).

Nie istnieje żaden skuteczny system terapeutyczny, ani rehabilitacyjny, który daje pewność, że samobójca nie ponowi nigdy próby zamachu. Musimy zadowolić się jedynie pewnym zakresem gwarancji efektywności systemów zapobiegania zacho-

waniom autodestrukcyjnym. (Hołyst, 2002). Skuteczność profilaktyki postsuicydalnej częściowo wiąże się z uciążliwymi czynnościami medycznymi i okolicznościami społecznymi towarzyszącymi procesowi ratowania samobójcy.

W obawie przed ponownym ich doświadczeniem lub na skutek uświadomienia sobie sensu życia wiele osób nie decyduje się na powtórny zamach na swoje życie (Hołyst, 2002).

Według U. Otto młodzi dorośli, mający za sobą próby samobójcze w przeszłości, istotnie gorzej funkcjonują w porównaniu z osobami, którzy nie próbowali nigdy odebrać sobie życia (Otto, 1966, s. 97; Hołyst, 2002, s.891). Duża część odratowanych samobójców nie potrafi w pełni realizować siebie, a zatem nie pełnią oni prawidłowo funkcji społecznych. Zatem mimo licznych zachowań prewencyjnych należą oni do grupy wysokiego ryzyka, zagrożonej śmiercią z powodu popełnienia samobójstwa. Wielu z nich rezygnuje z dbałości o siebie i z zaspokajania własnych podstawowych potrzeb. Jest to szczególnie rodzaj metamorfozy, w którym przejawia się niechęć do siebie i otoczenia, protest, dezaprobata wobec własnego miejsca w społeczeństwie, stosunków społecznych, bunt, i ma miejsce dopóki występują okoliczności podtrzymujące motywacje popełnienia samobójstwa (Hołyst, 2002).

Celem profilaktyki postsuicydalnej jest to, aby:

- jednostka nie powracała do suicydalnych zachowań,
- nie wypadła ze swojej normalnej, możliwej dla jej wieku i kondycji, społecznej aktywności,
- przejawiała twórcze postawy wobec życia,
- przejawiała motywację altruistyczną i czuła się odpowiedzialna za życie w społeczeństwie
- posiadała antyfrustracyjne blokady chroniące ją przed działaniami autodestrukcyjnymi i aspołecznymi (Hołyst, 2002).

Podstawowym celem postępowania z osobami, które próbowały targnąć się na swoje życie jest nauczanie konstruktywnych wzorów radzenia sobie w taki sposób, aby podczas realizacji swoich indywidualnych celów:

- nie przekraczać posiadanych przez siebie uprawnień,
- nie rezygnować z siebie,
- w swoich dynamicznych i elastycznych reakcjach nie ulegać konformizmowi,
- nie ulegać frustracji, lecz pokonywać trudności,
- chronić siebie podczas sukcesu i klęski,
- uniezależnić oceny swoich możliwości od presji opinii społecznej i panującej mody,
- umieć okresowo zrezygnować z wykonywania czynności, by nie marnować sił na nierealny tymczasowo cel,
- umieć wiązać cel z drogą,
- umieć prosić innych o pomoc,

- czuć się odpowiedzialnym za siebie i innych, zapewniając im emocjonalną stabilizację.

Te same cele należy wyznaczać w profilaktyce szeroko rozumianej, jednak w profilaktyce postsuicydalnej powinny być realizowane bardziej intensywnie, gdyż jednostki, które mają za sobą kryzys suicydalny, zazwyczaj doświadczają silniejsze konflikty wewnętrzne niż reszta populacji (Hołyst, 2002). Realizacja programu prewencji może napotkać na swojej drodze wiele trudności, takich jak:

- osobowość odratowanego samobójcy,
- poziom intelektualny samobójcy,
- trwałe cechy psychokulturowe,
- sytuacja społeczna samobójcy,
- diagnoza i terapia,
- postawy społeczeństwa wobec samobójców (Hołyst, 2002).

Shneidman uważa, że opieką psychologiczną trzeba otoczyć nie tylko niedoszłego samobójcę, ale także jego najbliższych, rodzinę i przyjaciół. Ten rodzaj pomocy psychologicznej nazwał postwencją (Shneidman, 1969, s.249; Mishara, 1995). Autor ten wyróżnia też podstawowe zasady i wskazówki dotyczące psychoterapii i interwencji kryzysowej stosowanej wobec osób z tendencjami samobójczymi (Shneidman, 1993b, 1994a, 1996):

1. Codzienne monitorowanie poziomu ryzyka samobójstwa i perturbacji, rozumianej jako stopień zawężenia myślenia i impulsywności. Można do tego wykorzystać 9 stopniową skalę.
2. Głównym celem psychoterapii osoby samobójczej jest zmniejszenie ryzyka śmierci poprzez redukcję odczuwanej przez pacjenta perturbacji, zaspokajanie jego potrzeb, zmianę warunków życia, redukcję poczucia bezradności i beznadziejności. Ważne, by terapeuta był aktywny, okazywał troskę, angażował do współpracy najbliższych pacjenta i kontaktował się z instytucjami, mogącymi pomóc cierpiącej osobie.
3. Zniesienie zawężenia i tunelowego myślenia. Cechy te sprawiają, że jednostka spostrzega samobójstwo jako jedyne wyjście i najlepsze rozwiązanie swojego problemu. Terapeuta powinien pokazać pacjentowi, że jest znacznie więcej możliwości poradzenia sobie z problemem, których on nie dostrzega. Należy stworzyć z pacjentem listę dostępnych mu rozwiązań, włącznie z samobójstwem, uporządkować te rozwiązania według stopnia trudności realizacji, ustalić które są najłatwiejsze i które będą wprowadzane w życie.
4. Obniżenie poziomu odczuwanego bólu psychicznego i zwiększenie psychicznego komfortu pacjenta. Ból psychiczny często ma swoje źródła w sfrustrowanych potrzebach, które należy zdiagnozować, by opracować plan interwencji wobec danej osoby. Stosowanie technik terapeutycznych takich jak interpretacja, wzmacnianie, wyjaśnianie, parafraza ma na celu zwiększyć kompetencje samobójcy w radzeniu sobie z negatywnymi emocjami, np. z poczuciem winy, lękiem, wstydem itp.

5. Konieczność udzielenia pomocy osobie z tendencjami samobójczymi. Terapeuta nie powinien przyznawać pacjentowi prawa do popełnienia samobójstwa. Samobójców charakteryzuje ambiwalencja uczuć, która jest ważnym argumentem przemawiającym za ratowaniem ich życia.
6. Ograniczenie tajemnicy zawodowej. Terapeuta nie powinien zachowywać informacji o autodestrukcyjnych zamiarach i planach pacjenta w tajemnicy, nawet, gdy powiadomienie o nich rodzinę będzie miało negatywne konsekwencje dla relacji terapeutycznej.
7. Korzystanie z superwizji i konsultacji z innymi specjalistami, takimi jak psychiatra, psycholog, lekarz, duchowny, filozof, socjolog i pracownik socjalny.
8. Korzystanie z wszystkich dostępnych terapeutycznych metod prewencji samobójstw. Przykładami tutaj mogą być: zabezpieczenie dostępnych samobójczych środków, które mogą posłużyć do odebrania sobie życia (takich jak tabletki, pistolet), zapewnienie dostępu do opieki psychiatrycznej, czy hospitalizacja.
9. Dużą rolę odgrywa zjawisko przeniesienia w terapii. W przypadku poważnego kryzysu suicydalnego terapeuta powinien zwiększyć ilość sesji i być dostępnym także poza umówionymi spotkaniami. W procesie terapeutycznym nie może pojawić się wrogość i obojętność wobec potencjalnego samobójcy, ani zjawisko nakłaniania go do realizacji próby odebrania sobie życia, np. poprzez rzucanie wyzwania pacjentowi słowami „zrób to”, czy poprzez prowokację.
10. Niemożliwe jest jednoczesne prowadzenie terapii z większą ilością niż dwoje potencjalnych samobójców, znajdujących się w głębokim kryzysie suicydalnym, gdyż taka praca jest zbyt stresująca i wymaga ogromnego wysiłku i energii terapeuty.
11. Pierwszorzędnym celem terapii jest utrzymywanie pacjenta przy życiu i redukcja zagrożenia. Dopiero gdy ten cel zostanie osiągnięty, należy przejść do zmiany struktury osobowości pacjenta.

Według Shneidmana terapia samobójców to działanie „*w dymie, gorącu i chaosie codziennego życia, gdzie czasami zostajemy ranni, mamy wątpliwości dotyczące tego, co jesteśmy w stanie zrobić, nie mówiąc już o tym, co w danej sytuacji byłoby najlepsze. Trzeba nam przypominać, że praca mająca na celu zapobieganie samobójstwom jest ryzykowna i niebezpieczna, są w niej ofiary i trzeba się z nimi liczyć*” (Shneidman, 1993b, s.157).

Orbach wymienia sześć faz terapii (Orbach, 2001, s.171):

1. Wstępny kontakt terapeutyczny- faza ta wymaga uświadomienia sobie i przepracowania przez psychoterapeutę jego własnych skłonności samobójczych, lęku przed śmiercią, poczuciem bezradności i beznadziejności, aby mógł on poradzić sobie z ogromnym bólem psychicznym pacjenta, który pragnie własnej śmierci. Terapeuta powinien w tej fazie pokazać pacjentowi, że inni ludzie mogą zrozumieć jego cierpienie. Empatia, wyrażane zrozumienie i podkreślenie, że inni ludzie też doświadczają takich uczuć, pozwalają na odzyskanie poczucia kontroli i nadziei. Celem w tej fazie jest także redukcja poziomu lęku u samobójczej osoby.

2. Pogłębienie kontaktu między terapeutą a klientem- nawiązanie i pogłębienie osobistego związku, empatyczne zrozumienie pragnienia śmierci odczuwanego przez pacjenta i ambiwalencji, wyrażanej w jednoczesnym pragnieniu śmierci i pragnieniu życia. W tej fazie terapeuta może poprosić potencjalnego samobójcę, aby „przekonał” go, że nie ma już żadnego innego wyjścia z danej sytuacji. Pozwala to na szczerą rozmowę i daje pacjentowi poczucie bycia wysłuchanym i zrozumianym.
3. Przepracowanie bólu psychicznego- poznawanie i zrozumienie przez pacjenta cierpienia i bólu psychicznego, jaki odczuwa i dotarcie do jego istoty. W tej fazie pacjent ma okazję uświadomić sobie, jakie są źródła jego cierpienia, na czym polega owo cierpienie, jak się objawia, zmienia i jakie są sposoby jego redukcji. Dzięki temu pacjent może przekonać się, że może w jakimś zakresie kontrolować swój ból psychiczny. Terapeuta przeprowadza konfrontację pacjenta z jego własnym cierpieniem, z rzeczami, które budzą w nim ogromny lęk i ból (np. z własnymi przekonaniami dotyczącymi siebie: „jestem nikim”). W wyniku tej konfrontacji pacjent ma okazję do dokonania zmian w reprezentacji własnego „ja” i w obrazie świata.
4. Przepracowanie tendencji autodestrukcyjnych osoby samobójczej- odnalezienie źródeł pragnienia śmierci, które najczęściej tkwią w dzieciństwie. Ogromną rolę odgrywa rekonstrukcja historii życia pacjenta i wzbudzenie w nim autorefleksji. W tej fazie pacjent uczy się formułować swoje tendencje samobójcze w kategoriach doświadczonej straty i zastanawia się w jaki sposób życie z tą stratą, czyli bez utraconej rzeczy jest możliwe. Ważnym elementem tej fazy jest również analiza fantazji i wyobrażeń związanym z samobójstwem. Jeśli spostrzeganie własnej śmierci staje się dla pacjenta atrakcyjne i kojarzy się mu z zaspokojeniem jego potrzeb, taki stan wzmacnia tendencje samobójcze. Fantazje samobójcze obniżają lęk jednostki przed własną śmiercią, który chroni ją przed działaniami autodestrukcyjnymi. Ich analiza może ten lęk zwiększyć, a zatem zmniejszyć prawdopodobieństwo zamachu.
5. Przemiana świata wewnętrznego osoby samobójczej- zmiana sposobu funkcjonowania psychicznego pacjenta, od zawężenia, pustki i braku sensu do konstruktywnych sposobów ujmowania siebie i całego świata. Owa zmiana jest możliwa dzięki poradzeniu sobie ze stratą i zwiększeniu autorefleksji, redukującej skłonności do impulsywnych działań. Orbach podkreśla, że samobójców cechuje wysoka impulsywność: *„ich jedyną obroną przed jakimkolwiek rodzajem cierpienia psychicznego jest ucieczka w działanie oraz podejmowanie prób zabicia bólu i jednocześnie siebie”*. Terapeuta powinien więc *„pomóc pacjentowi w stworzeniu przestrzeni wewnętrznej między czynnikiem wyzwajającym i działaniem oraz rozpoznanie procesu psychicznego”* (Orbach, 2001, s.181). Kolejnym elementem tego etapu jest znalezienie i uświadomienie sobie korzyści tkwiących w doświadczanym cierpieniu np. lepsze zrozumienie siebie.
6. Zakończenie terapii- przygotowanie jednostki do radzenia sobie z problemami, trudnościami i kryzysami w przyszłym życiu, po zakończeniu psychoter-

pii. Na tym etapie pacjent projektuje scenariusze radzenia sobie z problemami, jakie czekają go w przyszłości.

PRZEGLĄD BADAŃ NA TEMAT SKUTECZNOŚCI RÓŻNYCH RODZAJÓW TERAPII SAMOBÓJCÓW

Według Israela Orbacha nie wszystkie spośród wymienionych powyżej zasad terapii mogą zostać wykorzystane wobec wszystkich osób samobójczych i w każdej sytuacji terapeutycznej. Każdy pacjent jest indywidualny i znajduje się w unikatowej sytuacji, zatem każda psychoterapia potrzebuje unikatowej formuły. Niektóre zasady przynoszą korzyści w pracy z niektórymi osobami, a z innymi nie (Orbach, 2001, s.183).

Z zagadnieniem samobójstwa często wiążą się różne zaburzenia i choroby psychiczne. Obecnie mamy niewiele danych na temat skuteczności różnych rodzajów leczenia zaburzeń psychicznych mogących prowadzić do samobójstwa. Badania pokazują, że leczenie litem zmniejsza częstotliwość zamachów na życie osób cierpiących na dwubiegunowe zaburzenia (Baldessarini, Jamison, 1999, s.117-122), a kłozapina redukuje myśli i próby samobójcze u schizofreników i osób z zaburzeniami schizoafektywnymi (Meltzer, Okayli, 1995, s.183-190). Z zagadnieniem samobójstwa jednak najczęściej łączy się zaburzenia depresyjne, zaburzenia nastroju, dlatego badacze postulują, iż leczenie depresji powinno przyczynić się do redukcji liczby samobójstw. Tymczasem badania pokazują, że leki antydepresyjne nie zmniejszają ilości myśli, prób samobójczych i dokonanych samobójstw. Natomiast dialektyczna terapia behawioralna znacznie redukuje ilość prób samobójczych i celowych samouszkodzeń, jest znacznie skuteczniejsza w porównaniu ze zwykłym i środowiskowym leczeniem. Nie jest jednak bardziej skuteczna w zmniejszaniu depresji. Jest to jedyny najskuteczniejszy rodzaj terapii samobójców. Dialektyczna terapia behawioralna została pierwotnie opracowana z myślą o osobach cierpiących na chroniczne tendencje samobójcze, u których występują nieustanne i nasilone myśli autodestrukcyjne, którzy często mówią o odebraniu sobie życia, grożą, że popełnią samobójstwo, nie widzą powodów, dla których warto jest żyć, wielokrotnie próbują popełnić samobójstwo i dokonują samouszkodzeń. Ten rodzaj terapii stosowany jest także do leczenia osób z zaburzeniami osobowości z pogranicza, ponieważ cechy osobowości borderline i zachowań autodestrukcyjnych w dużym stopniu są podobne. Stosując ten rodzaj terapii dla nastolatków należy pamiętać o modyfikacji i dostosowaniu jej do uwarunkowań rozwojowych tej grupy wiekowej. Dialektyczna terapia behawioralna pomaga w regulacji emocji i kontrolę zachowania, czyli w problemach typowych dla samobójczej młodzieży (Miller, Rathus, Linehan, 2011, s. 39-46). Wśród specjalistów panują podzielone opinie odnośnie tego, czy leki antydepresyjne powinny być uznawane za podstawową interwencję u samobójczych nastolatków (Miller, Rathus, Linehan, 2011).

Badania pokazują, że nie jest prawdą, iż hospitalizacja całodobowa jest korzystniejszą metodą terapii niż pomoc ambulatoryjna (Huey, Hengeller, Rowland, Halliday-Boykins, Cunningham, Pickrel, 2004, s. 183-190). Dla osób przejawiających wysokie ryzyko zachowań autodestrukcyjnych terapia w formie ambulatoryjnej

może przynieść korzyści. „Jeżeli chodzi o całodobowe programy leczenia, nie stwierdzono różnicy między leczeniem behawioralnym a nastawionym na wgląd, ani między terapią poznawczą, terapią rozwiązywania problemów czy leczeniem podtrzymującym” (Miller, Rathus, Linehan, 2011, s. 40).

Zgodnie z wynikami trzech z czterech prac, kontakt osobisty jest efektywny w redukcji liczby powracających samouszkodzeń (Miller, Rathus, Linehan, 2011, s. 40). Kontakt telefoniczny nie przynosi oczekiwanych korzyści, bez względu na to, czy mamy do czynienia z rozmową „zapoznawczą”, czy z przekonywaniem potencjalnego samobójcy by skorzystał z opieki medycznej, lub nie rezygnował z leczenia (Cedereke, Monti, Öjehagen, 2002, s. 82-91).

Analizując terapię poznawczo-behawioralną badacze w wyniku licznych badań doszli do wniosku, że krótkie interwencje są znacznie bardziej efektywne niż zwykłe leczenie samouszkodzeń (Miller, Rathus, Linehan, 2011).

Od zwykłego leczenia skuteczniejsze są: cztery sesje terapii interpersonalnej, rozwojowa terapia grupowa oparta na poznawczo-behawioralnej terapii, dialektycznej terapii behawioralnej i na terapiach psychodynamicznych (Wood, Trainor, Rothwell, Moore, Harrington, 2001, s. 1246-1253). Nie stwierdzono natomiast większej skuteczności 18 sesji psychoterapii, 4 domowych sesji rodzinnej terapii nastolatków i terapii długoterminowej z częstotliwością 1 sesji na miesiąc przez okres roku (Miller, Rathus, Linehan, 2011).

Z przeglądu badań wynika, że nieprawdą jest, że samobójców można leczyć w sposób pośredni, skupiając się głównie na powiązanych z nimi zaburzeniach, np. na depresji mogącej prowadzić do zamachu na swoje życie. Leczenie zachowań autodestrukcyjnych i samouszkodzeń powinno przyjmować formę bezpośrednią, ale musi brać też pod uwagę stopień i nasilenie zaburzeń współwystępujących, np. zaburzeń osobowości (Miller, Rathus, Linehan, 2011).

W związku z rosnącą ilością samobójstw w Polsce i zwiększającą się potrzebą przychodzenia z pomocą takim osobom, warto jest poznać dogłębnie profile osobowości, poczucie własnej wartości i poczucie bezpieczeństwa osób cierpiących i chcących odebrać sobie życie. Pozwoli to na przybliżenie sposobu ich funkcjonowania i przyczyni się do zwiększenia poziomu rozumienia jednostek przejawiających tendencje samobójcze.

PODSUMOWANIE

Pomimo dokonanie nie małych symplifikacji, daje się zauważyć, iż prezentowane treści pokazują, jakie są przyczyny zachowań suicydalnych wśród młodych ludzi, jakie błędy wychowawcze mogą przyczyniać się do powstawania myśli samobójczych, jakie relacje mają jednostki zagrożone samobójstwem z osobami bliskimi ze swojego otoczenia oraz jak wygląda profilaktyka i terapia osób przejawiających skłonności autodestrukcyjne. Ludzie z różnych powodów decydują się targnąć na własne życie. Znajomość profili osobowości osób zagrożonych samobójstwem

może przyczynić się do podejmowania skutecznych form interwencji i psychoterapii.

BIBLIOGRAFIA

1. Anthony T. M., (1994), *Dlaczego? Samobójstwo i inne zagrożenia wieku dorastania*, Warszawa.
2. Baldessarini, R. J., Jamison K. R., (1999), *Effects of medical interventions of suicidal behavior*, *Journal of Clinical Psychiatry*, nr 60 (Suppl.2), s.117-122.
3. Czabarański A., (1999), *Pakty samobójcze wśród młodzieży*, [w:] Machel H., Wszeborski K., „Psychospołeczne uwarunkowania zjawisk dewiacyjnych wśród młodzieży w okresie transformacji ustrojowej w Polsce”, Gdańsk.
4. Czabarański A., (2006), *Samobójstwo- ucieczka ze społeczeństwa*, *Zeszyty Karmeli-tańskie*, nr 2, s. 55-59.
5. Dunn J., (1992), *Siblings and development*, *Current Directions in Psychological Science*, nr 1, s.6-9.
6. Dunn J., Plomin R., (1990), „Separate lives: Why siblings are so different”, New York: Basic Books.
7. Dymek-Balcerek K., (1999), *Patologia społeczna wśród dzieci i młodzieży- rzeczywistość lat dziewięćdziesiątych*, Radom.
8. Fenigstein A., Scheier M.F., Buss A.H., (1975), *Public and private self-consciousness: Assessment and theory*, *Journal of Consulting, Clinical Psychology*, nr 43, s. 522-527.
9. Florczak J., (1990), *Bezdomni w Polsce. Działalność Towarzystw Pomocy im. A. Chmielowskiego*, [w:] Kwaśniewski J., Sobiech R., Zamecka J., *Zaradność społeczna*, Wrocław.
10. Fox N.A., Henderson H.A., Marshall P.J., Nichols K.E., Ghera M.A., (2005), *Behavioral Inhibition: Linking Biology and Behavior within a Developmental Framework*, *Annual Review of Psychology*, nr 56, s. 235-262.
11. Fraley R.C., Roberts B.W., (2005), *Patterns of Continuity: A Dynamic Model for Conceptualizing the Stability of Individual Differences in Psychological Constructs across the Life Course*, *Psychological Review*, nr 112, s. 60-74.
12. Hołyst B., (2002), *Suycydogia*, Wydawnictwo Prawnicze LexisNexis, Warszawa.
13. Kocur J., (1984), *Czynniki zagrożenia samobójstwem*, *Wiadomości Lekarskie*, nr 15, s.1195-1198.
14. Low B. P., Andrews S. F., (1990), *Adolescent suicide*, *Medical Clinics of North America*, nr 74, s. 1251-1264.
15. Maslow A.H., (1990), *Motywacja i osobowość*, Warszawa.
16. McCrae R. R., Costa P. T. Jr., (1997), *Personality Trait Structure as a Human Universal*, *American Psychologist*, nr 52, s. 509-516.
17. Meltzer H. Y., Okayli G., (1995), *Reduction of suicidality during clozapine treatment of neuroleptic-resistant schizophrenia: Impact on risk-benefit assessment*, *American Journal of Psychiatry*, nr 152(2), s.183-190.
18. Milewska E., (1996), *Środowisko szkolne a zaburzenia zachowania u dzieci* [w:] Ostrowska K., Tatarowicz J., *Zanim w szkole będzie źle- Profilaktyka zagrożeń*, Warszawa.
19. Miller A.L., Rathus J.H., Linehan M.M., (2011), *Dialektyczna terapia behawioralna nastolatków z tendencjami samobójczymi*, Wydawnictwo Uniwersytetu Jagiellońskiego, Kraków.
20. Miller T.R., (1991), *Personality: A Clinician's Experience*, *Journal of Personality Assessment*, nr 57, s. 415-433.

21. Mishara B.L., (1995), *The impact of suicide*, New York: Springer Publishing Company.
22. Namysłowska I., (1995), *Samobójstwa wśród młodzieży*, Medipress: *Psychiatria-Neurologia*, nr 3, s. 2-6.
23. Nasby W., (1985), *Private self-consciousness articulation of the self-schema, and recognition memory of trait adjectives*, *Journal of Personality and Social Psychology*, nr 49, s.704-709.
24. O'Connor R., Sheehy N., (2002), *Zrozumieć samobójcę*, Gdańskie Wydawnictwo Psychologiczne, Gdańsk.
25. Pilecka B., (1995), *Wybrane problemy samobójstw młodzieży*, Pracownia Wydawnicza Fundacji Masz Szansę, Lublin.
26. Ross P., (1985), *Teaching children the facts of life and death. Suicide prevention in the schools*, [w:] Peck M. L., *Youth Suicide*, New York.
27. Shneidman E. S., (1964), *Suicide, Steep, and Heath. Some possible interrelations among cessation, interruption, and continuation phenomena*, *Journal of Consulting Psychology*, nr. 28, 2, s. 95-105.
28. Shneidman E.S., (1993b), *Suicide as psychache*", Northvale: Jason Aronson.
29. Shneidman E.S., (1996), *The suicidal mind*, Oxford: Oxford University Press.



Paweł Andrzej Nowocien

Lodz University of Technology, Poland

E-mail: pnowocien1@wp.pl

Economic development versus social life

Abstract

Nowadays, no one could question the fact that in the post-communist countries the laws of economics work in the same way as in the countries in which the communist system has never prevailed. Yet the long-term results of a strategy implemented in the 1990s for the economic transformation, for social life have become visible just now which means that a formulation of a diagnosis encompassing the entirety of the results of "the shock" transformation for the individual aspects of social life is possible only now. From this point of view, we are still living in the period which one can recognise for the great economic experiment.

Key words: economics, management, entrepreneurship, development.

If we want to answer a question what benefits we can get from understanding of complex relationships connecting economic development with other aspects of social life, we should realise that economic development is something more than long-term process of wealth growth. Since not only getting rich by societies is an effect of development, but also a series of technological changes leading gradually to transformations of some spheres of social life such as transport, communication or trade in goods. Technological progress is associated, in turn, with economic development because one of elements and at the same time conditions of economic development is also innovativeness¹ by which it is necessary to understand a tendency to replace foregoing existing, but still effective, methods of production by more modern methods what, in consequence, leads to the competitive advantage of enterprises and profit growth. In different words, economic growth is inseparably associated with a technical progress as a result of innovativeness, and that technical progress impinges on all spheres of social and individual life, leading gradually to the transformation of the whole of society. In connection with the wealth growth of individuals and thus the level of satisfaction of the various

¹ Zgodnie z definicją Oslo, przedsiębiorstwo jest innowacyjne wówczas, gdy w ciągu ostatnich trzech lat wprowadziło na rynek co najmniej jedną ważną innowację. Por. *Podręcznik Oslo. Zasady gromadzenia i interpretacji danych dotyczących innowacji*, Warszawa 2008, s. 49.

types of needs, the technological development leads to deep transformations of all spheres of social life. As a result of the growth the societies have become more and more well-off what lets individuals keep relative independence from different individuals and a society as a whole, on the other hand, they undergo principal structural transformations. Both of these phenomena impinge secondarily, as a matter of fact, on the economic growth process itself.

It is worth turning our attention that wanting to qualify precisely the relationship between economic development and social changes, it is necessary to have a precise definition of development. In general, the level of economic development of individual countries is defined in a quantitative manner by means of an index called gross domestic product. This index has, however, many disadvantages, and those disadvantages, what is characteristic, result from changes happening in the present world, indeed, under the influence of the economic development (the information technology revolution, changes in management at the micro level, globalisation and connected with it a difficulty in subordinating GDP to individual countries). Meanwhile the economic growth entails lots of phenomena which cannot be measured in a quantitative manner, and which, undoubtedly, constitute a constant element of that growth.² Therefore, also appear proposals to add to the profile of the economic growth such categories as the wealth distribution or pollution of the natural environment, and even a general level of life satisfaction.³

Nevertheless, irrespective of how we characterise economic development, undoubtedly, the relationships between economic life and remaining aspects of social life are unusually complex. Their exact cognition is an aim of several scientific disciplines including, first of all, social sciences. Relationships between economic development and the social surroundings of enterprises make up, as a matter of fact, the object of interest of economics. Understanding of mutual relationships between social life and economic development from the point of view of the influence of social environment on the activities of individual enterprises and the economies of individual countries is essential for this science because here we are always supposed to deal with a kind of feedback: some social phenomena affect the activities of enterprises (positively or negatively), whereas the economic development, in turn, secondarily affects those phenomena. Cognition of social phenomena having an impact on the economic life allows to adjust the action strategies of enterprises, on the one hand, to social surroundings and minimise possible conflicts, on the other hand, affect social consciousness in such a way that it would not make up a hampering factor for economic development. Knowledge about these kinds of dependencies also has an essential practical significance because it makes possible the adjustment of enterprises' activities to social conditions both at the level of individual enterprises and at the institutional one.

The studies of relationships between economic development and social transformations is one of the aims of sociology. Within sociology came into being a sepa-

2 J. M. van der Bergh, *Abolishing GDP*, „TI Discussion Papers”, No. 07-019/3, 2007, s. 12 i nast.

3 J. Boyd, *The No market Benefits of Nature. What Should Be Counted in Green GDP?*, „Resources for the Future. Discussion Papers”, No. 06-24, 2006, s. 5 i nast.

rate sub-discipline studying sociological aspects of economic development called sociology of economy or economic sociology.⁴ Coming into being of economic sociology is associated with questioning a reigning foregoing approach to the treatment of economic issues in a separation of remaining social processes.⁵ The disadvantage of a global approach seems, however, that it does not consider, to a sufficient degree, quick changes which set in the present economy, treating economic processes as they would constitute in a whole the product of one society. However, it is worth noticing here that both economics and sociology study connections of enterprises in their social surroundings in a specific socio-economic situation. Since this situation changes dynamically (and economic development is indeed the prime mover of these changes), therefore earlier arrangements after certain time become useless.

One can also point out a series of different fields which due to their subject may seem to be interested in the issues connected with the economic development. Disciplines even so distant from economics and sociology as religious studies or philosophy are interested in the influence of economic growth (in the sense of getting rich) on definite social phenomena. Classic M. Weber's work *Protestant Ethics and the spirit of capitalism* is the example of considerations over the relationship between religion and getting rich.⁶ Questions about the ethical aspects of getting rich make up, in turn, the object of interest of ethics of business. The problem of relationships between enterprises and political institutions constitutes the object of interest of political sciences. If we take into consideration the influence of technical innovations on the development of investigative tools, then we enter the issues of philosophy of science. The consumption-based economy (as opposed to the savings-based economy) determines definite changes in the sphere of values accepted in society what constitutes, in turn, the subject of philosophy of culture. We could enumerate still many more these kinds of examples - in essence, it would be difficult to point out a branch of knowledge (except of the sciences) which would not be interested in the problem of the relationships between economic development and the remaining areas of human activity, one way or the other.

However, the reflection over economic development serves, firstly, society itself, because it allows to administer economic processes so that they could bring benefits to the whole of society, but not only for a narrow group of the economic elite. The economy is the common good so that it should serve the whole of society. It can develop independently from the majority of society, serving, first of all, a small group of the capital owners, however, it can increase the wealth of the whole of society. In the latter case, the economic development is accompanied with development of the whole of society. On that occasion, we are supposed to deal with the socio-economic development which can also be measured in a quantitative

4 Por. W. Morawski, *Socjologia ekonomiczna*, Warszawa 2001.

5 S. Partycki, *Spoleczne funkcje rynku*, Lublin 1998, s. 5

6 Jak zauważa autorka wstępu do polskiego przekładu *Etyki* J. Mazińskiego, głównym problemem rozważań Webera jest pytanie, czy człowiek pobożny może być zarazem człowiekiem zamożnym, tzn. czy może, nie tracąc pobożności, podejmować działania, powodowany jedynie chęcią zysku. Por. J. Mizińska, *Wstęp*, w: M. Weber, *Etyka protestancka a duch kapitalizmu*, Lublin 1994, s. VII i nast.

manner. The Human Development Index (HDI) serves it. The comparison of this index with the economic growth index allows to define to what extent the economy of the given country makes up *de facto* the common good, serving the whole of society, and to what extent it develops somewhat despite of the good of society causing a series of negative results and very few positive ones.

As I have mentioned, economic development comprehended as a progressive process of innovations caused by the desire of the profit maximisation (technical, organizational, political, legal ones etc.) affects all symptoms of social life, transforming gradually the whole of society. Marxists turned their attention to this fact at the same time treating economic processes as a main source of injustice in social life. That is why Marxism also sought in considerations relating to development of production and trade in goods a key to understanding and explanation of the most important problems tormenting modern societies, such as poverty, exploitation, colonialism etc. For Marxism the economic development in itself was not a negative phenomenon, they found to be harmful only its influence on social life. What is interesting, wanting to narrow the gaps in negative outcomes of economic development, Marxism did not postulate changes on the pure economic grounds (e.g. through the introduction of the market control), but it demanded the transformations of the social structure in such a way so that society stops to be susceptible to the negative results of this development. Creating a new society, Marxists desired to create also new relationships connecting the production of goods and trade in them with social life.

Despite the utopia of the Marxist project, no one could deny that certain diagnoses relating to the influence of economic development on society formulated by Marx remain, as it seems, righteous until today. One of them is a thesis, according to which it comes to the objectification of labour and relations between people in the capitalist society. The relationship between the product of human work and the work itself is broken off, and as a result of it that product becomes transformed into goods, i.e., into the object of the possible exchange (possessing a certain abstract value which levels it with other objects). "It is only a definite social relation between people themselves –as Karl Marx wrote – here it takes for them the shape of a delusive figure of the relationship between things."⁷ On the other hand, reification of the relations between people, in consequence, leads to atomisation and the final breakdown of society.

Admittedly, an attempt of construction of a new society based on Marxist premises concerning relationship between the economy and society has ended in a defeat. Nonetheless, it does not mean that controlling social transformations encompassing the bases themselves of the social existence based on scientific knowledge about laws ruling the economy and their influence on social life is impossible. The system transformation in the post-communist countries is the example of using this kind of social engineering. The transformation in the economic sphere consisted in the replacement of the centrally controlled economy with the free-market economy with an assumption that society is able to accept the laws of the free

7 K. Marks, *Kapitał*, t. I, Warszawa 1959, s. 83.

market. As the system transformation had no precedent in the history of economics, at the beginning of 1990s one could not foresee neither the final results of the transformation for the state and society nor even this whether the transition from the planned centrally economy to the free-market economy is at all possible.⁸ Therefore, the transformation of the economy had a revolutionary character, for the basic dimensions of the economy had to undergo the principal change, i.e. the predominant form of property, the mechanism of allocation of resources, and the function of money in the economy.⁹ At the same time, an effective reform of the economy, leading to macro-economic stabilisation, has constituted a condition *sine qua non* of all other transformations including especially institutional changes¹⁰ (and subsequently political and cultural ones).¹¹

The model of transformation applied in the countries of Central and Eastern Europe was based on several assumptions. The most important premise was a thesis in accordance to which the laws of economics work universally, and it will suffice to remove institutional obstacles so that they disclose their workings. Therefore, the reformers' knowledge about

laws ruling the free-market economy was a basic condition for the effectiveness of reforms. The second assumption has claimed that it is impossible to carry out the reforms without a radical rejection of the foregoing non-market mechanisms of the management of the economy. It has meant in practice that one cannot execute the economic transformation with the small steps method. Finally, according to the next assumption, institutions functioning correctly in the conditions of the market economy should turn out equally effective in the economies subjected to the reform.¹²

As it is commonly known, in Poland was applied the model of transformation based indeed on these assumptions. However, these assumptions were not generally accepted, and constituted the object of criticism already in 1990s. First of all, the view according to which the transformation should be carried out sharply was doubtful, as allegedly there is no way to introduce the principles of the free market in the state in which function institutions created for the needs of the centrally planned economy. The followers of this view underline that admittedly the laws of economics are invariable, however, the formation of the free market is the process conditioned historically, therefore, there is no way to foresee all results of the transformation for specific societies. As societies differ between each other, there are also different social initial conditions of the transformation process. Due to it, it is not possible to apply one model of transformation and obtain every time

8 Świadczą o tym m.in. skrajnie odmienne oceny polityki gospodarczej formułowane przez kolejne rządy solidarnościowe na początku okresu transformacji. Por. G. Kołodko, *Gospodarka polskiej gospodarki. Sukces czy porażka?*, Warszawa 1992, s. 14 i nast.

9 Por. W. Wilczyński, *Trudny powrót Polski do gospodarki rynkowej, w: Drogi wyjścia z polskiego kryzysu gospodarczego*, pod red. W. Wilczyńskiego, Warszawa-Poznań 1992, s. 14.

10 L. Csaba, *The Capitalist Revolution in Eastern Europe. A Contribution to the Economic Theory of Systemic Change*, Aldershot 1995, s. 79.

11 Por. M. Ratajczak, *Transformacja ustrojowa w świetle ustaleń i założeń ekonomii instytucjonalnej*, „Ruch Prawniczy, Ekonomiczny i Socjologiczny” 2009, nr 2, s. 237.

12 Por. L. Balcerowicz, *Socjalizm, kapitalizm, transformacja. Szkice z przełomu epok*, Warszawa 1997, 228 i nast.

the same results. Moreover, not only the laws of economics exert the influence on functioning the institution of the free market, but also the culture of the given society and accepted ethical values in it. That is why it is necessary to introduce the system transformation gradually, observing the results of individual reforms for the individual institutions of the economic life and adjusting an action strategy to those results.¹³

Therefore, in the case of the economic transformation in the post-communist countries we have dealt with two divergent views. According to the first of them, the knowledge of laws of economics is a sufficient condition for an effective transformation; according to the latter view, equally important is understanding of relationships connecting the economy and society. From today's perspective, one can estimate the results of the structural transformation for social life in a various way, nevertheless, undoubtedly the basic assumptions have turned out correct. Nowadays, no one could question the fact that in the post-communist countries the laws of economics work in the same way as in the countries in which the communist system has never prevailed. Yet the long-term results of a strategy implemented in the 1990s for the economic transformation, for social life have become visible just now which means that a formulation of a diagnosis encompassing the entirety of the results of "the shock" transformation for the individual aspects of social life is possible only now. From this point of view, we are still living in the period which one can recognise for the great economic experiment.

It seems that knowledge about social aspects of the economic development will play a larger and larger role as a factor stimulating that development in the close future. It will be so because the present economy at a quicker and quicker pace becomes the knowledge based economy. According to the definition of the World Bank, "the knowledge based economy is the one which makes effective use of knowledge for economic and social development, where creation, use and acquisition of knowledge is found to be the main factor of growth and competitiveness in the global economy."¹⁴ On the one hand, it is knowledge about technological processes conditioning the growth of production and trade exchange, but on the other hand, knowledge about the economy itself and the ruling regularities. Because of the increasing significance of knowledge in the present world, those enterprises achieve a success which have developed the skills of continuous learning and adjusting their way of functioning to changing surroundings. In any case, that capability of continuous learning is the condition of not only effective management of a single enterprise, but the condition for the management of the economy at the whole country scale. Understanding of relationships combining economic development and social life will constitute, therefore, not only a tool increasing possibilities of activities for enterprises and economies, but also one of the main factors making changes in the individual spheres of social life.

13 G. Roland, *Transition and Economics. Politics, Markets, and Firms*, London 2000, s. 329.

14 C. Dahlman, *World Bank Knowledge Economy Products and Strategy: Emerging Lesson*, "PREM Learning Week", April 9 2003, Washington DC.



Marlena Stradomska

Uniwersytet Marii Curie-Skłodowskiej w Lublinie
Lublin, Poland

Bagno behawioralne – reduktor
wewnątrz sterowności – generator
zewnątrz sterowności. Adolescent
w ponowoczesnej rzeczywistości /
*Behavioral sink - reducer inside steerability -
generator of external control. Young people in
postmodern reality*

Abstract

This article is to constitute the conclusion on the subject of the concept of behavioral sink and suicidal problems in the present times. For ages, people have occupied certain spaces and operate in their area. As communities, there are some cultural, economic and social systems. Thus they give shape to the spaces occupied - they form countries, regions, cities, villages and districts. All these territorial units, as well as architecture, houses, streets, public buildings and other elements of the landscape - constitute a socially created space. Researchers are trying to explain some issues through approaches in psychology: behavioral, humanistic, functional, cognitive or psychodynamic. Modernity is associated with many challenges of a psychological nature. Too many people in a territory cause many negative phenomena, including suicidal behavior. Due to the various models of interpretation of this phenomenon, the work is only a prelude to further theoretical and practical considerations in the field of behavioral sink.

Key words: psychology, behavioral sink.

WPROWADZENIE

Przejęzyczenie populacji doprowadza bardzo często do wielu negatywnych dla zdrowia i życia populacji skutków. Można wyróżnić w tym przypadku dezorganizację i patologizację życia. Bagno behawioralne jest często podejmowanym tematem przez przedstawicieli psychologii, w szczególności behawiorystów. W niektórych aspektach życie człowieka nieodłącznie związane

jest funkcjonowaniem zwierząt. Bagno behawioralne można interpretować jako wypaczenie zachowań społecznych, które związane są z zagęszczeniem obiektów mieszkalnych, a przestrzeń związana z mieszkaniem czy domem jest istotą socjalizacji (Martin, Joomis, 2007:72-75). Bezpieczne miejsce życia wpływa poprawnie na psychologiczne aspekty funkcjonowania człowieka (Clarke, 2005, s.142-143). Teoria Masłowa, która odwołuje się do społecznego ujęcia współdziałania Eltona Mayo podejmuje tematykę hierarchii potrzeb. Na każdym poziomie piramidy otoczenie i przestrzeń odgrywają kluczową rolę w zaspokajaniu potrzeb. Zaczynając od podstawowych – biologicznych, po potrzeby bezpieczeństwa i afiliacji społecznej na samorealizacji kończąc (Maslow, 1934: 370-396).

Naturalne dla większości społeczeństwa jest to, że w miejskim środowisku można wyróżnić dzielnice, które są bezpieczne i takie, które do nich nie należą. Ważna kwestia w takim przypadku dotyczy zabudowy danego terenu, wyposażenia czy sposobu użytkowania przestrzeni (Wekerle, Whitzman, 1993: 50-127). Wiele kwestii zależy od tego jak zachowują się mieszkańcy w konkretnym środowisku (Jałowiecki, Szczepański, 2006: 314-426). Aspekty te zależą od statusu społeczno-ekonomicznego osób, patologii czy demoralizacji na obszarze (Czarnecki, Siemiński, 2004: 16-21). W dostępnej literaturze można spotkać się z tezą, że zachowania przestępcze mogą pojawiać się w niemalże każdej społeczności. Niezależnie od tego jak spostrzegana jest dana dzielnica czy obszar (Bałandynowicz, 1998: 15). Natomiast inni badacze szczególnie nacisk kładą na użytkowników danej przestrzeni, a nie na samo miejsce (Crouch, Shaftoe, Fleming, 2004: 33). Wówczas odpowiedzialność za poszczególne zachowania jest kładziona na mieszkańców (Szyszko, Rylke, Jeżowski, 2002: 41-57). Błędne jest zatem założenie, że wszyscy mieszkańcy danego miejsca np. w Lublinie dzielnica Tatary, Bronowice czy Stare Miasto to osoby zdolne do popełnienia przestępstwa takiego jak: kradzież. Niestety niektóre zakorzenione w świadomości społecznej legendy towarzyszą mieszkańcom przez wiele lat. Trudno kontrolować niniejszą kwestię, a jeszcze bardziej problematyczna i wymagająca jest zmiana myślenia u przedstawicieli danej grupy. (Jałowiecki, 2010: 19-48). Warto w tym momencie zaznaczyć fakt o przestrzeni społecznej, czyli takiej, która zależy od społeczeństwa, bowiem to ludzkość przekształca przyrodę i jest w stanie wpływać na otoczenie (Grafmayer, Joseph, 1979: 23).

BAGNO BEHAVIORALNE

Pojęcie bagna behawioralnego zostało po raz pierwszy wprowadzone przez Johna Calhoun'a w 1958 roku. Już w 1895 roku Gustave Le Bon pisał o specyfice zachowania ludzi w tłumie. W latach 60. XX wieku John Calhoun, na podstawie badań na szczurach, stworzył znane dziś pojęcie - bagno behawioralne (behavioral sink). Zgodnie z danymi z przeprowadzonych badań oznacza ono, że przyuczone do życia w ciasnocie osobniki nadal tłoczą się razem, mimo tego, że mają miejsce do swobodnego funkcjonowania. W związku z powyższym, w taki sposób tworzone jest wtórne zagęszczenie. Reakcją na trudną sytuację jest hiperaktywność i agresja jednych i pasywność innych – z obserwacji wynika także, że jedne zwierzęta w ostateczności zagryzają drugie. Mimo, że badania przeprowadzone było

na zwierzętach, pewne zależności dotyczące funkcjonowania tychże uczestników zauważono w obszarze społecznym. Reasumując niniejsze pojęcie przejęto do opisu zachowań ludzi w trudnych przestrzennie warunkach. Efektem zatłoczenia jest zmniejszenie, a nawet utrata obszaru prywatności niezbędnego do prawidłowego funkcjonowania człowieka. Jeśli jednostka czuje się w najbliższym otoczeniu niekomfortowo, może powodować to wiele zagrażających życiu i zdrowiu sytuacji. Mimo, że pewne mechanizmy biorące udział w powstawaniu zachowań agresywnych nie ulegają zmianie, obserwuje się stały wzrost poziomu agresji w społeczeństwie (Rogge, 2009, s.10). Przeciętny mieszkaniec miasta jest narażony na coraz wyższy poziom hałasu, większe zatłoczenie na ulicach, w sklepach oraz w ruchu ulicznym (Clarke, 2005, s.142-143).

Pospiszyl wśród najważniejszych wskaźników świadczących o zmieniającej się skali zjawiska agresji wymienia wzrost brutalizacji zachowań, unifikację grupową oraz płciową zachowań agresywnych, obniżenie się wieku przestępców oraz manifestowanie zachowań agresywnych niezależnie od przestrzeni społecznej (Pospiszyl, 2010: 107). Podsumowując te spostrzeżenia można stwierdzić, że zachowania agresywne stają się coraz bardziej brutalne, a sprawcami przestępstw stają się coraz młodsi ludzie.

PSYCHOLOGIA ŚRODOWISKOWA

Psychologia środowiskowa, nauka powstała w połowie XX wieku, bada relacje i zależności między człowiekiem a środowiskiem: materialnym, geograficznym, przestrzennym, architektonicznym, wirtualnym, społecznym, kulturowym, ekologicznym i psychologicznym. Ważny jest tu zatem wpływ fizycznych właściwości środowiska, takich jak: dźwięki, formy przestrzeni na ludzką psychikę i zachowanie, a także praktyczne zastosowanie wiedzy o tym, jak człowiek funkcjonuje w środowisku (Clarke, 2005, s.142-143).

Psychologia środowiskowa stawia też pytanie, czy badaną relację człowiek – środowisko określamy wyłącznie na poziomie jednostki, czy też możliwe są uogólnienia na poziom grupy lub społeczeństwa. Wydaje się prawdopodobne, że kontekst społeczny ma w tym przypadku kluczowe znaczenie i że różnice indywidualne są stosunkowo niewielkie. Ludzie odbierają bodźce płynące ze środowiska, w którym żyją - dzieje się to za sprawą procesu percepcji, dzięki któremu człowiek ma łączność z zewnętrznym światem, przyjmuje i analizuje informacje oraz może poruszać się w przestrzeni.

Przestrzeń jest także społeczna, ponieważ charakteryzują ją ludzkie działania problemem staje się w dzisiejszych czasach próba przyporządkowania poszczególnych przestrzeni danej grupie użytkowników, ze względu na stale rozrastającą się przestrzeń publiczną (Moles, Rohmer, 1973:32) Przestrzeń ta ze względu na swe duże rozmiary i zamieszkiwanie przez różne podgrupy, w większej mierze jest narażona na ataki agresji ukierunkowanej w samą przestrzeń, ponieważ grupy te nierzadko cechuje wiele różnic chociażby kulturowych, które są powodem konfliktów intergrupowych. Nieumiejętność radzenia sobie z konfliktami prowadzi

do wykorzystywania najprostszych środków, między innymi zachowań agresywnych i aktów wandalizmu (Chmielewski, 2001, 13-24).

Przegęszczanie populacyjne na małych przestrzeniach może doprowadzić do:

- deformacji stosunków społecznych,
- zaburzeń relacji międzyludzkich,
- trudności w systemach rodzinnych,
- negatywnego wpływu na psychikę i zachowania jednostki,
- zachowania nieakceptowalne społecznie,
- nieuzasadnioną agresję,
- zachowania ryzykowne,
- akty wandalizmu i inne (Kalinowski, Niewiadomska, 2010, s. 15-35)

Problemem obszarów przegęszczonych, a więc m.in. osiedli wielkopłytowych, czy też starych zaniedbanych dzielnic wielkomiejskich staje się często uzależnienie od alkoholu i innych substancji psychoaktywnych, brak celów życiowych młodzieży, zaniedbania edukacyjne i zdrowotne, narastająca frustracja. Zgodnie z przyjętymi założeniami można definiować je jako działania niosące ryzyko negatywnych konsekwencji zarówno dla zdrowia fizycznego i psychicznego, jak i otoczenia społecznego. Reasumując, wyróżnić można palenie tytoniu, używanie alkoholu i innych środków psychoaktywnych (narkotyków, lotnych rozpuszczalników, leków), wczesną aktywność seksualną, zachowania agresywne i przestępcze (Kazdin, 1996: 377-408).

Wykres 1. Wybrane konsekwencje związane z przegęszczaniem populacji.



Źródło: Opracowanie własne na podstawie Kazdin, 1996 s. 377-408

KRYTERIA POZYTYWNEJ ADAPTACJI

Zgodnie ze słownikiem języka polskiego PWN habitat to «środowisko, w którym osobniki danego gatunku znajdują najdogodniejsze warunki do życia». Habitat znajduje się w stanie dynamicznej równowagi między człowiekiem a środowiskiem, między aktywnością mieszkańców a oprawą przestrzenną ich życia. Trwałe zakłócenie tej równowagi, wynikające z braku możliwości adaptacji człowieka do zmieniającego się środowiska lub adaptacji środowiska do zmieniających się zachowań przestrzennych człowieka, może mieć dramatyczny wpływ zarówno na stan habitatu, jak i na życie jego mieszkańców. Objawami negatywnych zjawisk zachodzących w relacji człowiek - habitat są rozszerzające się obszary degradacji przestrzennej miast i metropolii oraz pojawianie się patologii społecznych, a także powstawanie bagna behawioralnego w środowisku mieszkaniowym (Martin, Jomomis, 2007:72-75).

W literaturze przedmiotu możemy wyróżnić różne definicje związane z przystosowaniem (adaptacją). Poniżej przedstawiono kryteria wyodrębnione w różnych dziedzinach nauki (Pytka, 2002, s.96)

Rodzaj kryterium:	Treść kryterium:
Biologiczne/ekologiczne:	Dążenie do zachowania egzystencji jednostkowej, przetrwania w środowisku naturalnym czy społeczno-kulturowym.
Medyczne/psychiatryczne:	Stan zdrowia psychicznego i fizycznego zgodny z normami medycznymi (brak zaburzeń funkcjonalnych).
Psychologiczne:	Optymalne sposoby redukcji napięć wewnętrznych, utrzymywanie homeostazy psychicznej (subiektywne poczucie dobrego przystosowania i zadowolenia).
Socjologiczne:	Motywacja zachowań i postępowanie zgodnie z powszechnie akceptowanymi normami.
Pedagogiczne:	Dążenie do samourzeczywistnienia, autonomii, samowychowania i rozwoju.
Interakcyjne:	Aktywne reagowanie na bodźce pochodzące z otoczenia fizycznego i społecznego; umiejętność przeciwstawiania się presji niekorzystnych czynników biopsychicznych, środowiskowych i sytuacyjnych.

Źródło: Kalinowski M., Niewiadomska I., 2010, Skazani na wykluczenie!? s. 15-16

Przedstawiona wyżej tabela, w skrócie ukazuje wielowymiarowość i różność w interpretacjach określonych dziedzin naukowych. Warto zaznaczyć, że jest to wymiana pomiędzy organizmem a otoczeniem. Można interpretować to przede wszystkim jako proces asymilacji i akomodacji. W niniejszym artykule uwaga skupiona zostanie na psychologicznych kryteriach adaptacji (Kalinowski, Niewiadomska, 2010: 15-16). Otóż przystosowanie człowieka jest związane w dużej mierze z funkcjonowaniem jego osobowości, która jest nieodłącznie związana z elementami biologicznymi, psychicznymi czy społecznymi (Bonta 2002, s. 363-364). Kolejny aspekt to umiejętność przystosowania - zatem zależy od kwestii interpersonalnych i możliwości odnalezienia się w konkretnych warunkach (Błachut, Gaberle, Krajewski, 2001, s. 478-479).

Wśród czynników wpływających na zachowania ryzykowne, obok wieku, płci, określonych cech osobowości i temperamentu, poczucia umiejscowienia kontroli - coraz większą wagę przywiązuje się właśnie do kulturowo i społecznie uwarunkowanych postaw wobec ryzyka (Stawiarska-Lietzau, 2006: 171-192). Według wielu badaczy ryzyko jest zjawiskiem wynikającym z chęci odczucia ekscytacji, która stanowi rodzaj zysku i wzmocnienia pozytywnego, którego część osób podejmujących je chce uzyskać efekt natychmiast (Goszczyńska, Studenski, 2006: 9-16). Wymienione wyżej zachowania z jednej strony ukazują wpływ otoczenia na zachowania ryzykowne, z drugiej strony określają powstający mechanizm jako formę prostej nagrody (Poyner, 1983:6). Nieumiejętne projektowanie może sprawić, że zagospodarowanie jednego fragmentu z większego terenu przestrzeni publicznej przy zupełnym pominięciu reszty doprowadzi do postrzegania go, jako swoistego getta oraz da wyraźnie odczuć brak zainteresowania resztą terenu. Ważne jest wyważenie tych proporcji i nie dopuszczanie do sytuacji, gdy jedna z grup społecznych zostanie pominięta (Halbwachs, 1970: 132)

Powszechnie wiadomy jest fakt, iż na terenach o zagęszczonej populacji możliwość zachowania dystansów oraz układu różnych barier, czytelność i klarowność przestrzeni wpływają pozytywnie na funkcjonowanie społeczności na małym obszarze (Czarnecki, Siemiński, 2004: 16-21, 25-73, 97-138, 170-210). W związku z powyższym powinno się niniejsze wiadomości brać pod uwagę przy tworzeniu przestrzeni miejskiej (Czarnecki, Siemiński, 2004: 25-73). Między człowiekiem a środowiskiem dokonuje się stała wymiana „te dynamiczne reakcje akomodacja-asymilacja między podmiotem a środowiskiem są nieodłączną częścią złożonego układu organizacji społecznej, a szczególnie reguł określających zróżnicowanie ról w ich związku z podziałem pracy społecznej (...)” na danym obszarze (Imbert, 1978: 11). Przy większych niezagospodarowanych obszarach ludzie tracą swoistego rodzaju przynależność do danego miejsca, a także trudniej im tworzyć więzi jako społecznościom. Innym aspektem jest również fakt, że przyczynia się to do łatwiejszego tworzenia się subkultur na danym terenie, szczególnie wśród grup młodzieży (Wekerle, Whitzman, 1993: 50-127). Badacze uważają, że małe dobrze zagospodarowane przestrzenie nie będą pełniły swoich funkcji należycie, jeśli nie będą miały wyznaczonych granic oraz odpowiedzialnego za ich utrzymanie gospodarza. (Chmielewski, 2001, 13-24)

ŁAD SPOŁECZNY A ŚRODOWISKO

Ład psycho-społeczny oparty jest na sieci stosunków społecznych i wyraża się najlepiej w więziach sąsiedzkich lub ich braku, we wzajemnym do siebie nastawieniu ze strony znanych, najbliższych i dalszych sąsiadów, w poziomie zażyłości i identyfikacji z miejscem i przestrzenią osiedla czy zespołu mieszkaniowego, w ocenie stanu bezpieczeństwa w zajmowanym osiedlu, zespole czy kwartale. (Martin, Joomis, 2007:72-75). Ład ten ujmować można przy pomocy następujących par opozycji:

Tabela 1. Ład psycho-społeczny zestawienie wymiarów.

Ład psycho-społeczny	
Wymiar pozytywny	Wymiar negatywny
poczucie bycia u siebie (w mieście, w osiedlu)	poczucie zagubienia i obcości (w mieście, w osiedlu)
dobre stosunki sąsiedzkie (w mieście, w osiedlu)	złe stosunki sąsiedzkie lub ich brak (w mieście, w osiedlu)
dobra dzielnica (w mieście, w osiedlu)	zła dzielnica (w mieście, w osiedlu),
bezpieczna dzielnica (w mieście, w osiedlu)	niebezpieczna dzielnica (w mieście, w osiedlu),
spokojna dzielnica (w mieście, w osiedlu)	hałaśliwa dzielnica (w mieście, w osiedlu).

Źródło: Kalinowski M., Niewiadomska I., 2010, Skazani na wykluczenie!? s. 15-16

Sytuacja psychologiczna mieszkańców wielkich ośrodków miejskich, charakteryzujących się bardzo wysoką gęstością zaludnienia, jest na całym świecie podobna, nie jest to element spotykany tylko i wyłącznie w naszym społeczeństwie. Sugeruję raczej, że to społeczeństwo polskie rozwija się zgodnie z obowiązującymi w świecie zachodnioeuropejskim i amerykańskim trendami.

Z kolei w odniesieniu do domu i mieszkania korzystać można z następujących par opozycji, które różnicują czy jednostka czuje się w danym środowisku dobrze czy nie jest w stanie się przystosować.

Tabela 2. Miejsce zamieszkania jednostki a postrzeganie miejsca.

Miejsce zamieszkania jednostki	
poczucie bycia u siebie	poczucie zagubienia
poczucie bezpieczeństwa prywatnego	poczucie zagrożenia (zagrożenia zewnętrzne, przemoc domowa)
poczucie <i>dobrego sąsiedztwa</i> w najbliższym otoczeniu	poczucie <i>złego sąsiedztwa</i>

Źródło: Kalinowski M., Niewiadomska I., 2010, Skazani na wykluczenie!? s. 15-16

Studia nad społeczną funkcją mieszkania i domu uwzględniać winny - oprócz zjawisk kreatywnych, formowania postaw prorodzinnych i prospołecznych - także przejawy domowej patologii, zwłaszcza zaś przejawy przemocy fizycznej i psychicznej w rodzinie, czyli tak zwanej przemocy domowej.

PODSUMOWANIE

Szybsze tempo życia oraz dokonujące się aktualnie przemiany w sferze społeczno-kulturowej i obyczajowości powodują, że ludzie coraz częściej nie radzą sobie z trudnościami, które z tego wynikają.

Postępująca degradacja środowiska naturalnego i pogarszające się warunki życia w miastach sprawiły, że problemem postrzegania i odbioru przestrzeni zainteresowała się zarówno socjologia jak i psychologia (Jałowiecki, Szczepański, 2006: 314-426). Próbując wyjaśnić narastające frustracje społeczne oraz wszelkiego ro-

dzaju objawy nerwicowe zaczęto baczniej obserwować relacje ludzkie w kontekście przestrzeni. Niezwykle często powodem stresu może być strach przed utratą orientacji przestrzennej. Jest to powodowane zbyt dużą otwartością przestrzeni, która jest sprzeczna z wyobrażeniem schronienia w psychice ludzkiej.

Nawiązując do eksperymentu Calhoun'a zwierzęta tak proste jak mysz, najbardziej złożone zachowania obejmują powiązane ze sobą elementy zalotów, matczynej opieki, obrony terytorialnej, oraz hierarchicznej wewnątrz- i międzygrupowej organizacji społecznej. Gdy zachowania związane z tymi rolami nie są wykształcane, nie ma możliwości do rozwoju organizacji społecznej. Wykazały powyższe badania, wszyscy członkowie populacji zestarzeją się i ostatecznie umrą., gatunek wymrze. Dla zwierzęcia tak złożonego jak człowiek, nie ma logicznego powodu, dla którego porównywalna sekwencja zdarzeń również nie miałaby doprowadzić do wymarcia gatunku. Jeśli możliwości odegrania roli w dużym stopniu nie sprostają zapotrzebowaniu tych, w których są pokładane nadzieje, i którzy są w stanie je odegrać, to skutkiem będzie jedynie przemoc i zakłócenia w organizacji społecznej. Jednostki urodzone w takich warunkach będą tak bardzo oderwane od rzeczywistości, że nie będą w stanie być nawet wyobcowane. Ich najbardziej złożone zachowania staną się fragmentaryczne. Nabywanie, tworzenie i wykorzystywanie pomysłów, potrzebnych do życia w postindustrialnym, kulturalno-konceptyjno-technologicznym społeczeństwie, zostanie zablokowane. Biologiczna rozrodczość myszy zawiera najbardziej złożone zachowania charakterystyczne dla tego gatunku, podobnie rzecz ma się z zachowaniami prowadzącymi do rozrodu u ludzi. Utrata tych szczególnych, złożonych zachowań oznacza śmierć gatunku. Nawiązując do Hillier'a podkreśla również, że „czynniki przestrzenne samodzielnie nie zwiększają, ani nie zmniejszają bezpieczeństwa: one wchodzą ze sobą w interakcje” (Hillier, 2002: 5).

W nawiązaniu do badaczy ważną rzeczą jest uświadomienie sobie faktu, iż mamy bezpośrednio wpływ na poprawę bezpieczeństwa naszego oraz naszych bliskich. Bierna postawa jak najbardziej sprzyja szerzeniu się coraz to większych patologii i sprawia, że kontakt społecznościowy wciąż się zaciera. Warto zauważyć, że gdy każdy z nas wykona mały krok dla poparcia pewnych inicjatyw, może się to bezpośrednio przełożyć na zmianę.

BIBLIOGRAFIA:

1. Bałandynowicz A., Zapobieganie przestępczości: studium prawno – porównawcze z zakresu polityki kryminalnej. Premium, Warszawa, 1998, 15
2. Bonta J. (2002). Offender Risk Assessment. Guidelines for Selection and Use. *Criminal Justice and Behavior* nr 4, s.355-379.
3. Błachut., Gaberle A., Krajweski K. (2001). Kryminologia. Gdańsk: Arche.
4. Calhoun J.B., Population Density and Social Pathology, *Calif Med.* 1970; 113(5): 54
5. Chmielewski J. M., Teoria urbanistyki w projektowaniu i planowaniu miast. Oficyna wydawnicza Politechniki Wrocławskiej, Wrocław, 2001, 13-24, 25-50, 81-104
6. Clarke D., Zachowania prospołeczne i antyspołeczne, Gdańsk 2005, s. 142-143.

7. Crouch S., Shaftoe H., Fleming R. Bezpieczne mieszkanie, dom i osiedle [w]: Czarnecki B., Siemiński W., Kształtowanie bezpiecznej przestrzeni publicznej. Difin, Warszawa, 2004, 33
8. Czarnecki B., Siemiński W., Kształtowanie bezpiecznej przestrzeni publicznej. Difin, Warszawa, 2004, 16-21, 25-73, 97-138, 170-210
9. Goszczyńska M., Studenski R., Przedmowa, w: Psychologia zachowań ryzykownych. Koncepcje badania praktyka. Goszczyńska M., Studenski R. (red.), Wydawnictwo Akademickie „Żak”, Warszawa, 2006, s. 9-16.
10. Grafmayer Y., Joseph J., L'ecole de Chicago. Ed. Du Champ Urbain, Paris, 1979, 23
11. Halbwachs M., La morfologie sociale. A. Colin, Paryż, 1970, 132
12. Hillier B., Can streets be made safe?, maszynopis, Londyn, 2002, 5
13. Imbert M., Production, gestion et appropriation des espaces exterieures au milieu Urbanie novueau, La ville nouvelle du Vaudreuil. T. I, maszynopis, Paryż, 1978, 11
14. Jałowiecki B., Społeczne wytwarzanie przestrzeni. Wydawnictwo Naukowe Scholar, Warszawa, 2010, 19-48
15. Jałowiecki B., Szczepański M. S., Miasto i przestrzeń w perspektywie socjologicznej. Scholar, Warszawa, 2006, 314-426
16. Kalinowski M., Niewiadomska I. (2010). Skazani na wykluczenie!? Zasoby adaptacyjne osób zagrożonych marginalizacją społeczną. Lublin: Wydawnictwo KUL
17. Kazdin A. E., Problem solving and parent management in treating aggressive and antisocial behavior. Psychosocial treatments for child and adolescent disorders: Empirically based strategies for clinical practice, w: Psychosocial treatments for child and adolescent disorders: Empirically based strategies for clinical practice. Hibbs, E. D., Jensen, P. S., (red.), American Psychological Association, Waszyngton, 1996, 377-408
18. Martin D., Joomis K., Building Teachers: A Constructivist Approach to Introducing Education, Belmont, Wadsworth, 2007, 72–75 |
19. Maslow A., A theory of human motivation. Psychological Review, 1943, 50: 370-396
20. Moles A., Rohmer E., Psychologie de l'espace. Casterman, Tournai, 1973, 32
21. Pospiszyl I., Patologie społeczne. Warszawa 2010, s. 107.
22. Poyner B., Design Against Crime: Beyond Defensible Space. Butterworths, Londyn, 1983, 6
23. Pytka L. (2002). Pedagogika resocjalizacyjna. Wybrane zagadnienia teoretyczne i metodyczne. Warszawa: Wydawnictwo ASP.
24. Rogge J.-U., Agresja a wychowanie. Czy dzieci mają prawo do agresji? Kielce 2009, s. 10.
25. Stawiarska-Lietzau M., Wybrane podmiotowe uwarunkowania skłonności do ryzyka u kobiet i mężczyzn, w: Psychologia zachowań ryzykownych. Koncepcje, badania, praktyka. Goszczyńska M., Studenski R. (red.), Wydawnictwo Akademickie „Żak”, Warszawa, 2006, s. 171-192.
26. Szyszko J., Rylke J., Jeżowski P., Ocena i wycena zasobów przyrodniczych. SGGW, Warszawa, 2002, 41-57
27. Wekerle G., Whitzman C., Safe Cities, Giudelines For Planning, Design and Management. Van Nostrand Reinhold, Nowy Jork, 1993, 50, 127



Ірина Ігнат'єва

Doctor of Economics, professor at Kyiv National University of
Technologies and Design, Dean of the Faculty of Economics and
Business

Валентина Шульга

Candidate of economic sciences, professor of the Kiev National
University of Technologies and Design, Director of the Training
Center of International Cooperation

Сучасні моделі стратегічного
управління підприємством в епоху
«Мрій» / *Current models of strategic
management in the era of "Dreams"*

Abstract

Since the second half of the twentieth century, the global economy began to emerge trends and today exert a significant influence on the strategic behavior of companies, namely, the constant search for ways to maximize the company's value, and constant adaptation to the increasing variability of the environment and intense competition. To date, foreign and domestic researchers continue to actively investigate the problem of strategic management and, given these characteristics of modern competitive environment as amorphous and naddynamichnist, create new approaches to business strategies. The study of competence-oriented approach based on the concepts of strategic management laid K.K.Prahaladom and H.Hamelom. Many works devoted to the study of competence-based approach and Dzh.Ris A.Drezher researchers [2], which identified the main provisions of the approach. F.Amess, A.Avadikyan and P.Kohendet in their studies combining resource-oriented and of competence-oriented approaches into a single concept of strategic management firms that their activities are based on knowledge (so-called «knowledge-based firms») [1]. Authors D.Dzh.Tis, H.Pisano A.Shuen and, in turn, noted that the selection of areas of competence of the firm is solely the result of the evolution of its routine operations.

Key words: strategy, management.

Починаючи із другої половини ХХ століття у світовій економіці почали виникати тенденції, які і на сьогоднішній день чинять значний вплив на стратегічну поведінку компаній, а саме: постійний пошук шляхів максимізації вартості компанії, а також постійна адаптація до зростаючої мінливості зовнішнього середовища та інтенсивної конкуренції. На сьогоднішній день закордонні та вітчизняні дослідники продовжують активно ви-

вчати проблему стратегічного управління підприємствами та, враховуючи такі характеристики сучасного конкурентного середовища як аморфність та наддинамічність, створюють все нові підходи до бізнес-стратегій.

Дослідження компетенційно-орієнтованого підходу базуються на концепціях стратегічного менеджменту, закладених К.К.Прахаладом та Г.Хамелом. Багато праць присвятили вивченню компетенційно-орієнтованого підходу дослідники А.Дрежер та Дж.Ріс [2], які визначили основні положення даного підходу. Ф.Амесс, А.Авадікян та П.Когендет у своїх дослідженнях поєднують ресурсно-орієнтований та компетенційно-орієнтований підходи в одну загальну концепцію стратегічного управління фірмами, які свою діяльність базують на знаннях (так звані «knowledge-based firms») [1]. Автори Д.Дж. Тіс, Г.Пісано і А.Шуен в свою чергу зазначали, що виділення областей компетенцій фірми є виключно результатом еволюції її рутинних операцій.

Основи ж компетенційної моделі стратегічного оновлення ґрунтуються на роботах В.Манке та Дж.Г.Аадне [10]. Не дивлячись на велику кількість публікацій та досліджень з тематики сучасних бізнес-стратегій та стратегічного менеджменту, залишаються невирішеними такі аспекти стратегічного управління бізнесом, як динамічне управління компетенціями й стратегічними (ключовими) компетенціями компаній та загальна роль компетенцій у процесі стратегічного розвитку компаній.

Приймаючи до уваги складність теми, яка розглядається в межах даної статті та багатогранність точок зору дослідників на дане питання, метою статті будемо вважати визначення основних підходів до використання компетенційного підходу в практиці стратегічного менеджменту сучасних компаній.

Узагальнюючи тенденції розвитку стратегічного менеджменту, які існують в бізнесі на початку ХХІ століття, можемо відзначити такі основні з них:

- поява терміну «нова економіка»;
- поява і бурхливий розвиток нових напрямів стратегічної думки;
- редизайн організацій;
- принципово нові моделі лідерства.

Як результат зазначених трендів, у стратегічному менеджменті виникли концепції, які дозволяють компаніям найкращим чином пристосовувати свої довгострокові плани та поточну діяльність до зовнішнього середовища. Серед таких концепцій часто називають:

- сучасний фінансовий аналіз (ключовими ознаками якого стали такі поняття як «вартість акціонера», «економічний прибуток», «теорія вибору», тощо);
- ключові компетенції та нематеріальні активи;
- динамічні конкурентні ринки («гіперконкуренція»);
- конкурентні переваги, придбані шляхом об'єднання у альянси та мережі.

У зв'язку з вищезазначеним, в сучасному стратегічному менеджменті можна виділити наступні елементами бізнес-стратегій компаній, наявність, постійних розвиток та вдосконалення яких гарантують довгострокову успішність в сучасних умовах господарювання:

- зниження витрат (шляхом реінжинірингу бізнес-процесів та підвищенню продуктивності робочої сили);
- аутсорсинг, рефокусування та продаж бізнес-активів;
- управління ефективністю.

Формулюючи бізнес-стратегії, власники та топ-менеджери в сьогодишніх умовах перш за все звертають увагу на такі чинники, як: джерела майбутніх прибутків, постійно зростаюча невизначеність бізнес-середовища та інтенсивність конкуренції, популяризація інформаційних та комунікаційних технологій, вимоги суспільства (соціальна відповідальність та відповідальність за навколишнє середовище, етика та моральність бізнесу, пошук вищого філософського сенсу існування того чи іншого бізнесу). У зв'язку із цим, не можна оминати такий важливий тренд, як новітні моделі лідерства, які проявляються в тому, що топ-менеджери компаній на сьогодишній день потребують зовсім інших компетенцій, ніж у минулому столітті. У ХХІ столітті топ-менеджмент організацій, від якого очікують таких якостей, як довіра, ентузіазм, результативність, здатність формувати мережеві структури та впливати на інших, використання інформації, потребує наступних компетенцій: ділова грамотність, креативність, гнучкість, емпатія, здатність ефективно вирішувати проблеми та створювати стосунки і працювати в команді, а головне – здатність бачити загальну картину бізнесу.

Компетенційно-орієнтований підхід базується на концепціях стратегічного менеджменту, закладених ще К.К.Прахаладом та Г.Хамелом і будується навколо колективного навчання щодо того, як координувати різноманітні виробничі здатності та інтегрувати численні технологічні навички. Фірма в рамках даного підходу розглядається як соціальний інститут, головною характеристикою якого є компетенції, які є за визначенням дослідників набором ефективно використовуваних здатностей. Деякі з компетенцій визнаються *стратегічними* (або за К.К.Прахаладом та Г.Хамелом – «ключовими») і саме вони є основним джерелом конкурентоспроможності фірми («тим, що фірма робить краще за інших»). Центром компетенційно-орієнтованого підходу є, за визначенням А.Дрежера та Дж.Ріса [2], функціональні характеристики компетенцій фірми (тобто ті ефекти, які є результатами застосування компетенцій підприємства), а не її структурна характеристика.

Зазначимо, що у своїх дослідженнях Ф.Амесс, А.Авадікян та П.Когендет поєднують ресурсно-орієнтований та компетенційно-орієнтований підходи в одну загальну *концепцію стратегічного управління фірмою, яка свою діяльність базує на знаннях (knowledge-based firm)* [1].

Другу групу підходів ці автори об'єднали під назвою *теорія еволюційної економіки*. Автори зазначають, що для послідовників даного напрямку, таких як

Д.Тіс, Г.Пісано і А.Шуен, а також Досі та Маренжо виокремлення області компетенцій фірми є виключно результатом еволюції рутинних операцій. Джерелом знань є рутинні операції, які розглядаються як постійно повторюваний набір дій фірми, в той час як інновація є непередбачуваною зміною («мутацією») рутинних дій, яка не може бути очолювана одним менеджером.

В межах еволюційного підходу виокремлюють підхід *динамічних здатностей* (dynamic capabilities), які відображають здатність фірми до інтеграції, створення та реконфігурації власних внутрішніх та зовнішніх компетенцій для адаптації до мінливого зовнішнього середовища. Динамічні здатності, таким чином, відображають здатність фірми створювати нові інноваційні форми конкурентних переваг, що на нашу думку, є дуже важливим для відчизняних підприємств, які вступають в сучасні умови господарювання, виходять на глобальні ринки, які відзначаються своєю гіпердинамічністю та інноваційністю.

Відмітні організаційні здатності можуть забезпечити конкурентну перевагу та створювати дохід лише в тому випадку, коли вони базуються на діях, навичках та складних активах, які важко імітувати.



Рис. 1. Схема концепції еволюційного підходу до стратегічного менеджменту

Підхід динамічних здатностей відрізняється від ресурсного підходу тим, що динамічні здатності розглядаються в даному випадку як дещо, що потребує розвитку, а не просто прийняття як даності. Як зазначено у статті Д.Тіса, Г.Пісано та А.Шуен: «Якщо джерелом економічного прибутку є контроль над рідкісними ресурсами, такі речі як пошук знань та навчання стають в даній організації стратегічно важливими. Саме ці елементи (пошук та залучення знань, навчання, та акумулювання унікальних здатностей) є основою того, що ми називаємо «підходом динамічних здатностей». В такому випадку можемо зробити висновок, що прибуток є не лише результатом невизначеності, а є результатом направлених дій фірм, які диференціюють свої здатності, і результатом зусиль менеджерів, які розподіляють ці активи у відповідності до стратегічних цілей». [8].

В межах даного підходу ключової стратегічної ролі набуває також досвід в таких сферах як управління дослідженнями та інноваціями (R&D), розробка продуктів та процесів, виробництва, і людські ресурси [8]

Компетенційна модель стратегічного оновлення ґрунтується на роботах авторів, сферою наукових інтересів яких є стратегічне оновлення і визначає його як процес, що об'єднує [10]:

1. стратегічне мислення;
2. скоординовані стратегічні дії;
3. процес перетворення стратегічної ідеї в скоординовану стратегічну дію.

Дана модель включає [7]:

1. підтримку компетенцій, що призначаються для підтримки скоординованого розгортання активів через структуровану послідовність;
2. побудову компетенцій, що спричиняє якісні зміни в існуючих активах, здатних створити нові варіанти стратегічного розвитку.

Обидві складові залежать від централізованого управління, яке допомагає уникати потенційних джерел небезпеки і може перешкоджати переходу між різними підпроцесами стратегічного оновлення. Рисунок 2 ілюструє головні аспекти моделі, яка розглядається:



Рис.2. Принципова схема компетенційної моделі стратегічного оновлення

У той час як стратегічна уява сприяє створенню нових компетенцій, розвиток точок дотику готує організацію до них, підтримуючи послідовність і встановлює взаємозв'язки із існуючими компетенціями [8]. Координація стратегічних дій таким чином ґрунтується на двох попередніх процесах і залучає адаптивне створення нових компетенцій.

Виходячи з мети даного дослідження, вважаємо за можливе зробити наступні висновки.

1. В умовах початку XXI століття менеджери компаній все частіше звертають увагу на такі стратегічно важливі фактори діяльності як: джерела майбутніх прибутків, шляхи подолання постійно зростаючої невизначеності бізнес-середовища, гіперконкурентний стан ринків, а також на інформаційні технології і соціальну та екологічну відповідальність бізнесу. Тому сьогодні виникають нові підходи до створення та утримання стійкої конкурентної переваги, нові моделі лідерства, що проявляється у попиті на компетенціях зовсім іншого роду, ніж у XX столітті.
2. Підприємство в рамках компетенційно-орієнтованого підходу є соціальним інститутом, головною характеристикою якого є компетенції. Деякі з компетенцій можна визначити як стратегічні (або «ключові») і саме вони є основним джерелом конкурентоспроможності фірми. Ядром компетенційно-орієнтованого підходу є функціональні характеристики компетенцій фірми (тобто ті ефекти, які є результатами застосування компетенцій підприємства), а не їх структурна характеристика.
3. Як результат вищезазначеного виникає компетенційна модель стратегічного оновлення, яка ґрунтується на стратегічному мисленні, координації стратегічних дій, та удосконаленні процесів та методів перетворення стратегічної ідеї в скоординовану стратегічну дію.

ЛІТЕРАТУРА

1. Amesse F., Avadikyan A., Cohendet P. Resources And Competences Perspectives On Strategy Of The Firm: A Discussion Of The Central Arguments. // Сайт в Інтернеті: [http:// cournot2.u-strasbg.fr/users/beta/Lea/Amesse-Avadikyan-Cohendet.pdf](http://cournot2.u-strasbg.fr/users/beta/Lea/Amesse-Avadikyan-Cohendet.pdf)
2. Drejer, A. & Riis, J.O., "Competence development and technology", *The International Journal of Technovation*, vol. 19, pp. 631-644, 1999.
3. MacDonald, G. and M. D. Ryall (2004) "How do Value Creation and Competition Determine Whether a Firm Appropriates Value?" *Management Sci.* 50(10) 1319-1333;
4. Moore, M. 1995, *Creating Public Value: Strategic Management in Government*, Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts.
5. Moreton, Patrick. *Value-based Strategy Theories: Clarification and Implications*. March 2, 2004. Olin School of Business. Washington University in St. Louis
6. Nickerson J.A., *Intellectual Capital Management Strategy: The Foundation of Successful New Business Generation*. Washington University in St. Louis and Brian S. Silverman, Harvard Business School // *Journal of Knowledge Management* Volume 1, 1998
7. Sanchez, R., Heene, A. and Thomas, H. *Towards the theory and practice of competence-based competition*, *Dynamics of Competence-Based Competition*, eds R. Sanchez, A. Heene, H. Thomas, Oxford, England, Elsevier Pergamon, pp 1-36 (1996)
8. Teece, D. et al., 1994, "Understanding corporate coherence", *Journal of Economic Behaviour and Organization*, 23, 1-30.
9. *The Universal Business Model* // Сайт в Інтернеті: <http://www.howarddowding.com/home.htm>

10. Volker Mahnke & John Harald Aadne, 1998. "Processes of Strategic Renewal, Competencies, and the Management of Speed," DRUID Working Papers 98-20, DRUID, Copenhagen Business School, Department of Industrial Economics and Strategy/Aalborg University, Department of Business Studies.

Informacja dla Autorów

Redakcja „PROSOPOŃ” zaprasza do współpracy Autorów, którzy chcieliby publikować swoje teksty na łamach naszego pisma. Uprzejmie informujemy, że przyjmujemy do publikacji artykuły nie dłuższe niż 20 stron znormalizowanego maszynopisu (1800 znaków ze spacjami na stronę), a w przypadku recenzji – niż 8 stron. Do artykułów prosimy dołączyć streszczenie w języku polskim i angielskim (wraz z angielskim tytułem artykułu) o objętości do 200 słów. Prosimy o niewprowadzanie do manuskryptów zbędnego formatowania (np. nie należy wyrównywać tekstu spacjami czy stosować zróżnicowanych wypukleń, wycień itp.). Sugerowany format: czcionka Arial, 12 pkt., interlinia 1,5. Piśmiennictwo zawarte w artykule należy sformatować zgodnie z tzw. zapisem harwardzkim, zgodnie z którym lista publikacji istotnych dla artykułu ma być zamieszczona na jego końcu i ułożona w porządku alfabetycznym. Publikacje książkowe należy zapisywać:

Fijałkowska B., Madziarski E., van Tocken T.L. jr., Kamilska T. (2014). Tamizdat i jego rola w kulturze radzieckiej. Warszawa: Wydawnictwo WSM.

Rozdziały w publikacjach zwartych należy zapisywać:

Bojan A., Figurski S. (2014). Nienowoczesność – plewić czy grabić. W.S. Białokozowicz (red.), Nasze czasy – próba syntezy. Warszawa: Wydawnictwo WSM.

Artykuły w czasopismach należy zapisywać:

Bobrzyński T.A. (2009). Depression, stress and immunological activation. British Medical Journal 34 (4): 345-356.

Materiały elektroniczne należy zapisywać:

Zientkiewicz K. Analiza porównawcza egocentryka i hipochondryka. Żart czy parodia wiedzy? Portal Naukowy „Endo”. www.endo.polska-nauka.pl (data dostępu: 2014.07.31).

W tekście artykułu cytowaną publikację należy zaznaczyć wprowadzając odnośnik (nazwisko data publikacji: strony) lub – gdy przywołane jest nazwisko autora/nazwiska autorów w tekście – (data publikacji: strony), np.: Radzieckie władze „[...] podjęły walkę z tamizdaten na dwóch płaszczyznach: ideologicznej i materialnej” (Fijałkowski i wsp. 2014: 23). lub: Radziecka prasa, jak stwierdzają Fijałkowski i współnicy, „lżyła autorów druków bezdebitowych” (2014: 45). W przypadku przywoływanych tekstów, gdy nie ma bezpośredniego cytowania, należy jedynie podać nazwisko i rok publikacji (bądź sam rok, jeśli nazwisko autora pada w tekście głównym). W odnośnikach w tekście głównym należy w przypadku więcej niż dwóch autorów wprowadzić „i wsp.”, np. (Fijałkowski i wsp. 2014). W tekście piśmiennictwa (tj. alfabetycznie ułożonej literaturze) prosimy wymienić wszystkich autorów danej publikacji. Więcej o zasadach stylu harwardzkiego m.in. na Wikipedii (http://pl.wikipedia.org/wiki/Przypisy_harwardzkie). Uwaga, przypisy krytyczne, inaczej tzw. aparat krytyczny, prosimy w miarę możliwości zredukować do minimum i wprowadzać do głównego tekstu manuskryptu.

Zaznaczamy, że Redakcja nie płaci honorariów, nie zwraca tekstów niezamówionych oraz rezerwuje sobie prawo do skracania tekstów.

Teksty prosimy przesyłać drogą elektroniczną za pomocą formularza na stronie WWW: <http://humanum.org.pl/czasopisma/humanum/o-czasopismie> lub na adres e-mailowy: biuro@humanum.org.pl

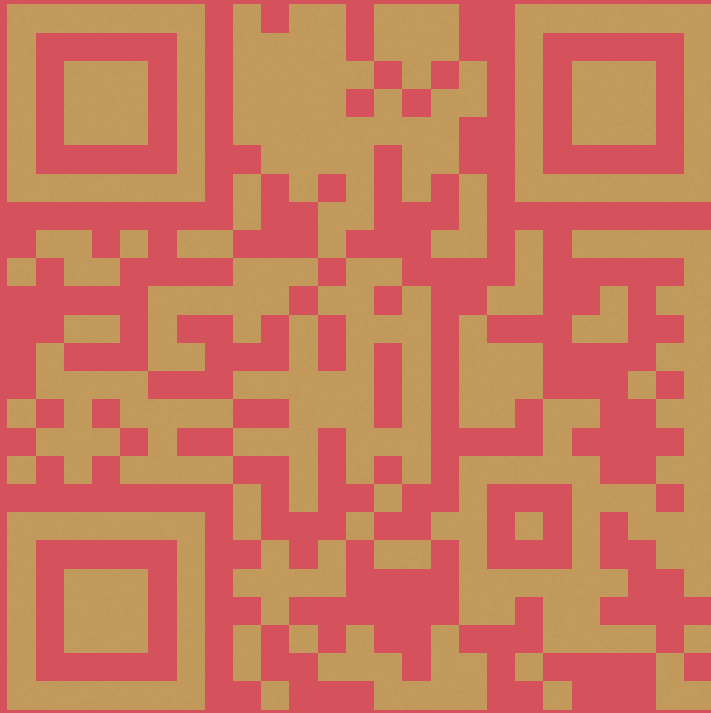
Do tekstu należy dołączyć informację o aktualnym miejscu zamieszkania, nazwie i adresie zakładu pracy, tytule naukowym, stanowisku i pełnionych funkcjach. Każdy tekst przesłany pod adres Redakcji z prośbą o druk na łamach czasopisma podlega ocenie. Proces recenzji przebiega zgodnie z założeniami „double blind” peer review (tzw. podwójnie ślepej recenzji). Do oceny tekstu powołuje się co najmniej dwóch niezależnych recenzentów (tzn. recenzent i autor tekstu nie są ze sobą spokrewni, nie występują pomiędzy nimi związki prawne, konflikty, relacje podległości służbowej, czy bezpośrednia współpraca naukowa w ciągu ostatnich 5 lat). Recenzja ma formę pisemną i kończy się stwierdzeniem o dopuszczeniu lub niedopuszczeniu tekstu do druku.

W związku z przypadkami łamania prawa autorskiego oraz dobrego obyczaju w nauce, mając na celu dobro Czytelników, uprasza się, aby Autorzy publikacji w sposób przejrzysty, rzetelny i uczciwy prezentowali rezultaty swojej pracy, niezależnie od tego, czy są jej bezpośrednimi autorami, czy też korzystali z pomocy wyspecjalizowanego podmiotu (osoby fizycznej lub prawnej).

Wszystkie przejawy nierzetelności naukowej będą demaskowane, włącznie z powiadomieniem odpowiednich podmiotów (instytucje zatrudniające Autorów, towarzystwa naukowe itp.).

Do przedłożonych tekstów z prośbą o druk, Autor tekstu jest zobowiązany dołączyć:

1. Informację mówiącą o wkładzie poszczególnych Autorów w powstanie publikacji (z podaniem ich afiliacji oraz kontyubcji, tj. informacji, kto jest autorem koncepcji, założeń, metod, protokołu itp. wykorzystywanych przy przygotowaniu publikacji), przy czym główną odpowiedzialność ponosi Autor zgłaszający manuskrypt.
2. Informację o źródłach finansowania publikacji, wkładzie instytucji naukowo-badawczych, stowarzyszeń i innych podmiotów.



HUMANUM Instytut Studiów Międzynarodowych
i Edukacji w Warszawie